



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



JARDIAEL NOGUEIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CAL NO SEGUNDO DISTRITO DE
CARUARU-PE: CULTURA DO TRABALHO E A PAISAGEM CULTURAL NO POVOADO
DO JUÁ – 1950-1980**

Recife, 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



JARDIAEL NOGUEIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CAL NO SEGUNDO DISTRITO DE
CARUARU-PE: CULTURA DO TRABALHO E A PAISAGEM CULTURAL NO POVOADO
DO JUÁ – 1950-1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Emanuela Sousa Ribeiro

Recife, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m SILVA, Jardíael Nogueira da
MEMÓRIAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CAL NO SEGUNDO DISTRITO DE CARUARU-PE:
CULTURA DO TRABALHO E A PAISAGEM CULTURAL NO POVOADO DO JUÁ – 1950-1980 / Jardíael
Nogueira da SILVA. - 2023.
152 f. : il.

Orientadora: Emanuela Sousa Ribeiro.
Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em
História, Recife, 2023.

1. Trabalho. 2. Produção da cal. 3. Segundo Distrito. 4. Caruaru. I. Ribeiro, Emanuela Sousa, orient. II.
Título

JARDIAEL NOGUEIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS DA PRODUÇÃO ARTESANAL DA CAL NO SEGUNDO DISTRITO DE
CARUARU-PE: CULTURA DO TRABALHO E A PAISAGEM CULTURAL NO POVOADO
DO JUÁ – 1950-1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

APROVADA EM: 24/ 07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Emanuela Sousa Ribeiro
Universidade Federal Rural de Pernambuco-Orientadora

Prof.^a Dr^a Mariana Zerbone Alves de Albuquerque
Universidade Federal Rural de Pernambuco-Examinadora interna

Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba-Examinador externo

A Maria do Carmo e José Nogueira, meus pais, por toda compreensão e carinho, suas lembranças tornaram-se um ponto firme para construção desse trabalho, para Graciana (Ena) – In Memoriam, que muito torceu para meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi fruto de uma experiência mais inusitada de minha vida acadêmica, ter passado por um processo de estudos e pesquisa longe dos bancos da universidade, isso, por conta do que a pandemia causada pelo avanço da Covid-19 proporcionou na vida das pessoas, com maior impacto, entre as famílias que não tiveram a chance de se despedir de seus entes queridos. Reservo essas palavras em solidariedade a todas as perdas humanas em um momento tão difícil.

O que pode ter sido um ponto de apoio para seguir numa tarefa tão desgastante, intensificada pela falta do contato físico dos colegas e professores, foi o apoio e a escuta dos familiares e amigos, interessados em saber de meu progresso investiam palavras de incentivo que se traduziam em ânimo e coragem para continuar com o tal projeto.

Agradecimentos não faltam, em especial aos meus pais, que tiveram à compreensão de entender de minha concentração de tempo para os estudos, o que diminuía os momentos de convívio e ajuda nas tarefas familiares. Pela paciência, nos momentos que demonstrava está esgotado, ainda sim, depositavam a crença de que estava realizando algo para meu desenvolvimento.

De início fui agraciado com a orientação que se transformou em amizade da professora Dra. Emanuela Ribeiro, a quem tenho um profundo respeito e admiração, sua inteligência e cuidado transpassava a tela nos encontros das aulas e orientações. Em momentos difíceis foi mais que uma ajuda, um incentivo, uma inspiração aos estudos. Pois, sabia de perto meus limites, com sua sabedoria, cuidado e atenção, tranquilizava-nos em momentos de ansiedade e forçadas expectativas, o que me deixava mais confortável, motivado e acolhido. Mais que agradeço à sua paciência nas análises de minha escrita, sei que em vários momentos estive confusa em entender meus pensamentos.

Deixo meu especial agradecimento a todos os colaboradores que a mim oportunizaram de conhecer valiosas memórias, advindas dos ricos depoimentos, cheios lembranças regadas de sentimentos diversos – saudosismo, sofrimento, bravura e alegrias –. Aos senhores José Simião (*in memoriam*), José Guilhermino (Zé Pequeno), Sebastião (Tião), Severino (Bil de Leu), José Manoel (Zezé), Ivanildo, João Miguel, as senhoras Rita e Maria da Conceição, que tomaram de seu tempo para revelar parte de seus saberes, experiências e trajetória de vida. Foi explorando suas falas que consegui apoio ao resgate de parte dessa história, sem eles não seria possível.

Deixo meus sinceros agradecimentos aos amigos e professores que me ajudaram desde o início da caminhada acadêmica, ao Professor Kleber Fernandes, que em muito me incentivou e proporcionou de valiosas orientações sobre o mundo acadêmico.

Não poderia esquecer do professor, amigo, conselheiro e colaborador da pesquisa, o Mestre Josué, que em muitos momentos tomou de seu tempo para de alguma forma contribuir com informações, textos, conversas e ainda com suas valiosas lembranças de quando morava no Juá e presenciou o “movimento da cal”.

Acrescento ainda a importante contribuição que os membros da banca de defesa de Dissertação tenham proporcionado, a Professora Dra. Mariana Zerbone, que desde quando aluno em disciplinas ministradas por ela, instigava as aproximações do meu objeto com as propostas teóricas discutidas, muito em função de sua profunda sabedoria pode depositar de excelentes sugestões para um melhor aproveitamento e abordagem na pesquisa.

Ao amigo, ex-orientador e Professor Dr. José Adilson Filho, que tenho grande respeito e admiração. Suas análises e sugestões acompanham todo processo que vem da maturação da ideia de pesquisa as comunidades produtoras de cal, até a vivência de uma experiência como essa, estando sempre perto quando precisávamos de ajuda.

Agradeço aos colegas de trabalho das escolas Municipal Maria Félix de Lima, no povoado do Juá, e Escola Estelita Timóteo, em Toritama, amigos que de alguma forma colaboraram nessa trajetória, apoiando e ajudando nas necessidades possíveis que surgiam.

Gostaria de agradecer, especialmente, aos professores do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE, eles que acolheram desde o início aceitando nosso projeto de pesquisa e que puderam apresentar caminhos teóricos, técnicos e sociais, para além da função e do papel do historiador. Ao próprio programa, que mediante as possibilidades do momento que atravessávamos, não media esforços para que pudéssemos desenvolver nossas estudos e pesquisas.

Aquele que não sabe repousar no limiar do momento, esquecendo de todo o passado, aquele que não sabe se soerguer, como o gênio da vitória, sem vertigens e sem temor, nunca vai saber o que é a felicidade e, o que é pior, nunca vai fazer algo que possa tornar felizes os outros.

(Nietzsche, 2019, p.13)

RESUMO

A produção artesanal da cal foi uma atividade econômica importante em parte do Segundo Distrito de Caruaru durante quase todo o século XX, atraindo homens e mulheres de diferentes idades para explorarem os recursos naturais (calcário e lenha) que eram a base para transformações em cal nos fornos. A intensificação dessa atividade na vida das pessoas e das comunidades da região foi capaz de modificar um dos elementos mais característicos de um grupo social, a cultura, além de provocar mudanças de ordem natural, a paisagem. Dessa forma, buscamos analisar nas memórias a cultura que tenha se constituído em função do trabalho de fazer cal artesanal na região e, no ambiente perceber na paisagem os elementos que apresentem e demonstrem a interferência e a importância da produção no período entre as décadas de 1950 a 1980. Para isso, buscamos nos referenciar em autores como E. P. Thompsom (1981), que em suas análises mostra que a cultura é parte integrante, criada e validada pelos membros de uma sociedade, algo que seja modelado por suas experiências e necessidades – nos dando a oportunidade de enxergá-la pelo conceito de Cultura do Trabalho (Antunes, 2009 e Silva, 2003) a partir das memórias que reunimos através de entrevistas, buscamos promover uma aproximação com as ideias do sociólogo Halbwachs (1990), que afirma que essas Memórias são “coletivas” uma vez que foram tecidas pelo grupo e são lembradas pelos membros. Outro conceito importante para o trabalho é o de paisagem cultural (Menezes, 2002 e Ribeiro, 2007), moldada pela fome dos fornos, que motivaram o amplo consumo dos recursos naturais, e se tornando um dos resultados de todo processo de exploração e transformação em cal, pois a paisagem carrega marcas que também são memórias compartilhadas entre o homem e a natureza. Estas apreciações ajudam a interpretar e reconhecer parte da história do Povoado do Juá e comunidades vizinhas que trabalharam na produção artesanal da cal, – histórias de pessoas que nunca tiveram a oportunidade de serem reconhecidas pelas lentes da história, ou de outra ciência.

Palavras-Chave: Trabalho; Produção da cal, Segundo Distrito; Caruaru.

ABSTRACT

The artisanal production of lime was an important economic activity in part of the Second District of Caruaru throughout almost the entire 20th century, attracting men and women of different ages to explore the natural resources (limestone and firewood) that were the basis for processing lime in the ovens. The intensification of this activity in people's lives and communities in the region was capable of modifying one of the most characteristic elements of a social group, the culture, in addition to causing natural changes, the landscape. Therefore, we seek to analyze in memories the culture that has been constituted as a result of the work of making artisanal lime in the region and, in the environment, perceive in the landscape the elements that present and demonstrate the interference and importance of production in the period between the 1950s to 1980s. Therefore, we sought to refer to authors such as E. P. Thompson (1981), who in his analyzes shows that culture is an integral part, created and validated by the members of a society, something that is shaped by their experiences and needs – giving us the opportunity to see it through the concept of Work Culture (Antunes, 2009 and Silva, 2003) based on the memories we gathered through interviews, we sought to promote an approximation with the ideas of sociologist Halbwachs (1990), who states that these Memories are “ collective” since they were made by the group and are remembered by the members. Another important concept for the work is that of cultural landscape (Menezes, 2002 and Ribeiro, 2007), shaped by the hunger of the ovens, which motivated the widespread consumption of natural resources, and becoming one of the results of the entire process of exploration and transformation into cal, as the landscape carries marks that are also shared memories between men and nature. These assessments help to interpret and recognize part of the history of Povoado do Juá and neighboring communities that worked in the artisanal production of lime, – stories of people who never had the opportunity to be recognized through the lens of history or another science.

Keywords: Work, Second District, Production of lime, Caruaru

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da divisão distrital do território do município de Caruaru-PE.....	20
Figura 2 – Mapa da região produtora da cal no Segundo Distrito de Caruaru apresentando as comunidades que desenvolviam o trabalho.....	23
Figura 3 – Imagem de pedreira na região da comunidade do Juá.....	29
Figura 4 – Localização do forno de Xixi, na comunidade de Baraúnas.....	30
Figura 5 – Imagem da parte da frente externa de um forno preservado na comunidade de Palmatória II.....	62
Figura 6 – Distribuição dos fornos na região produtora de cal, II Distrito de Caruaru-PE.....	65
Figura 7 – Imagem de armazém e entrada para boca do forno.....	71
Figura 8 – Imagem e esquema do espaço da bacia do forno.....	73
Figura 9 – Trabalhador posando para foto nas dependências do forno.....	75
Figura 10 – Transporte e comércio de cal em burros e jumentos.....	78
Figura 11 – Trabalhadores da cal.....	81
Figura 12 – Imagem de satélite do forno de Zé Pequeno.....	120
Figura 13 – Antigos pontos de extração de calcário.....	122
Figura 14 – Pedreira de João Tejo.....	122
Figura 15 – Imagem satélite dos fornos da mata.....	125
Figura 16 – Imagem satélite dos fornos de Dão, Ticaca e Adilson.....	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A HISTÓRIA DE UMA REGIÃO SOB OLHAR DA PAISAGEM, A AÇÃO DO TRABALHO E O PODER DA MEMÓRIA.....	18
1.1 As interfaces da região produtora da cal no Segundo Distrito de Caruaru.....	19
1.2 Paisagem e paisagem cultural sob a ótica de lugar que torna viva memórias.....	25
1.3 Memórias para uma história da produção da cal.....	32
1.4 Cultura do trabalho: a construção de um conceito para agir com a História.....	38
2 O FAZER DA CAL, UMA RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA: AS PEDRAS QUE IMPORTAM AO CAMINHO.....	48
2.1 O início da produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru.....	55
2.2 As condições e o fazer a cal artesanal.....	60
2.3 Quem eram os trabalhadores e trabalhadoras?.....	79
2.4 Relações de trabalho na produção da cal.....	87
3 DEGRADAÇÕES DO HOMEM E DA NATUREZA: MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS E A CRISE DA CAL.....	100
3.1 A produção artesanal da cal: riscos, impactos e perdas ao homem e na natureza.....	101
3.2 A crise e extinção do trabalho com a cal.....	109
3.3 Os efeitos do trabalho têm “efeitos” na paisagem.....	117
3.3.1 No fim, o que “ganhou” o trabalhador e trabalhadora?.....	127
4 CONSIDERAÇÕES E APONTAMENTOS FINAIS.....	134
5 FONTES ORAIS.....	138
5.1 Entrevistas.....	138
6 REFERÊNCIAS.....	139

GLOSSÁRIO.....	143
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	146
APÊNDICE 2 – Tabela dos pontos da figura 6.....	148

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender como a maneira de fazer a cal artesanal em parte do Segundo Distrito de Caruaru-PE ajudou a formar uma cultura presente nas memórias dos que nela estiveram envolvidos, assim como as ações designadas pelo fazer da cal proporcionaram a composição uma paisagem cultural, carregada de marcas e formas que evidenciam o que foi essa atividade na região.

É difícil afirmar quando foi que o ser humano descobriu e manteve os primeiros contatos com a cal, dada sua importância ao longo da história. Muitos até tentam projetar dentro dos recortes cronológicos pré-históricos um momento para tal descoberta, mas são poucas as referências que atentam com propriedade sobre o assunto. Oliveira (2014), baseado nas indicações do renomado arqueólogo Brian Fagan, comenta que achados arqueológicos apontam que foi ainda no período Paleolítico que pedras de calcário já eram queimadas ao redor de fogueiras, dando a entender que assim conseguiu perceber a sua transformação em cal.

Muitas transformações ocorreram ao longo do tempo, o que se viu foi uma aproximação maior entre o homem e a cal. Aprimorando-se técnicas para ter acesso ao artigo, que em muitas sociedades (egípcia, inca, grega, romana), se tornou ingrediente importante para construção e ornamentação de imponentes projetos e monumentos que referenciaram o valor material, artístico arquitetônico e cultural de civilizações antigas ao redor do mundo (INÁCIO, 2021).

No Brasil, segundo Gabriel Soares de Sousa em seu Tratado Descritivo do Brasil, um manuscrito de 1587, a produção da cal já era bem noticiada nessa época. Em virtude do projeto colonial português que tomou conta do litoral brasileiro, a abundância de conchas e corais nas praias logo foi consumida como matéria-prima para fazer o produto tão aceito e requisitado naquela época. Passando a serem bem-vistas as construções que tivessem em sua composição “pedra e cal”, sendo elas: igrejas, habitações, fortes e outros prédios que denotavam status e referências a uma elite luso-brasileira.

Pela relevância que o Nordeste tinha naquela época, onde concentrava-se as principais povoações da colônia portuguesa na América, existia uma necessidade de obter cal. Sousa (1879), apresenta com certo detalhe os usos, os centros de produção e o fazer da cal nas regiões de Olinda, Recife, Salvador, Itamaracá e outros.

Nos domínios do território pernambucano, na região da Ilha de Itamaracá, na época pertencente a Capitania de mesmo nome, temos a mais relevante referência da estruturação de uma produção e de um comércio de cal, já no século XVII (OLIVEIRA, 2014). A partir daí, a atividade conquista outras regiões, não coincidindo com o mesmo período, mas com aproximações econômicas, como no caso de Santa Maria do Cambucá-PE, que se destaca ainda hoje pela ampla capacidade produtiva. Não poderia deixar de fazer notas a proximidade e relevância à essa pesquisa que a produção da cal no estado da Paraíba. Os municípios de Santa Cecília, Barra de São Miguel, Caraúbas e Riacho de Santo Antônio serão referências mais à frente.

Fazendo este breve retrospecto do uso da cal no Nordeste, acabo por chegar na produção artesanal do Segundo Distrito de Caruaru. Convicto de minha tarefa, embora alimentado por dúvidas de como desenvolver um trabalho inusitado, com pitadas de ousadia, sobre uma região escassamente representada nas produções bibliográficas acadêmicas, analiso a produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru a partir das visões dos seus protagonistas, os trabalhadores e trabalhadoras da cal.

Procurei, ao longo de todo o trabalho, estar atento ao expor minhas próprias vivências, pois mantenho com o objeto da pesquisa uma relação umbilical, e que assume em minha trajetória de vida uma força maior do que a formação acadêmica. Por residir com minha família na comunidade do Juá, assim este é, para mim, um lugar de convívio, lugar de histórias, lugar de memórias. Me encontro, me vejo, me sinto representado neste trabalho.

O início de todo um processo que hoje remete à construção dessa pesquisa está na minha formação enquanto pessoa. Cresci ouvindo de meus pais, amigos e conhecidos casos e histórias que eram fatos ocorridos e experiências conhecidas em um mundo visto por mim pela dureza do trabalho e o heroísmo das pessoas que insistiram em atuar nesses domínios. Ainda presenciei as últimas queimas dos fornos da região, reafirmando em parte, o que tinha sido para mim revelado.

Foi na faculdade, durante o curso de graduação em História que tive a noção de que essa “fração da história” poderia e precisava ser escrita. Pois, trabalho parecido não se encontra. Encorajado por colegas e professores fui aceitando a ideia de que o Juá precisava entrar nas páginas acadêmicas. Logo, projetei meus primeiros passos como pesquisador e busquei na participação no Núcleo de Pesquisa da Fafica (NUPESQ), encontrar rumos teóricos conceituais, que inclusive me ajudaram na composição do atual trabalho. Dando continuidade agora, com esta dissertação, a uma pesquisa que se mescla com minha vida pessoal, pude ao longo das disciplinas no Programa de Pós-graduação em História da UFRPE acomodar e aprimorar meu repertório teórico com novas ferramentas, tanto para interpretar a realidade

quanto para realizar as entrevistas daqueles que, generosamente, emprestaram suas experiências e percepções de vida para a realização deste estudo.

A proximidade que transpareço com o objeto, trata-se de uma constatação pertinente, foi assim que consegui encontrar muitos enredos teóricos metodológicos. Pensando em oferecer novos olhares, fazer usos de correntes historiográficas, testar procedimentos e trazer para perto do objeto, em função da soma dos fragmentos históricos que tinha e era necessário interpretar. Mas não perdemos de vista a nossa tarefa social de dar voz a esses personagens esquecidos. Para mim foi mais fácil, já que estava em terras que conhecia, o que faltava era o alimento conceitual que nele pude cultivar.

Com base nos relatos dos mais antigos moradores da região, tomamos conhecimento que a produção da cal teria sido introduzida nessas terras ainda nas décadas de 1920-30. E que o seu desenvolvimento lhe promoveu um lugar de destaque no cenário econômico do Povoado do Juá e adjacências durante quase todo século XX. Tratamos de delimitar em ocasião os anos de 1950 a 1980, como período de nossas inspeções históricas acerca do tema, porque, marcamos esse momento como o auge da atividade e a última década como a entrada de sua decadência.

Conforme as decisões conceituais iam sendo tomadas, intencionalmente buscamos direcionar nossos passos a uma historiografia que se firme a partir das ações de um grupo por meio de uma atividade econômica, tendo como resultado as memórias tecidas pela Cultura do Trabalho e a composição de panoramas de uma paisagem constituída por ela.

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa, de caráter qualitativa, por meio da corrente metodológica da história oral que em função da implementação de entrevistas semiestruturadas e história de vida conseguimos ter acesso a mais importante fonte para esse estudo. Nesta perspectiva, procuramos respeitar as falas e saberes expressados pelo grupo, mantendo, na transcrição das entrevistas, a escrita das palavras e formas de expressão utilizadas pelos entrevistados. No mesmo sentido, de respeito aos saberes dos produtores da cal, também produzimos um glossário que visa registrar sistematicamente um conjunto de termos e expressões técnicas utilizadas pelos colaboradores para se referir às etapas, processos e materiais de produção da cal.

Também cabe ressaltar, ainda no âmbito das fontes, a importância de outros vestígios, como imagens cartográficas atuais, produzidas especialmente para este estudo, e fotografias, atuais e antigas, que foram valiosas na forma de tratar e elucidar com mais facilidade aquilo que apenas com declarações não era possível.

Destacamos que são pouco vistas na História, pesquisas que discutam a ideia de Cultura do Trabalho, conceito que investiga como que grupos compõem uma cultura com base nas características promovidas pelas ações do trabalho, que ainda pode conter elementos que o tornem mais específicos (a linguagem, os espaços, os recursos e seus usos), nutridos pela comunidade como parte fundante que direciona sua cultura. De nossa parte, muitos esforços necessários ao operar nossas discussões em um campo pouco explorado da historiografia.

Dentre tantas dificuldades este foi mais um obstáculo a ser enfrentado: a falta de outros trabalhos que pudessem discutir a Cultura do Trabalho. Iniciamos nossa corrida tentando entender quais seriam os “Sentidos do Trabalho”, na perspectiva de Antunes (2009), apesar das transformações nas maneiras (novas tecnologias) de exercer o trabalho, ele seria um importante compositor de características socioculturais. Em seguida, buscamos nos fundamentar nos poucos autores a que tivemos acesso que discutiam esse conceito, e que em alguns pontos continham elementos próximos do que pretendíamos abordar. Foram esses Silva (2003) que trata sobre a Cultura do Trabalho na região portuária de Santos-SP, em que os trabalhadores desenvolvem atitudes revolucionárias em domínios espaciais pouco experienciadas; a outra autora, Nunes (2006) em sua tese, pesquisa os impactos na vida e na cultura das pessoas na região dos Cariris velhos com a introdução e o desenvolvimento de uma nova atividade econômica. Reconheço que esses exercícios foram valorosos, e que as nossas investidas deixaram lacunas que só poderão ser preenchidas por novas leituras.

O cuidado historiográfico que tentamos promover, girou em torno da perspectiva da história social da cultura. Essa que visa reconhecer entre os feitos, saberes, experiências, costumes e realizações dos grupos sociais como parte estrutural da cultura de um grupo, principalmente dos esquecidos. Assim, buscamos operacionalizar os três conceitos fundantes da pesquisa: Cultura do Trabalho, Memória Coletiva e Paisagem Cultural, na intenção de que um viesse a ajudar o outro como pares de uma mesma trama que se buscava na mesma fonte (os trabalhadores e trabalhadoras).

Conquistamos terreno em nossas discussões com base nas leituras E. P. Thompson (1981 e 1996), que em suas investigações enxergava uma cultura que se desenvolvia pelas próprias ações do grupo social: suas estratégias, experiências, gestos, símbolos que são provados e aprimorados entre os pares e que assim se torna a base da cultura de um grupo; outra importante colaboração veio a partir das análises do sociólogo Maurice Halbwachs (1990), a Memória Coletiva discutida por ele, essa que atraiu nossos olhares, caracteriza que a memória pode ser individual ao mesmo tempo que é coletiva, em que os membros de um grupo ou comunidade são capazes de criar redes memórias quando esses agentes fazem

parte dessas lembranças como compositores coletivos de ações vividas por eles, podendo ter o apoio de outros elementos para seu emergir como: os lugares, espaços, o material e tantos outros elementos que reforçam as memórias. Como resultado de tudo o processo de exploração de calcário e transformação em cal, aceitamos a ideia de que na paisagem estariam as impressões do que foi o trabalho com a cal, fomos buscar nos domínios geográficos um conceito que melhor articulasse a nosso pensamento de que a paisagem também pode ser o resultado da implementação cultural, nesse caso o conceito de Paisagem Cultural trabalhado por nós, teve a participação de autores da geografia e da própria história que versassem opiniões de como a paisagem é constituída pelo homem e que se torna cultural quando contém caracteres específicos de sua cultura, para isso, nos apoiamos em autores como: Meneses (2002), Pesavento (2008), Nascimento e Scifoni (2010), Santos (2006 e 2014) e Ribeiro (2007).

O presente trabalho está dividido em três capítulos integrados por subcapítulos na intenção de facilitar a compreensão do leitor e estruturação dos assuntos abordados. Acompanha uma sequência conceitual e finaliza discutindo o legado deixado pela produção na memória das pessoas e na paisagem da região.

No primeiro capítulo, intitulado “A história de uma região sob olhar da paisagem, a ação do trabalho e o poder da memória”, se faz todo um esforço em mostrar como os elementos que sustentaram a pesquisa insurgem nos componentes conceituais aqui evidenciados, tivemos o cuidado em fazer uma apresentação das características sociais, política e geográfica da região tentando familiarizar os que não conhecem o espaço estudado.

O segundo, denominado “O fazer da cal: de uma relação homem e natureza”, aparece como uma discussão mais extensa e exclusiva sobre as características da produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru. Nessa parte, buscamos anunciar desde como era feita a cal, a matéria-prima utilizada, as técnicas investidas no trabalho, os ritos para execução das tarefas, as conexões com outros lugares de produção, dando destaque aos fornos que na atividade ocupavam lugar central para os trabalhadores e o processo produtivo, fechamos esse item com a apresentação de quem eram os trabalhadores e as relações existentes entre eles e seus mandatários.

Por se tratar de uma atividade pouco conhecida, em todos os capítulos tomamos o cuidado de nos abastecer de informações que foram extraídas nos depoimentos e que em alguns momentos pontuamos as visíveis aproximações com os conceitos trabalhados.

Por fim, no terceiro capítulo de título “Degradações do homem e da natureza: mudanças socioambientais e a crise da cal” nos concentramos em discutir sobre quais os principais riscos de explorar o minério e transformá-lo em cal, a eminência insalubre e

perigosa das tarefas e as fatídicas perdas humanas; depois passamos a debater sobre quais os motivos que levaram a produção da cal da região do Segundo Distrito de Caruaru a entrar em crise, com referência naquilo que nos era declarado pelos colaboradores; por último, analisamos quais foram os resquícios deixados pela atividade no espaço, o que nos possibilitou reafirmar a nossa ideia que a cultura do trabalho com a cal promoveu a constituição de uma paisagem cultural, e por consequência também um legado no corpo e na vida daqueles que por anos estiveram inseridos na atividade.

Assim, tentamos anunciar de maneira mais clara possível o que se poderá encontrar nessas páginas. Externamos, por fim, um pouco de receio de que a escrita não esteja à altura do valor que a história cobra: a responsabilidade de pôr esses excluídos nas linhas da história, o valor alto reconhecido por uma instituição tão valorizada.

1 A HISTÓRIA DE UMA REGIÃO SOB OLHAR DA PAISAGEM, A AÇÃO DO TRABALHO E O PODER DA MEMÓRIA

O Município de Caruaru, no Agreste pernambucano, apresenta uma notória expressividade no âmbito nacional pela sua cultura, tradição e economia. Reconhecido pelos festejos juninos, o artesanato e feira livre, projeta a imagem de um município envolvido por sua cultura local, embora tal imagem não seja atribuída a todo o seu território. A produção artesanal da cal, realizada apenas parte do Segundo Distrito, e hoje extinta, não costuma ser associada à imagem de Caruaru, contudo, suas marcas, impressões, e traços culturais coexistem na memória das pessoas e na paisagem que foi modelada por seu circuito produtivo.

Seria quase que impossível realizar estudos históricos sem que o espaço seja evidenciado. Suas propriedades tornam legítimas, autênticas e imagináveis àqueles que em primeiro momento são apresentados ou desejam manter aproximações com o ambiente. Especialmente o espaço que sofreu ações exploratórias de seus recursos naturais em prol de uma atividade econômica, e que foi acometido por transformações na paisagem e no ambiente é útil à história, pois, no caso desta pesquisa, revela as características, a posição e os panoramas espaciais da produção artesanal da cal, além de outros elementos que são evidenciados nas instâncias imateriais da vida e da cultura das pessoas, afirmadas na identidade e na memória coletiva.

Para melhor entender as ações e as práticas entre o homem e o ambiente na região do Segundo Distrito de Caruaru, agenciamos uma feliz aproximação com a Geografia, essa que em suas potencialidades busca transparecer as ações e interações humanas em diferentes espaços e momentos:

Alguns elementos cedem lugar, completam ou parcialmente, a outros da mesma classe, porém mais modernos; outros elementos resistem à modernização; em casos, esses elementos de diferentes períodos coexistem. Alguns elementos podem desaparecer completamente sem sucessor e elementos completamente novos podem se estabelecer. O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. (SANTOS, 2014, p. 36)

De acordo com Santos, o espaço nos revela muitas informações que podem ser indícios de outras/diferentes temporalidades. Suas propriedades denotam diferentes formas de interpretação desse espaço que se transformam ou resistem às intempéries do tempo. Nesta perspectiva, nossas investidas aqui, têm como interesse principal as características da

paisagem que teria sofrido a interferência das pessoas por um modo de produção de exploração intensiva dos recursos naturais, a produção artesanal da cal.

Portanto, entendo que a Geografia tem como uma de suas intenções, interpretar a ação e relação do homem como o espaço. Se o fazer a cal dependia dos recursos que o ambiente da região de atuação fornecia, não teria sentido desligar totalmente das análises o que as investigações do espaço proporciona. Dessa forma, buscaremos compreender o espaço sob as análises da paisagem. Paisagem essa modificada e transformada pelas ações dos agentes antrópicos e naturais, que constituíram camadas de diferentes épocas, entre elas o período em que a cal era feita.

1.1 As interfaces da região produtora da cal no Segundo Distrito de Caruaru

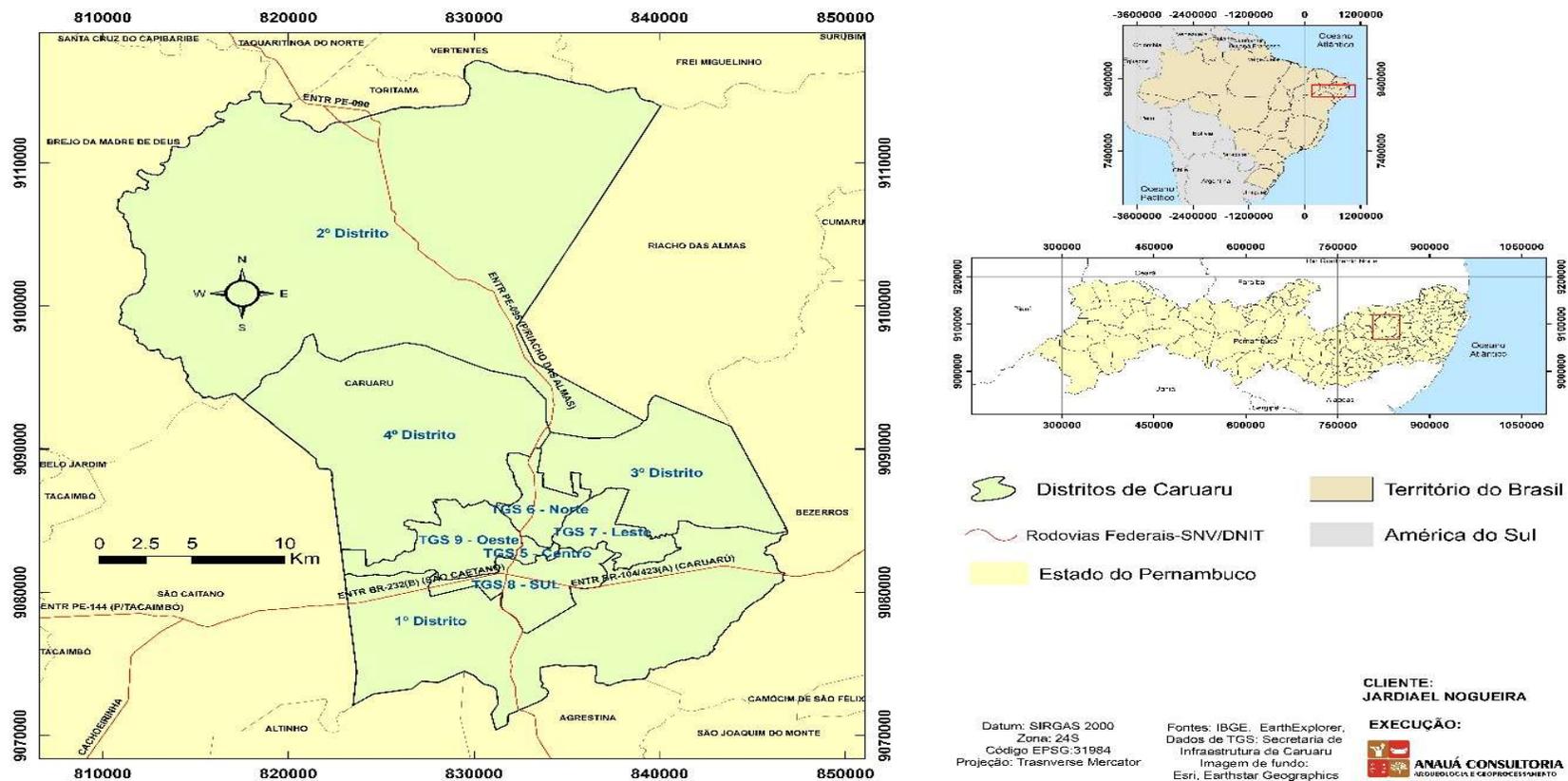
De modo a identificar e localizar a desconhecida região produtora de cal, é importante situá-la no contexto municipal. O município de Caruaru, no agreste de Pernambuco, é constituído de 4 Distritos Administrativos, cada Distrito possui uma sede: o Primeiro Distrito, tem como sede a Cidade de Caruaru; o Segundo Distrito, a Vila de Carapotós¹; o Terceiro Distrito, a Vila de Gonçalves Ferreira; e o Quarto Distrito, a Vila de Lajedo do Cedro.

O Segundo Distrito é o que tem a maior extensão territorial e populacional entre os quatro que compõem a área rural - ressaltamos que a área rural do Primeiro Distrito tem como sede a cidade, mas aqui estamos apenas fazendo referência ao território rural de Caruaru, conforme pode ser visto na Figura 1, a seguir, que situa, no âmbito administrativo, o espaço que é objeto desta pesquisa:

¹ “Lei Municipal n.º 3, de 02-12-1892, é criado o distrito de Carapotós e anexado ao município de Caruaru”

Figura 1 - Mapa da divisão distrital do território do município de Caruaru-PE

Zonas distritais do município de Caruaru, Pernambuco, Brasil



Fonte: Mapa produzido sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022.

Em termos econômicos a cidade de Caruaru destaca-se pela presença de um comércio forte, em que as feiras tradicionais – a Feira Livre, hoje realizada no Parque 18 de maio e a Feira de Gado –, apresentaram uma estreita relação com o crescimento e o desenvolvimento do município. Nas áreas rurais, as atividades que se destacavam ao longo século XX, eram derivadas da produção agropecuária: produção de alimentos para subsistência e pequeno comércio, junto a criação de animais, conforme já foi evidenciado por outros autores, como no caso das apreciações de Melo (2012, p. 112): “culturas de subsistência e atividades rurais diversificadas são os dois grandes traços característicos da utilização de recursos no ambiente natural agrestino”, dentre estes, “O gado, o algodão, o feijão e o milho são os produtos que, de modo geral se espalham e se combinam na quase totalidade dos municípios do Agreste.”

Como visto, nas áreas de transição agrestinas, essas atividades respectivamente representam as estratégias de trabalho, sobrevivência e reprodução das pessoas em suas comunidades. Apesar da predominância de uso do solo para as lavouras e os cercados para os animais, Melo (2012) indica, de forma sugestiva, que algumas “atividades rurais diversificadas” coexistem nesses espaços. Atividades que se desenvolvem numa configuração de produção de subsistência, como sugere na maior parte das localidades do interior do Agreste de Pernambuco, ou crescem controladas por pequenos grupos que defendem seus interesses de exploração, produção e desenvolvimento do capital ali possibilitado.

Nesse caso, a produção artesanal da cal se aproxima das descrições observadas pelo autor – “atividades rurais diversificadas”. Até porque as atividades produtivas que destacamos na Região do Segundo Distrito de Caruaru, assim como em outras áreas do Agreste, utilizam ou exploram os recursos naturais, empregando suas configurações que modificam o ambiente natural e constituem novas paisagens sob a interferência humana, como destaca Andrade:

Os termos extrativismo e indústria extrativista são empregadas para designar toda atividade do homem explorando os recursos que a natureza fornece, sem que ele haja contribuído para criá-los. Como esses recursos podem ser do reino animal, vegetal ou mineral, podemos falar de três tipos de extrativismos: o animal, representado pela caça e pesca, o vegetal, representado pela exploração das florestas e pela coleta de produtos vegetais, e o mineral, representado pela exploração de minas. (ANDRADE, 1977, P.49)

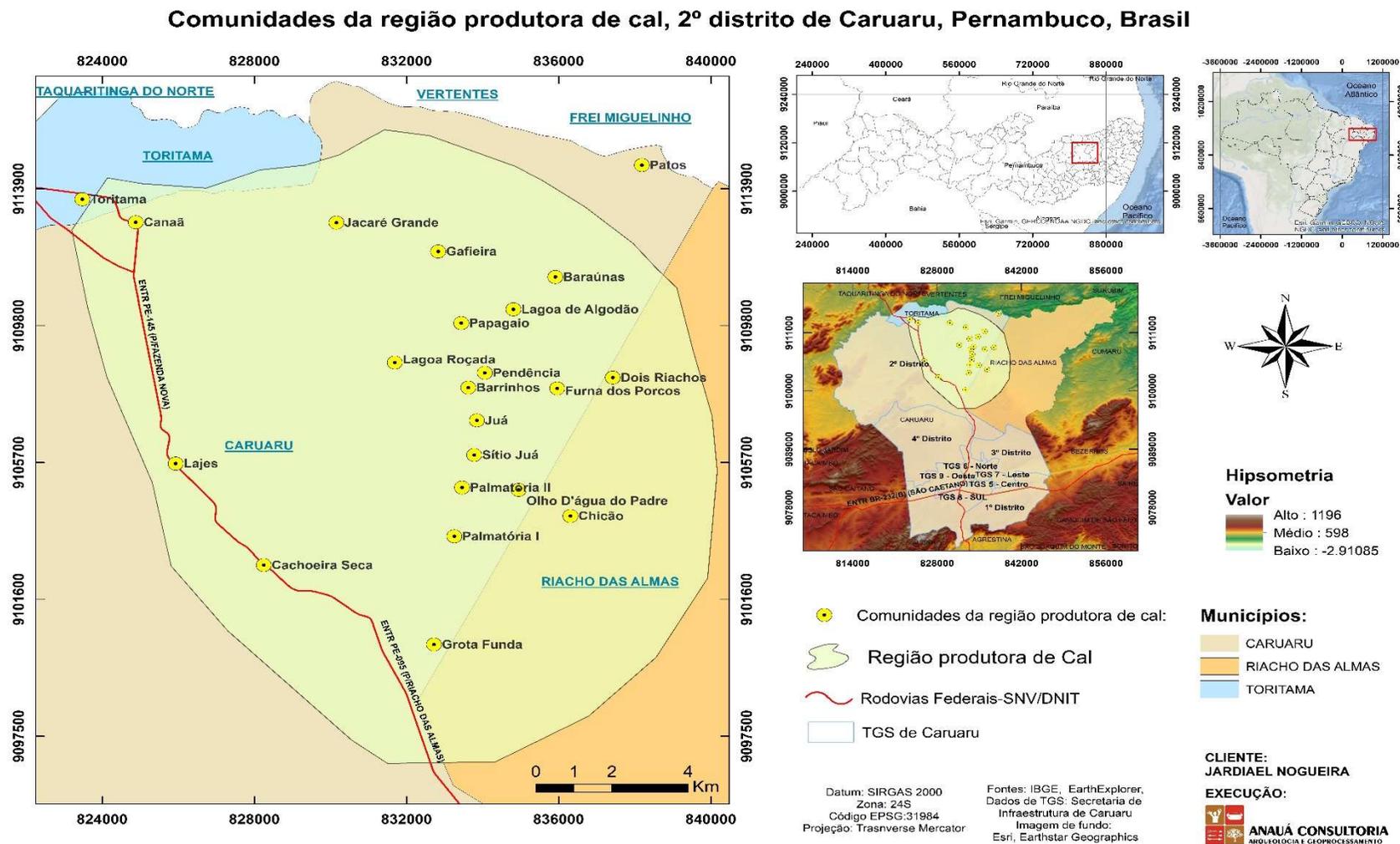
As respectivas definições propostas pelo autor, esclarecem de forma objetiva quais atividades podem ser inseridas na categoria de extrativistas, e como suas dinâmicas produtivas podem mudar de acordo com o artigo ou cultura trabalhada. No que se refere a produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, seu caráter exploratório, extrai nas

matas (o combustível) e no solo (a pedra como melhor se conhece no mundo do trabalho da cal, calcário) a matéria-prima para transformação do artigo que depende da oferta de recursos específicos para conquista e crescimento da atividade em maior escala. Neste sentido é que consideramos que discutir o trabalho e as práticas econômicas nos espaços rurais é perceber que a cultura e o trabalho assumem sentidos e configurações particulares para cada grupo social, podendo revelar uma identidade ainda não percebida, que vai além do acaso dos afazeres imprescindíveis à sobrevivência dos sujeitos.

Portanto, a partir deste momento tratamos de apresentar características que entendemos ser importantes para se ter uma ideia sobre a “região” produtora de cal, esclarecendo que nosso conceito de região coaduna com a definição de Santos (2006), para quem a região seria como um subespaço que converge com o todo e, que diverge pela condição histórica acumulada, pelos sentidos e transformações encarregados.

Nem todas as comunidades que integram o Segundo Distrito do município de Caruaru estavam inseridas na atividade produtora da cal. Destacamos que os Povoados e Sítios que se localizam na parte Nordeste do Município eram as que empreendiam no trabalho com a cal: Grota Funda, Palmatória I e Palmatória II, Olho D’Água do Padre, Lagoa Roçada, Papagaio, Gafieira, Barrinhos, Lajes, Cachoeira Seca, Baraúnas, Pendência e Juá (essa última se destaca como lugar de maior concentração de fornos e a presença de trabalhadores e trabalhadoras na atividade) integram o conjunto de comunidades produtoras de cal, conforme pode ser evidenciado na Figura 2, a seguir:

Figura 2 - Mapa da região produtora da cal no Segundo Distrito de Caruaru apresentando as comunidades que desenvolviam o trabalho



Fonte: Mapa produzido sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022.

É importante destacar que os atuais limites e as configurações territoriais do município de Caruaru nos levam a apresentar apenas essas localidades como as que integravam a região produtora da cal artesanal no Segundo Distrito. Mas na época em que a cal despontava como uma atividade econômica importante nesse espaço, o município de Caruaru tinha seus limites ainda mais extensos, incluindo outros territórios que reconheceram sua autonomia nas décadas seguintes, como foi o caso do município de Riacho das Almas², que até o final da década de 1950, era integrado à Caruaru. Acompanhando os relatos, importante destacar que no momento de início e desenvolvimento da atividade na região, onde teriam se iniciado os primeiros fornos hoje pertencem ao município de Riacho das Almas, antes Segundo Distrito de Caruaru.

Inicialmente, as noções de regionalização pensadas a partir de Santos (2013), foram fundamentais na estratégia de formular a ideia de uma “região” produtora de cal no Segundo Distrito de Caruaru. Suas reflexões contribuíram para que imaginássemos tal região como uma “subdivisão” de um “espaço maior” (o Segundo Distrito de Caruaru), mas seus componentes socioculturais (que fundamentam à pesquisa) depreendem a importância de tratar como uma região específica.

A necessidade de apresentar e dar nome às localidades (ver mapa da figura 2) que realizavam esse tipo de trabalho em parte do Segundo Distrito, tomou contornos para composição de uma região específica produtora de cal artesanal. Assim, a construção deste mapa anterior, parte desta definição apresentada por Santos (2006), de não apenas delimitar um “novo” espaço, mas também de atrelar sua confecção à proposta historiográfica e aos significados socioculturais atribuídos à região. Com essa composição, avançaremos de forma visualmente descritiva, pois assim, reconhecemos os “domínios” da cal no Segundo Distrito.

Uma das dificuldades em tratar sobre a história dessa região é a inexistência de dados demográficos específicos sobre a população, que poderiam enriquecer a exposição que caracterizam das comunidades da cal nas décadas de 1950-1980. Não aparecem em censos ou pesquisas demográficas o número de habitantes constituídos por seus indicadores (sexo, faixa etária, ocupação, informações sociais comuns a esse tipo de trabalho), entre os anos estudados.

Nos dias atuais essas informações já aparecem, graças ao acompanhamento de serviços básicos, como o de saúde. Tomando nota dos apontamentos demográficos da

² Pela Lei Municipal n.º 149, de 02-12-1919, é criado o distrito de Trapiá e anexado ao município de Caruaru. – Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 3 distritos: Caruaru, Riacho Doce (ex-Carapatós) e Riacho das Almas (ex-Trapiá).

Unidade Básica de Saúde do Povoado do Juá (UBS Juá³), que atende e acompanha as comunidades do entorno do Juá, esta conta em seus relatórios de 2022⁴: 3581 habitantes, 1450 residências entre as comunidades acompanhadas pela Unidade (Grota Funda, Palmatória I e Palmatória II, Olho D'Água do Padre, Lagoa Roçada, Papagaio, Gafieira, Barrinhos, Baraúnas, Pendência e Juá).

Gostaríamos de estar munidos de informações mais precisas ou próximas da realidade socioeconômica, populacional e territorial da região no momento estudado. Informações que somadas a outros recursos (mapas) ajudariam na compreensão das dimensões da população no período pesquisado, equacionando numericamente as dinâmicas da atividade produtora da cal com o espaço e com as demais dinâmicas produtivas das comunidades.

1.2 Paisagem cultural sob a ótica de lugar que torna viva memórias

Quando pensamos em discutir o tema paisagem, tradicionalmente a geografia que domina o campo com muita autoridade, se encarrega de interpretar esse conceito e suas propriedades a partir dos efeitos das relações, ações e transformações do espaço pelos agentes naturais e humanos em diferentes eras.

Com a história, queremos propor uma aproximação analítica da paisagem moldada e constituída a partir da prática exploratória dos recursos naturais que eram utilizados na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru. Em virtude dessas ações a paisagem absorve, em sua composição, diferentes elementos dos momentos em que esteve exposta à ação extrativista do homem, podendo ser observáveis as marcas, as impressões e extratos de uma cultura que se apresenta na paisagem.

³ Trata-se de dados produzidos pelos dos Agentes Comunitários de Saúde que fica em domínio dos funcionários da UBS Juá, solicitamos a geração do relatório a um dos Agentes que nos proporcionou as informações. Mesmo o referido relatório disponibilizado pela UBS Juá sendo rico em sua representação dos dados, acreditamos que este distorce as dimensões evidentes nesses lugares, contendo de um número bem maior na população e de residências, em virtude dos atendimentos realizados em regiões vizinhas. Importante cobrar das autoridades competentes a realização de censos demográficos (como no caso do IBGE que não fornece dados sobre as comunidades rurais de Caruaru) a disponibilidades e registro dessas informações relevantes para conhecer e entender as dinâmicas sociais e culturais da região.

⁴ Ministério da Saúde, Estado de Pernambuco, Município de Caruaru, Unidade de Saúde UBS Juá. Relatório de cadastro individual. Gerado em: 19/04/2022 / Equipe: 0000139920. Ministério da Saúde, Estado de Pernambuco, Município de Caruaru, Unidade de Saúde UBS Juá. Relatório de cadastro domiciliar e territorial. Gerado em: 25/04/2022 / Equipe: 0000139920

Não é de hoje que a história acompanha o valor com o qual as diferentes paisagens podem contribuir para a produção historiográfica sob a perspectiva dos feitos socioculturais. Alguns trabalhos de autores regionais (MELO, 2012; NUNES, 2006) investiram em potencializar histórias atreladas às experiências, e proclamaram as disputas e as relações do homem com o lugar/es e espaços (natural ou artificial).

A paisagem enquanto conceito possui múltiplas definições, as suas diferentes categorias de análises e compreensão se alternam e oscilam por diferentes elementos que a constituem e que podem ser interpretadas por diferentes óticas. Propomos um caminho para construção da ideia de paisagem partir de Pesavento (2008, p. 7): “Ora, uma paisagem é um recorte da natureza organizada pelo olhar e, [...], reveladora da apropriação social do território.” Insistir em analisar as diferentes paisagens, é de alguma forma ajustar nossos olhares como pesquisador sobre as sociedades e grupos que se organizam e investem em suas ações no lugar onde se apropriam, acrescentando novos cenários e panoramas rurais e citadinos.

Além desta primeira definição, é necessário avançarmos na perspectiva das apreciações da paisagem como campo para investigações históricas, tendo em vista que a paisagem resulta da otimização das disputas e das buscas pela sobrevivência de povos e comunidades que assim modificam e dão contexto ao espaço ocupado. Tornando a paisagem como um “organismo” que é resultado dos episódios, cenas e ocorrência de diferentes momentos históricos, Santos afirma que:

Por conseguinte, a paisagem é formada pelos fatos passado e do presente. A compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo. (Santos, 2014, p. 68)

Nessas palavras, Santos destaca que a paisagem concentra uma carga histórica que absorve na sua composição elementos de diferentes temporalidades, oferecendo aos historiadores e historiadoras vestígios ao uso da história, acessíveis e passíveis de interpretações.

Visto que cada temporalidade compreende elementos substantivos que as diferem entre si, “Reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas.” (DELGADO, 2003, p. 13). Em sua essência, a paisagem convida os olhares investigativos a analisar em suas composições as distantes frações sócio-históricas que os grupos implementam no espaço em uma época. Entre os grupos ela pode evocar diferentes significados, como dito anteriormente pela autora, mas sua importância

pode despertar determinadas memórias que tornam as pessoas e os grupos sociais representados e identificados com suas realizações no espaço que consomem.

No espaço a paisagem torna-se um recorte, remetendo a uma analogia simples, como que um quadro, uma pintura, com suas camadas, tons e formas, a paisagem impacta, promove sentimentos, desperta lembranças e memórias de acontecimentos, individuais ou coletivos, gravadas em uma cena. Assim, valorizamos as impressões constituídas em diferentes contextos e temporalidades, hora tendo como agente o homem ou a própria natureza que se encarrega de modificá-lo, em vista de cenários ocasionados por ações, técnicas e práticas que se constroem na relação homem/natureza – e consideramos essas possibilidades no processo do fazer a cal artesanal no Segundo Distrito de Caruaru.

Se tratando de termos e conceitos, consideramos necessário discutir a ideia de paisagem cultural, categoria que coloca a paisagem mais próxima (por definição) de um produto das ações que o homem e sociedades constroem e modificam de um lugar.

Aparentemente na historiografia a paisagem cultural não ecoa como um conceito tão reconhecido entre os pesquisadores que se aventuram em suas acepções analíticas dos gêneros socioculturais. Novamente, é na Geografia que esse conceito se mostra com mais frequência. Contudo, alguns historiadores (MENEZES, 2002; SCHAMA, 1996) já enxergavam que esse terreno forneceria valiosos mecanismos de aproximação e de distanciamentos da relação homem/natureza, homem/espaço, do ser como um produto da natureza, e da natureza como um produto do ser.

A princípio como diferenciar a paisagem cultural de outras paisagens? São muitas as exposições que tratam de conceituar a paisagem cultural tornando-a operacional aos assuntos historiográficos, vejamos o que diz Nascimento e Scifoni (2010):

Nesse sentido, a perspectiva da paisagem cultural implica em que se identifique as relações estabelecidas, nos vários momentos históricos, entre as comunidades locais e a natureza, considerada matéria-prima para a apropriação social. Estas relações entre comunidade-natureza explicam como se deu a produção dos objetos materiais (cidades, edificações, campos de cultivo) e da vida imaterial (festividades, lendas, tradições, crenças, elementos simbólicos, memória coletiva). (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010, p.32)

Segundo as autoras a paisagem cultural é a relação que os grupos têm com a natureza, algo que visivelmente é transformado por esses indivíduos e suas comunidades, é a condicionante mais direta das relações que pessoas têm com o meio natural. Mas para além dessa condição de apropriação do que o meio ambiente oferece, Nascimento e Scifoni (2010) mostram que sua composição também é carregada da construção de elementos de uso pelas comunidades, assim também como parte das relações culturais que revestem a memória,

relativa os símbolos e as tradições. Nascimento e Scifoni (2010) concordam com outros autores que afirmam que “na prática só a paisagem cultural é objeto de estudo do historiador.” (SILVA, 1997, p. 208.). Esta é a percepção predominante entre os historiadores, como afirma também Meneses:

Mas, deixando de lado a escala geográficas de tempo ou a ocorrência, na escala do tempo humano, de episódios naturais e dramáticos e, por outro lado, considerando homem e paisagem como indissociáveis, podemos afirmar que a paisagem tem história, que ela pode ser objeto de conhecimento histórico e que essa história pode ser narrada (MENESES, 2002, P. 36)

Palavras que reafirmam o que comentamos antes: a paisagem pode ser um instrumento, objeto e fonte para as pesquisas do historiador. Nela concentra-se um acúmulo de matéria que atravessa longos períodos de ação e reação humana e natural, e que o historiador pode se apropriar na missão de convencer de que somos seres indivisíveis da natureza.

Teoricamente somos levados a crer que seja esse tipo de paisagem a única que atrai o interesse do historiador, contudo, antes de se lançar nesse caminho ele precisa reconhecer que entrará, por necessidade, em campos que muitas vezes não são de seu domínio. A aproximação com outras ciências será uma das formas do historiador extrair mais desse conceito, que pode muito bem operar em outras ciências: Geografia, Antropologia, Arquitetura, Urbanismo são exemplos.

Para compreender a paisagem cultural o pesquisador precisa acompanhar sua trajetória, identificando a intervenção antrópica de diferentes épocas e convívios sociais e que agregaram diferentes vestígios ao ambiente. Atento para o que as paisagens possibilitam interrogamos os pontos e lugares de exploração e trabalho com a cal no Segundo Distrito de Caruaru, percebemos que estão à mostra marcas profundas que evidenciam o modo predatório de trabalho e de suas ações na natureza.

Assim, entendemos que o contexto e as configurações para se obter e produzir a cal na região teriam contribuído para constituição de uma paisagem caracterizada pela presença dessa atividade econômica. Cuidamos em mostrar que essas paisagens compõem e se integram à cultura de um povo. Não bastaria apenas analisar os pontos e extratos deixados pela atividade em questão na paisagem, precisamos nos voltar para outras cenas sociais que sofreram a interferência e as ações predatórias da atividade produtora da cal. A título de exemplo, lançamos nosso olhar para a importância social e cultural dos avelós e sua íntima relação com a produção da cal na região.

Avelós (*Euphorbia Tirucalli*), é uma planta trazida da África, que no Brasil se adaptou e se desenvolveu aclimatada na região Nordeste, tornando-se muito útil para os pequenos proprietários de terras. No agreste pernambucano os avelós são utilizados como cercas vivas,

plantadas antes do auge da produção da cal, e que acompanharam de perto o surgir e crescer da atividade. A princípio, os avelós tinham como finalidade dividir as pequenas propriedades, dessa forma, referenciavam e redesenhavam as paisagens das atividades agropecuárias na região, contudo, passou a ser altamente consumida nos fornos de cal, utilizada intensivamente para a exploração de sua lenha. Atualmente outros panoramas são observáveis e os avelós rareiam, já não existem com a mesma proporção de antes.

Nas figuras 3 e 4, a seguir, pode-se ver o tipo de paisagem onde os avelós surgem em meio a remanescentes de pedreiras e outras espécies nativas da caatinga. Contextualizando com o período em que a disponibilidade desses recursos favorecia a produção da cal na região do Povoado Juá, hoje não se encontra com a mesma facilidade.

Figura 3 – Imagem de pedreira na região da comunidade do Juá



Fonte: Foto de Jardíael Nogueira da Silva, 2013. Imagem de pedreira na região da comunidade do Juá. Locais onde eram extraídas as pedras de calcário para serem transformadas em cal.

Figura 4 – Localização do forno de Xixi, na comunidade de Baraúnas



Fonte: Imagem de satélite de área produzida sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022. Destacamos a mancha branca dos resíduos da produção na paisagem e um pouco do traçado das cercas vivas de avelós verde.

Exemplos assim demonstram que para explorar a paisagem é preciso desnudar os olhos de definições pré-concebidas. Só tivemos a ideia de que os avelós, e outras paisagens, foram ressignificados quando pudemos aproximar nossos olhares dos depoimentos dos trabalhadores da cal.

Com este exemplo queremos destacar as potencialidades da paisagem para a compreensão dos elementos e traços culturais de um grupo que impôs ao ambiente e ao espaço uma dinâmica favorável às suas necessidades produtivas. Neste mesmo sentido, de acordo com Pesavento:

Entretanto, as paisagens são também culturais, ou seja, carregadas do simbólico. Se soubermos que em um determinado lugar algo de significativo, marcante ou excepcional ocorreu, se nos for transmitido um conhecimento de como era este espaço no passado, este lugar será por nós composto mentalmente como uma paisagem imaginária de sentido. Nós ‘veremos’ para além daquilo que é visto. Por uma operação mental, reconstituímos espaços, atores, práticas. (PESAVENTO, 2008, P. 7)

Nessas circunstâncias, as acepções sociais ganham potencialidades e valores individuais e coletivos que representam as vivências e feitos experimentados por pessoas no lugar, que por sua paisagem faz reviver a memória que aquele espaço representa, significa e torna parte da cultura e da identidade de um grupo social. Esses locais foram o palco de

muitas experiências do modo que essas pessoas experimentavam a vida, e quando incitados buscam na memória cenas que se entrelaçam à uma paisagem contida na lembrança.

Esta diversidade de construções sobre a paisagem é determinante para nossa análise, pois sabemos que a produção artesanal da cal não apenas possibilitou a constituição de uma paisagem, como também não teria ficado inerte a outras ações e interferências que acompanharam as novas paisagens que insurgem nos mesmos lugares e na região, visto que “A paisagem cultural expressa o trabalho do homem sobre o espaço e, dessa forma, ela não é estática, está sujeita a mudar, tanto pelo desenvolvimento da cultura, como pela substituição desta.” (RIBEIRO, 2007, P. 22)

Acompanhando esse raciocínio poderemos entender ainda que:

A relação do homem com o meio, ao longo dos séculos, em dado lugar, moldaria naquele grupo humano um gênero de vida particular. Tal gênero de vida seria o responsável por criar distintas paisagens a partir do substrato natural fornecido pelo meio. (RIBEIRO, 2007, p. 28-29)

Das palavras de Ribeiro sabemos que de alguma forma os grupos humanos se apropriam do ambiente, e que dessa apropriação criam as particularidades na paisagem, criadas pela forma de uso dos recursos ofertados pela natureza da região direcionada para fins produtivos. É desse modo que as particularidades, identidades, símbolos e outros valores culturais são constituídos no compartilhar dessas experiências.

Dito isso, encontramos os pontos que podem ligar duas ideias que fundamentam esse trabalho: de um lado, as potencialidades da memória coletiva produzida a partir do envolvimento de trabalhadores com a produção artesanal da cal⁵; de outro, o resultado de todo esse processo de trabalho em explorar os recursos naturais e transformá-los em cal, constituindo uma cultura que intensificou a construção de outras camadas de uma paisagem caracterizada pelas investidas do homem.

Foi pensando em ampliar as condições de análises históricas que buscamos investir nessa ideia de que a paisagem seja para além de um conceito que analise as condições e os elementos morfológicos de sua constituição, pensamos que essa seja parte do resultado das relações e produções culturais de pessoas que conviveram em um lugar, em suas temporalidades, e deixaram vestígios, marcas, camadas. Por sua vez, esses vestígios podem

⁵ Sabemos ser necessário desenvolver uma melhor apresentação do modo de trabalho com a cal no Segundo Distrito de Caruaru, mas vamos deixar esta temática para ser analisada no segundo capítulo, até porque pretendemos promover uma descrição que especifique o modo e a cultura do trabalho de fazer a cal artesanal nessa região, obviamente levando em consideração os saberes, dizeres e experiências dos que tiveram suas vidas marcadas pelo trabalho com a cal.

ser revestidos de diferentes valores, que só serão pensados como parte de uma comunidade graças as memórias e lembranças que trazem consigo, conforme discutiremos a seguir.

1.3 Memórias para uma história da produção da cal

A princípio, a ideia de memória que pretendemos discutir nesse momento é algo que implique em valor não apenas para uma pessoa, mas tenha importância entre os membros de um grupo, comunidade ou sociedade. O elemento de partida para compreender as relações socioculturais é a memória dos membros envolvidos no processo de trabalho na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, que foram entrevistados para a realização desta pesquisa.

Consideramos importante destacar que, na maior parte do tempo, essas pessoas não são capazes de se perceberem como produtoras de história. De acordo com nossa percepção, os indivíduos e o grupo se percebem apenas como pessoas que, atingidas pelos caminhos da história, não possuem elementos que despertem o interesse de conhecer seu passado e, até mesmo, aparentaram desconfiança sobre nossos questionamentos com o objetivo de entender sua vida laboral.

As memórias que buscamos registrar foram constituídas por uma atividade econômica condicionada pela cultura do trabalho de um povo. Acreditamos que esses trabalhadores dispõem da facilidade de lembrar o que era a produção da cal, e a partir das lembranças e narrativas produzidas por eles montamos nosso quebra-cabeça, utilizando dos recursos metodológicos da História Oral para melhor aproveitamento das fontes – tal qual a discussão historiográfica requer. Como assinala Malerba:

Embora às vezes nos deparemos com algumas aberrações em contrário, o trabalho do profissional de história exige um exercício de memória, de resgate da produção do conhecimento sobre qualquer tema que se investigue. (MALERBA, 2006, p. 15)

De alguma forma, mesmo o historiador dentro de sua seletividade, sua essência como operador da Ciência Histórica se cobra à busca e resgate dos saberes “perdidos”, agora não mais como algo que possa ser vivenciado, mas como objeto que esteve entre um jogo de ser esquecido ou lembrado deliberadamente pelas partes de todo organismo da memória.

Devido a uma característica básica do conhecimento histórico, que é a sua própria historicidade, temos de nos haver com todas as contribuições dos que nos antecederam. Essa propriedade eleva a crítica historiográfica a fundamento do conhecimento histórico. (MALERBA, (2006, P. 15)

Remetendo à capacidade de que toda uma rede de memória - formada pela relação entre espaço, grupo e trabalho - proporciona de diversas formas de recordar sobre o que era a cal no Segundo Distrito, acreditamos que cada pessoa tenha em sua subjetividade a memória que seja mais apegada a algum espaço, acontecimento ou participação no trabalho ou no cotidiano doméstico. A forma como essas memórias foram tecidas, chegam até nós como um novelo embaraçado e para seu uso da história precisa ser desenrolado e condicionado para fazer parte da peça final.

Dois aspectos podem ajudar a entender nossa defesa de que essas memórias fazem sentido para a construção dessa história: o primeiro, estaria ligado à forma como essas pessoas percebem o que foi o seu próprio trabalho na produção da cal, de alguma forma as defesas e repulsas criadas por elas demonstram que tal atividade tem um lugar de destaque em suas vidas tornando-se um elo que liga esses personagens e, ao mesmo tempo, os difere de outras pessoas pelo trabalho que sabiam e realizavam em seu lugar; o segundo, é o fato de que a existência e o desenvolvimento da própria atividade, suas nuances e transformações, dinamizou a vida das pessoas e reconfigurou o ambiente que hoje possui resquícios de sua ação.

Portanto, nossa tentativa a partir daqui é discutir a “memória coletiva”. Acompanhando a perspectiva de Halbwachs (1996), entendemos que o referido conceito pode ser atribuído às interpretações das pessoas envolvidas no mundo produtivo da cal no Segundo Distrito de Caruaru como portadoras e criadoras de memórias em comum, memórias importantes para suas trajetórias de vida. Consideramos que a cultura do lugar em questão é contextualizada pelo compartilhamento de fatos, experiências e eventuais situações do cotidiano no lugar e no contexto em que atuaram esses personagens, e por essas características e particularidades se diferenciam de outras comunidades.

Foi intensificando nossos olhares pela cultura do trabalho da produção da cal que idealizamos que esse corpo social atuaria como uma comunidade produtora de memórias, que a partir delas foram concebidos valores e saberes que oportunamente tenham sido definidos por eles, promovendo uma certa totalidade de práticas de uma cultura em comum, com marcas dessa sociedade apreendidas inclusive no ambiente e natureza.

No encontro para compor uma ideia acerca da memória coletiva, destacamos que esse conceito consiste em perceber como as sociedades recordam e mantêm vivas as lembranças de um passado próximo ou distante produzidas pelo próprio grupo, sendo possível revivê-las a partir de pontos materiais e visíveis (espaços, monumentos, objetos, imagens, gestos), e pontos invisíveis integrados à subjetividade do grupo, segundo Halbwachs:

conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque são recordadas por outros homens, conceder-nos-ão mesmo que,

quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida desse de nosso grupo... (HALBWACHS, 1990, p. 35)

O ponto principal para que essas memórias atuem de maneira coletiva são o quanto os acontecimentos da vida dessas pessoas aparecem nas lembranças do grupo, e nessa matéria, o trabalho na produção da cal exerce esse papel aglutinador.

Outras acepções para reconhecer a memória coletiva como um conceito operante provém de Menezes (1992, p. 15): “[memória coletiva] é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados.” De acordo com este autor, é evidente que existe uma relação com o ambiente e com espaço, essencial para promoção dessas memórias, pois é nele que se faz o trabalho. E, para essa dissertação, os limites espaciais estão na região do Segundo Distrito de Caruaru, pois, embora essas comunidades possam compartilhar de outras memórias, no que diz respeito as práticas e acontecimentos marcados pelo envolvimento de pessoas no trabalho com a cal, é o Segundo Distrito de Caruaru que assume destaque na condição de lembrar do que era e representava a atividade.

Até aqui fomos desenvolvendo nossas análises sobre o que constitui a memória de um grupo. Acreditamos que se trata de pessoas que compartilham memórias em comum, elementos presentes nas lembranças dos membros de um grupo social, embora que sejam evidenciadas de forma diferente por esses agentes, até porque essas pessoas também guardam em si uma memória individualizada das estruturas (cultural, político, econômico ou social) que contribuíram para sua formação dessas memórias. Concordamos com Halbwachs quando diz:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e as experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 1990, p. 45)

São partes de uma memória que se relaciona e contextualiza perante as relações criadas por esses que compõem o grupo: os “acontecimentos”, as “experiências” tendem a surgir com mais facilidade na superfície da memória quando assumem importância para aqueles que as criaram e que agora revivem em suas narrativas. E são, principalmente, essas memórias, que aqui foram vistas como memórias coletivas de homens e mulheres trabalhadores da cal, as que iremos interpretar como fontes para a história desses esquecidos e excluídos da história acadêmica e profissional.

A fim de evitar a dicotomia entre história e memória, buscamos a melhor condição de operar o conceito de “memória coletiva”; conceito que vêm atraindo olhares dos historiadores, como afirmam Amado e Ferreira,

A própria memória coletiva vem se convertendo cada vez mais em objeto de estudo: ela tem sido entendida, em todas as suas formas e dimensões, como uma dimensão da história com uma história própria que pode ser estudada e explorada. (AMADO e FERREIRA, 2006, P.77)

Dessa relação entre memória e história precisamos, ao menos, pensar em que campo se constrói cada um desses conceitos e como promover de forma harmônica essa relação, reconhecendo suas oposições. O problema em questão seria como tratar esses conceitos sem perder de vista o lugar de atuação e como podem contribuir com a historiografia. Retornamos a Halbwachs, (1990, p. 80) quando este afirma que “A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam maior espaço na memória dos homens.” O mesmo autor segue dizendo que

[memória coletiva] É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade em que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (HALBWACHS, 1990, p. 80)

Existe uma certa preocupação por parte do autor em estabelecer diferenças entre esses campos. A diferença vista por Halbwachs entre história e memória estaria que a primeira, além de explorar as diferentes formas de memórias, pinça aquilo que é adequado ao fazer histórico, adaptando as memórias para sua realização. Já as memórias não exigem muito esforço para emergirem, e podem surgir com maior ou menor intensidade de maneira espontânea ou tendo algum ponto de estímulo para continuar presente na subjetividade individual ou do grupo. Mesmo não sendo procedentes do campo da história, as contribuições de Halbwachs foram importantíssimas para nós pesquisadores que temos a noção de que a memória é uma fonte disponível para a construção da história dos excluídos, dos quais iremos tratar. Na historiografia destacamos as considerações pertinentes à dicotomia entre memória e história produzidas por Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos como consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (NORA, 1993, p.3)

Este autor quer que tomemos consciência das oposições entre memória e história: a memória para ele se encontra mais aberta a incitações desiguais e passível de inconsistências que o grupo está acometido (entre essas o esquecimento, que é a mais visível), com a história tal reconstrução do passado acontece pela intencionalidade empregada pelo historiador, mas

estaria revestida de aspectos seletivos, discursivos e propositados na “reconstrução incompleta”.

Desta forma pensamos que a memória se projeta do lugar mais íntimo das recordações pessoais, pois de acordo Nora (1993, p. 9), “A lembrança é passado completo em sua reconstituição mais completa a mais minuciosa.” A lembrança tem em si essa expectativa de compor e expressar uma ideia mais próxima do que foi vivido. Não se trata de propor uma divisão entre o que é exclusivo da memória e o que seja referente a história, buscamos nessas entrelinhas apenas esclarecer sobre o nível de debate proposto por autores que tiveram suas concepções do que representa cada campo para suas análises da memória.

Para não dizer que memória e história estejam fora de qualquer aproximação acompanhamos as investidas de Delgado (2003, p. 20), que afirma: “Tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato em comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade. Em decorrência, como afirma Le Goff, também espaços de poder.”

Do que já temos dito até aqui percebemos que o grupo dos trabalhadores da produção artesanal da cal do Segundo Distrito de Caruaru se contempla por uma “memória coletiva”. É por meio das vivências e experiências proporcionadas pela dinâmica e o cotidiano de trabalho que as lembranças vivas dessas pessoas se encontram com outras memórias de outros membros da comunidade, compondo assim uma rede que é capaz de recordar:

Mas, para gerar esse efeito, ele encobre, ou não controla, as razões *subjetivas, normativas e pragmáticas* que condicionam a sua construção qualitativa, seletiva e apaixonada do que já não existe. E estas condicionantes estarão ainda mais presentes quando a memória referencia factos vividos pela própria testemunha, ou que digam respeito a pessoa ou acontecimentos em relação aos quais o evocado está afectivamente mais ligado. (CATROGA, 2015, p. 66. Grifo do autor)

São fatores e circunstâncias que projetam como o grupo pensa, valoriza e evidencia determinadas memórias. Vale lembrar que a memória é parte importante para esses grupos, é a partir dela que se identificam, se distinguem dentre outros grupos, dão significados às suas experiências.

Investigando como a memória dos trabalhadores da produção da cal se constrói a partir de lembranças que foram construídas em meio a uma atividade econômica em uma área rural. Outras memórias foram constituídas, os afazeres da vida no campo eram processados por esses que experimentavam em fazer cal, tal como a produção agrícola de subsistência, pois o trabalho em roçados dinamizava a vida laboral dessas pessoas, principalmente em períodos de chuvas. Desta forma, toda relação entre espaço e pessoas, e o que resulta disso, são as marcas que foram impregnadas naquele ambiente, posto que é

impossível imaginar que um grupo possa viver sem ao menos ocupar ou se apropriar de uma determinada área, território ou lugar.

Em nossas análises sobre a memória da produção da cal, acabamos por perceber que essas possuem uma forte relação com os espaços onde era realizado o trabalho, conseqüentemente estes fazem parte da construção de lembranças sobre a cultura do trabalho que acompanha a trajetória do grupo. Pois, segundo Halbwachs (1990, p, 133), “o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a união de todos os termos.” Tendo vista que esses espaços se tornam referências à memória dos que ali viveram e que, ao mesmo tempo, passaram a ser reconhecidos nessas memórias quando estas fazem referências aos lugares em que atuaram, em uma relação de mútuo reforço.

Neste caso os espaços em que eram realizados os trabalhos na produção da cal ajudam a construir e, ao mesmo tempo, assumem lugar na memória das pessoas. Os fornos, pedreiras, caminhos, as matas, a paisagem em si, concentra aspectos de uma memória da produção da cal. Entendemos que esses espaços e lugares são pontos que se somam às lembranças das pessoas, dando sentido a existência dessas memórias:

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável.” (HALBWACHS, 1990, p. 133)

Apenas os que conhecem e se reconhecem por esses lugares é que poderão lembrar, sem ter presenciado ou vivenciado tais acontecimentos, o que torna impossível, inclusive para o historiador, trazer, na íntegra o que representa e quais as dimensões da vida no trabalho da produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru.

Nesse esforço, estivemos ajustando e reajustando qual seria a melhor maneira de poder entender como as narrativas que se passam por lembranças dos trabalhadores da produção da cal foram criadas. Com a ajuda de elementos da paisagem aparentemente essas pessoas conseguem expressar suas memórias e os sentimentos que ali foram criados. Esta estratégia de abordagem das entrevistas foi utilizada porque sabemos que nossos entrevistados estiveram excluídos, à margem das linhas da história, e trilharam suas vidas e suas relações por meio de uma cultura do trabalho.

1.4 Cultura do trabalho: a construção de um conceito para agir com a História

Neste trabalho entendemos como “esquecidos” aqueles indivíduos não reconhecidos, não valorizados ou não apreciados como membros fundamentais da estrutura social, política ou cultural de qualquer agrupamento humano. Por muito tempo, esses que categorizamos como esquecidos estiveram distantes das observações e das pesquisas históricas. Seus feitos, experiências, ações e relações foram trocadas por outros contextos e movimentos “maiores” que pretendiam oficializar as versões de uma história das “grandes realizações”.

Contudo, é necessário um esforço de construir uma história dos grupos excluídos, adequando e aplicando às suas realidades sociais os termos e conceitos necessários para a produção historiográfica. Essa demanda permeou todas as estratégias deste trabalho, pois consideramos que todas as pessoas são produtoras de histórias e essas histórias podem ser aplicadas na historicização de suas realizações, significados e visão de mundo, até porque, uma sociedade faz cultura, e uma cultura se faz na sociedade.

Para início de conversa foi preciso reconhecer que a cultura contém diferentes flexões em seu sentido, um repertório que Thompson teria percorrido ao discutir a cultura:

Mesmo assim, não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e tributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho (THOMPSON, 1998, p.22)

Concordando com o Thompson (1998), acreditamos que as construções da cultura interessam aos pesquisadores tanto da história quanto das Ciências Sociais, e ensejam diferentes escalas de análise. Nessa dissertação, especificamente, o trabalho se mostra como construtor de relações sociais e de uma cultura presente em uma sociedade, já que diante das necessidades de viver e sobreviver nesse espaço, o trabalho na produção artesanal da cal era uma alternativa realizada por todos, em diferentes tarefas. Esta ideia se aproxima das leituras dos textos de E. P. Thompson, em que o autor discute sobre cultura popular (1998, p. 86) “[...] porque os costumes em geral se desenvolvem, são produzidos e criados entre as pessoas comuns [...]”, de modo que podemos inferir que são os costumes as realizações grupais que apoiam e indicam o que reveste a cultura do trabalho.

Mas, a partir de que ponto pensamos que a ideia de cultura do trabalho seja um elemento de análise das relações socioculturais? Em outra perspectiva, como esse conceito pode ser empregado sobre os diferentes significados que os grupos empregam para as

dinâmicas de vida e sobrevivência exercidas por um mundo de trabalho cheio de símbolos e valores? A resposta se inicia dentro das próprias ações de interpretação, cuidados e tratamentos dos meios históricos disponíveis para realização da escrita histórica que visa conhecer e diferenciar grupos e comunidades e seus sentidos de outros grupos.

Acreditamos que a compreensão do trabalho como cultura só tenha sido de fato possível com os avanços das discussões em torno da história cultural e posteriormente os debates que prosseguiram com a nova história cultural. No que se refere as essas novas projeções históricas, comenta Burke (2005, p. 70): “Certas teorias culturais fizeram com que historiadores tomassem consciência de problemas novos ou até então ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhe são próprios.” São novos problemas que um historiador interessado pretende incorporar ao fazer historiográfico, e quebrar essas barreiras é perceber que os ignorados e esquecidos por determinados modelos agora podem ser protagonistas de suas histórias.

No que se refere a esse raciocínio Nunes destaca:

Nas últimas décadas do século XX, uma nova dimensão de história cultural fora consolidado e ficou conhecido como ‘nova história cultural’, cujo objetivo é compreender o sentido que os homens, em diferentes momentos atribuíram, ao mundo [...] (NUNES, 2006, p. 19)

O período a que autora se refere é um momento de profundas mudanças para produção historiográfica. O esforço do historiador passou a ser o de tornar visível o que estava mais próximo e, de certa maneira, corriqueiro, entre os sujeitos. Deste modo imaginamos que a cultura do trabalho – mesmo que não agrade com uma boa sonoridade – passa a existir pelas discussões da história cultural e da nova história cultural, através das quais os historiadores desejavam encontrar caminhos para interpretar as diferentes manifestações e formas de representação cultural de sujeitos antes invisíveis. No contexto das citadas correntes historiográficas se formularam questões acerca dos sentidos e significados que as pessoas comuns atribuem às suas práticas e à vida em torno do trabalho realizado por uma comunidade, um grupo social em um lugar e, que estão carregadas de valores e símbolos representados na memória, na paisagem e na identidade social e coletiva dessas pessoas.

Se partimos do ponto que é possível compreender a identidade de um grupo pelas relações socioculturais constituídas a partir das experiências de vida e de trabalho estabelecendo elementos que formam uma cultura comum no seio de uma comunidade, precisamos compreender qual o sentido do conceito de cultura, muito embora, conceber uma definição do conceito de cultura seja uma tarefa quase que impossível, pois

Fato é que o conceito de cultura vem mudando ao longo do tempo. Para os historiadores, o termo cultura, no século XIX, estava ligado à arte, à literatura, às ideias e aos sentimentos. Tratava-se de uma definição extremamente

elitista desta categoria. Neste sentido, apenas alguns grupos sociais, de determinadas sociedades, teriam cultura, enquanto outras sociedades ou categorias sociais seriam desprovidas de tal atributo. Portanto, a ideia de cultura era extremamente restrita e baseada na noção de alta cultura, assim, sendo desprezada a cultura dos grupos subalternos. (NUNES, 2006, p. 19)

As palavras de Nunes (2006) se coadunam com a interpretação de Burke (2005, p. 43), o qual afirma que:

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares - música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler e jogar). (BURKE, 2005, p. 43)

Nas constatações de Burke (2005) e Nunes (2006) os conceitos de cultura foram se modificando e atualmente defende-se que todos os grupos sociais têm uma cultura “suficiente” para ser estudada e analisada pelo pesquisador dentro das aproximações e distanciamentos conduzidos pela História como ciência. A nova história cultural, como dito antes, parece contribuir muito para a constituição de novos sentidos sobre a cultura por emergirem dentro dessa corrente promissores campos de investigação, antes restritos e limitados pelas concepções de uma tradicional história cultural.

O que teria sugerido Thompson⁶, se aproximado da antropologia, é que o cultural está na maneira como os sujeitos experimentam o mundo e as relações criadas e recriadas entre os sujeitos e com a natureza:

Esta pode surgir, numa inflexão antropológica influente no âmbito dos historiadores sociais, uma perspectiva ultraconsensual dessa cultura, entendida como ‘sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhos e artefatos) em que se acham incorporados’. Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que a sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa - por exemplo, o nacionalismo a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assumir a forma de um ‘sistema’. (THOMPSON, 1998, p. 17)

Thompson percebe a cultura pelo dinamismo presente nas relações e nas disputas entre os grupos e sujeitos; e desenvolvidas entre as relações que revestem os sujeitos possuidores de ideias, valores e aspirações.

Concentrando nossos olhares sobre o lugar do conceito de cultura do trabalho na história, esta emerge das narrativas que os esquecidos e excluídos podem propor à história

⁶ A propósito Thompson não assume uma atitude de compor ao círculo de discussão da Nova História Cultural, suas colaborações aos estudos são reconhecidos posteriormente em virtude das inúmeras contribuições ao campo, tais colaborações foram importantes para: “análises cultural do comportamento e das atitudes populares” como teria pontuado Hunt (1992, p.64), e “dar voz as grandes massas de pessoas que deixaram poucos registros escritos e cuja história ficou por escrever durante várias gerações” (1992, p.74).

cultural, em nossas conduções pela história social da cultura. Segundo, Thompson (1998, p. 26) “os ‘trabalhadores pobres’ não deixavam seus áxilos repletos de documentos para os historiadores examinarem, nem é convidativa a identificação com a sua dura labuta.” Thompson provoca e incita aos historiadores a reconhecerem a história de trabalhadores ou grupos que trilham suas relações pelo trabalho manual, exercido prioritariamente com o esforço do corpo, que não deixa documentos escritos como vestígio.

Afinal, não é por acaso que os trabalhadores e trabalhadoras pobres não costumam se imaginar como sendo portadores de conteúdos “suficientes” para comporem uma história, muitas vezes não se reconhecendo como “proprietários” de algo tão referencial como a cultura, uma “inconsciência” que ao nosso ver, intensifica a exclusão. Neste sentido Paula Hamilton destaca o quanto são frutíferos e pouco explorados os discursos em que o trabalho aparece como elemento dos saberes desses agentes:

A história do trabalho tende a ser fragmentada. Existem algumas histórias orais de sindicatos ou locais de trabalho específicos, mas poucos tiraram proveito do potencial da história oral para explorar a experiência da cultura do trabalho e do local de trabalho [...] (THOMSON, 2006, p. 83)

A autora nos apresenta em suas análises e exercícios lacunas nas investigações que não se apropriaram com mais intensidade do que a História oral pode disponibilizar sobre a cultura do trabalho. Hamilton estudou grupos de trabalhadores na Austrália e reconheceu que pesquisar as memórias, narrativas, lembrança e depoimentos poderia ser promissor na construção historiográfica.

Acreditamos que o conceito de cultura do trabalho pode desenvolver novos sentidos, podendo ser operado em diferentes contextos e situações, oportunizando novos tratamentos aos problemas historiográficos, como já visto acima. Outro ponto pertinente a acrescentar é que o lugar de cultura do trabalho não está limitado apenas ao valor material do capital que as produções e relações em torno da atividade econômica determinam; nem mesmo está circunscrita às criações materiais que possibilitam a realização de determinada atividade econômica. Os debates históricos em torno da cultura do trabalho podem representar também significados, definições, sentidos e posições dentro do grupo.

Embora não utilizasse diretamente o conceito de cultura do trabalho, E. P. Thompson estudou grupos de trabalhadores que partilhavam de uma cultura que envolvia elementos das suas experiências e estratégias de manutenção e reprodução social, que era a dinâmica atribuída pelo lugar das pessoas naquela sociedade, oportunizando a eles desenvolver ou reivindicar posturas e costumes e práticas de sua própria cultura para torná-los vivos em um mundo de diferentes significados e disputas:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não com sujeito a autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades interesses e como antagonismo, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida... agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182)

Se pararmos bem para refletir sobre essas questões, as palavras do autor podem abrir as portas para dois dos contextos aqui trabalhados. O primeiro, de onde surge a ideia da construção de uma cultura do trabalho, essa é originária das práticas que os trabalhadores realizam e projetam sobre o que significa e representa eles realizarem as tarefas em seu cotidiano. O segundo é que as próprias configurações sociais que essas pessoas se encontram os levam a criarem e recriarem elementos que desenvolvem a cultura que se constituiu pelas ações produtivas de uma atividade econômica, se retroalimentando.

Thompson sugere um encontro entre cultura e experiências, importantes para modelar os sentidos não apenas a cultura do trabalho, mas também podendo manifestar-se na identidade que passa pelas experiências do trabalho, segundo o autor:

Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como extinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentido e lido com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou são as convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral. (THOMPSON, 1981, p. 189)

Nessas circunstâncias em que apresentamos, até chegar em uma possível compreensão de como a cultura do trabalho seria uma forma de interpretar as relações socioculturais de um grupo, percebemos que a identidade desses sujeitos está intimamente ligada às características, valores, relações e experiências incorporada pela posição que lhe é atribuída na estrutura laboral da sociedade em que viviam. Sentimentos, lembranças e as narrativas são pontos em que podemos perceber e analisar como esses sujeitos constituem uma cultura do lugar e das pessoas. Seus sentidos são relevantes pela existência de lembranças que fazem parte da memória desses sujeitos, como já discutimos anteriormente, evocadas em meio a memória coletiva.

Até aqui apresentamos algumas considerações que despertaram nossas expectativas de tratamento historiográfico sob as lentes de um conceito que precisa ser cada mais discutido. Suas limitações, ao nosso ver, estão na falta de outras pesquisas que venham a debater a importância do trabalho na vida de uma sociedade e sua capacidade de produção de cultura.

Nessa parte do texto deixamos nossas impressões sobre o contexto historiográfico que permitiu o desenvolvimento – ainda que inicial – do conceito de cultura do trabalho, fazendo foco, principalmente, no conceito de cultura; ou seja, nossas análises se orientaram da cultura para o trabalho - de como a cultura está para o trabalho. Buscaremos, em seguida, analisar o conceito de trabalho, buscando perceber o movimento inverso: de como o trabalho está para a cultura e, começarei apresentando as minhas noções que acompanham os significados do trabalho como suporte de existência ou manutenção de uma pessoa ou um grupo social.

Historicamente homens e mulheres dispuseram-se a ter no trabalho a garantia de sua reprodução social por diferentes formas de produzir. A história registrou grande diversidade de dinâmicas e relações entre as estruturas humanas que submeteram, a si e a outros grupos, às diferentes experiências de exploração, revoltas, aculturação que ressignificaram a forma das pessoas enxergarem o trabalho. Uma das maiores contribuições ao tema, teria sido proporcionada por Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2011, p. 255)

Partindo de suas ideias, o trabalho pode ser visto como uma das primeiras ações do ser humano, remetendo ao próprio conceito de humanidade, pois o homem passou a criar, a atuar, tal qual a natureza. A sua vida de trabalho esteve vinculada ao ato de tomar posse do que é natural e conseqüentemente adequá-lo às suas condições, interesses e necessidades. De tal forma o homem estava envolvido em um duplo processo de mutação, no qual suas ações o forçavam a mudar a sua própria condição, que se distanciava do seu lado natural.

Com outro olhar, o “trabalho” na perspectiva de Antunes (2009), é compreendido a partir das mudanças nos meios de produção que, na sociedade contemporânea, são acompanhadas pelo avanço de tecnologia. Ainda de acordo com Antunes (2009), apesar das mudanças, os padrões tradicionais de trabalho (com esforço físico corporal) permanecem em nossa sociedade. Para este autor a própria definição de trabalho está originalmente vinculada ao exercício da força manual das pessoas, modificando-se e aumentando sua complexidade com o passar do tempo:

O trabalho, entendido em seu sentido mais genérico e abstrato, como produtor de valores de uso, é expressão de uma relação metabólica entre o

ser social e a natureza. No seu sentido primitivo e limitado, por meio do ato laborativo, objetos naturais são transformados em coisas úteis. Mais tarde, nas formas mais desenvolvidas da práxis social, paralelamente a essa relação homem-natureza desenvolvem-se inter-relações com outros seres sociais, também com vistas à produção de valores de uso. (ANTUNES, 2009, p. 139)

O trabalho pode representar muito em referência às construções socioculturais humanas. Poderia ter sido a primeira instância na formação das relações sociais e políticas em que o ser humano teria tomado sentido em dinamizar e organizar os papéis dos agentes que pertenciam ao grupo. Na busca e na garantia de manter a existência e reprodução social do grupo, o homem tratou de incorporar seus sentidos e condições ao ambiente de maneira que esse ambiente fosse aculturado pelos processos sociais.

Ao passo que essas mudanças iam acentuando novas inserções culturais, seus tratamentos modificaram e reconfiguraram novas paisagens naturais para que seus produtos fossem valorizados e consumidos em escalas determinadas pela necessidade e o desejo de obtê-los. A essência do trabalho modificou as relações entre pessoas, comunidades e sociedades, e aprofundou a dureza das disputas. Em determinadas configurações – escravismo, servidão, capitalismo – teria repousado seu corpo explorador sobre a rede humana dos oprimidos.

Em outras perspectivas, Antunes (2009) aponta que o trabalho seria uma ferramenta de constituição e produção cultural de um grupo social. No trabalho podemos encontrar o que se tem de mais fiel entre as relações pessoais, as expectativas que uma pessoa deposita no(s) outro(s), ou que representa para aquele organismo que remete às suas normas específicas de uma representação coletiva. Segundo Antunes (2009, p. 141) “O trabalho, portanto, é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação dinâmica constitui-se na especificidade do ser social.”

Mas, sobre quais os sentidos que opera o trabalho como um elemento na constituição de uma cultura ou até mesmo presente na formação e intensificação das relações sociais presente em uma comunidade? Para responder a essa questão buscamos no discurso de Antunes a face de muitos sentidos que o trabalho representa:

Tem-se, portanto, por meio trabalho, um processo que simultaneamente altera a natureza e autotransforma o próprio ser que trabalha. A natureza humana é também metamorfoseada a partir do processo laborativo, dada a existência de uma posição teleológica e de uma realização prática. (ANTUNES, 2009, p. 142)

Com o exercício laboral o lado humano é forjado sobre os corpos, as relações e o lugar que agora ganham as características para que seja praticado.

Em cada atividade que é determinada pela sociedade, as pessoas aplicam as expectativas que anseiam em conquistar pelo trabalho:

O trabalho, portanto, configura-se como protoforma da práxis social, como momento fundante, categoria originária, onde os nexos entre causalidade e teleologia se desenvolvem de modo substancialmente novo; o trabalho, como categoria de mediação, permite o salto ontológico entre os seres anteriores e o ser que se torna social. É, como a linguagem e a sociabilidade, uma categoria que se opera no interior do ser: ao mesmo tempo em que transforma a relação metabólica entre homem e natureza e, num patamar superior, entre os próprios seres sociais, autotransforma o próprio homem e a sua natureza humana. E como no interior do trabalho estão pela primeira vez presentes todas as determinações constitutivas da essência do ser social, ele se mostra como sua categoria originária. (ANTUNES, 2009, P. 145)

A partir do trabalho pode-se entender aqui o que estamos buscando discutir em relação à própria formação de uma cultura do trabalho, nas palavras de Antunes podemos encontrar um sentido em sua composição: o trabalho atua como um agente transformador social – seja no sentido “teleológico” ou “ontológico” –, o trabalho formaliza e enquadra os componentes que organizam e estruturam o cotidiano das pessoas e suas visões e reconhecimentos enquanto sujeitos.

Na intenção de definir a ideia de “classe trabalhadora” Antunes mostra de forma indireta um sentido para esses integrantes que se arranja dentro da categoria de trabalhadores permeada pela sua condição produtiva:

Ela não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Sendo o trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais-valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora, encontrando no proletariado industrial o seu núcleo principal. Portanto, o trabalho produtivo, onde se encontra o proletariado, no entendimento que fazemos de Marx, não se restringe ao trabalho manual direto (ainda que nele encontre seu núcleo central), incorporando também formas de trabalho que são produtivas, que produzem mais-valia, mas que não são diretamente manuais. (ANTUNES, 2009, p. 102)

Apesar da citação ser extensa, se faz necessária para compreender as discussões do autor que projeta em seu texto dois grupos específicos de trabalhadores – trabalhadores manuais e não diretamente manuais – aos quais, porém, ele atribui o mesmo sentido. Observamos que o sentido de classe trabalhadora apresentado por Antunes, é visto em toda prática de produção, seja manual ou não, que atenda aos requisitos do capital e outras formas de produção de riquezas.

Compartilhamos essas referências do autor, quando se refere ao trabalho manual e não diretamente manual, ao identificá-las com o trabalho realizado nos moldes artesanais na produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru. Ao recorrer à discussão sobre o significado do trabalho, devo acrescentar que a materialização do conceito de cultura do trabalho reside

nesse encontro entre: 1) a forma de trabalho vigente em uma região, comunidade ou grupo é capaz de reproduzir e, 2) a maneira como esse trabalho conforma as dinâmicas do cotidiano e dá forma às interrelações comunitárias.

Até aqui já falamos muito das potencialidades que esse conceito pode oferecer para as futuras análises históricas e que suas limitações estejam em um campo pouco explorado pela historiografia. Precisamos ir mais a fundo nesse debate, sobre o que realmente defendemos como sendo a cultura de trabalho.

Partimos das ideias moldadas por Fernando Teixeira da Silva, em seu trabalho: *Operários sem Patrões: os trabalhadores da cidade de Santos nos entreguerras*, defendido em 2003 como tese. Ele discute a história social dos operários da cidade de Santos-SP que se organizavam e reivindicavam direitos e melhores condições de trabalho no período entre guerras (1918-1939). Para ele, a cultura de trabalho desses “operários” desempenhada principalmente na região portuária da cidade não trazia consigo um histórico ou características de grupos de trabalhadores organizados em prol de lutas, manifestações ou reivindicações de caráter político. As perguntas por ele levantadas são: como que esses operários que não fazem parte da indústria (lugar onde ressurgiu de muitas movimentações e lutas inclusive na perspectiva thompsoniana que se constitui a classe trabalhadora) buscam em sua organização promover atos de lutas (greves, paralizações e manifestações) por melhorias para o próprio grupo? Será que a cultura de trabalho influencia na vida organizacional e grevista dos sujeitos?

Aqui, estamos interessados pela forma como Fernando Teixeira da Silva trilhou o conceito de cultura do trabalho:

Faz-se necessário, então, encontrar os elementos constitutivos da cultura de parcelas significativas de trabalhadores, mas também traçar as diferenças e as mudanças históricas que pontilhavam as linhas de demarcação entre vários atores sociais. Para isso, foi preciso investigar as experiências dos trabalhadores e como estas se nomeavam em suas relações cotidianas. Estas foram procuradas, essencialmente, nos locais de trabalho, lugar em que eles definiram, em grande medida, suas próprias vidas, seu valor individual e social, nutriam seus desejos de Independência em relação a outros grupos sociais e passavam por um processo de transformação de suas experiências. (SILVA, 2003, p. 26-27)

Nessas palavras, para que ele pudesse encontrar, tornar operativo o conceito de cultura do trabalho, teve que investigar as interrelações que compreendem o mundo dos trabalhadores que ali se formava pelas suas experiências – termo ao nosso entender decisivo sobre o que é legítimo e autêntico no grupo social.

Silva (2003) enfatiza que seu interesse esteve na confluência das relações que esses trabalhadores cultivavam, nos feitos e nas realizações do cotidiano do trabalho, o qual, por

sua vez, também engendrava outras relações socioculturais. Por essas vias, o autor buscou perceber quais interesses passariam a dar significados à cultura e de como cada grupo de trabalhadores se diferenciava de outros grupos. Em outras palavras, Silva aponta que é necessário observar melhor o que é subjetivo na cultura do trabalho para perceber sua importância social.

Sem temer as críticas que poderão vir, nos antecipamos em dizer que o conceito de cultura do trabalho acolhe muito bem as investigações históricas, tanto quanto de outras ciências que busquem conhecer os feitos dos grupos invisíveis e excluídos. Reafirmamos o argumento de que historicamente esses grupos possuem uma relação de dependência com o trabalho, pois, todas essas interfaces que cruzaram o caminho do trabalho e dos sujeitos, fizeram a célebre tarefa de criar e recriar elementos e características constitutivas de uma cultura em comum.

Não queremos aqui transformar o conceito de cultura do trabalho em uma panaceia que pode absorver a todos os temas e discussões do fazer da história. Foi justamente o oposto a isso que teríamos buscado até o momento discutir nestas páginas. Encontramos um sentido sobre três frações que conduziam nosso pensamento em reinterpretar os significados do trabalho e a produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru na região e na vida das pessoas. Primeiro, essa atividade dependia de uma relação aparelhada na oferta dos recursos que o lugar oferecia e na força que as pessoas empregavam para sua exploração e transformação. Segundo, esses trabalhadores e trabalhadoras promoveram experiências e conhecimentos específicos da atividade que compartilharam com outros espaços trabalho, aprimorando e reproduzindo outros que apenas eles poderiam traduzi-los ao seu mundo. Por último, as localidades tornaram-se reconhecidas pelo trabalho que teriam sido por elas desempenhados, o que teria feito de todo esse processo a composição da cultura das comunidades produtoras de cal artesanal.

Acabamos por constatar que no centro de todas estas relações estava o trabalho, como um fator determinante na formação da cultura dessas pessoas. Deste modo, passamos, a seguir, a apresentar os elementos empíricos dessas relações que conformam a cultura do trabalho da produção da cal artesanal no Segundo Distrito de Caruaru.

2 O FAZER DA CAL, UMA RELAÇÃO HOMEM E NATUREZA: AS PEDRAS QUE IMPORTAM AO CAMINHO

Iniciamos com essa metáfora a apresentação dos caminhos e decisões acerca dos métodos que pensamos ser possíveis para o desenvolvimento da pesquisa e dos sujeitos que foram fundamentais para a produção deste trabalho e de sua própria história. As pedras aqui não são apresentadas como um obstáculo no caminho, mas como sendo o recurso para construí-lo, tal qual na produção da cal. Nessa analogia, as pedras são as fontes que passaram por um processo de historicização. Essas são extraídas, fragmentadas, encaixadas e expostas às mais duras temperaturas para se obter o alvitre nos fios da memória e da história.

Antes de aprofundarmos nossa atenção em discutir os caminhos metodológicos, importante aproximar as ideias até aqui apresentadas com a maneira que era feita a cal na região. A maneira de fazer a cal consistia a princípio, na aquisição de matéria-prima (pedra e lenha), das pedreiras se extraía o tipo de calcário que seria utilizado nos fornos, assim que a lenha, advinda das matas próximas, efetivavam o processo de transformação da pedra em cal nos fornos.

Durante dias, os trabalhadores rotacionados em turnos, ficavam com a missão de abastecer e alimentar a bacia do forno, pois esta não poderia diminuir a temperatura, como contam os trabalhadores, “a pedra não se transformaria em cal”. Obviamente, que todo progresso produtivo era marcado pelas técnicas e experiências que os trabalhadores e trabalhadoras designavam para exercerem suas funções desde o trabalho nas pedreiras, nos cortes de lenha, enforcação (acomodação) das pedras no forno e a queima do forno, com a intenção de obter uma melhor produtividade, bem como uma redução nos custos, que interessava mais para o patrão, pois determinava o seu lucro.

Os saberes conquistados por essas pessoas eram a base de toda execução do ciclo produtivo. Tanto que esses integram a parte firme e efetiva das lembranças desse grupo sobre a produção da cal, assim, acabam se somando a outros elementos que fortalecem a memória coletiva do grupo.

Partindo do objetivo inicial de analisar as memórias e lembranças dos trabalhadores e trabalhadoras que estiveram inseridos na produção e no trabalho artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, precisamos fazer uso da História oral que pensamos ser capaz de entender as dinâmicas e as características culturais desses personagens.

Os debates sobre a história oral estão condicionados a críticas pelos historiadores que não reconhecem ou visualizam a que campo esta definitivamente pertence. Para Amado e Ferreira (2006, p. xii), trata-se de “Um campo cuja própria denominação é posta em xeque!” por aqueles que a pensam e percorrem por um viés de uma “técnica”, outros assumem noções e características de “disciplina” e, por fim, aos que intensificam seus olhares como uma “metodologia”. Nossa intenção aqui não consiste em discutir sobre os debates, as definições e o valor da História oral, mas reconhecer riquezas que ela proporciona ao nosso ver como campo historiográfico em que são mais bem acolhidos os excluídos, dominados e esquecidos da história, pois, segundo Alberti (2008, p.165): “Uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.”

Consideramos que a História oral proporciona a mais legítima condição de explorar e constituir uma história que trata de agentes que ainda constroem notas de uma história do tempo presente. Explorar os depoimentos e testemunhos de um grupo é mergulhar também em memórias de um mundo experimentado por eles e que só eles podem registrar suas impressões, importâncias e significados. É quando descobrimos que:

O que motivou esses estudos foram as novas metodologias fundamentadas no esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência. (AMADO e FERREIRA, 2006, P. 57)

Assim, ao pensarmos quais caminhos metodológicos seriam adequados para essa proposta, provocados a definir qual seria o fio condutor do trabalho com a história oral. Essa decisão teve como ponto de partida nosso olhar para as pessoas envolvidas na atividade artesanal da cal na região de Segundo Distrito de Caruaru, em destaque para comunidade do Povoado do Juá, que teve papel preponderante em várias etapas da cadeia produtiva. Optamos por construir nossos procedimentos tendo como fio condutor as diversas etapas de produção e distribuição da cal; assim, usamos este critério para delimitar o perfil, e a quantidade, de entrevistados – selecionando pessoas que participaram de diferentes tarefas na produção da cal – e também para constituir o fio condutor das perguntas, visto que se tratava de falar de assuntos que os entrevistados dominavam e se sentiam legítimos para abordar.

Como historiador que se dedica a passear nos caminhos da História oral assumi a convicção de que não sairia ileso nessa tarefa. Intensificando-se os procedimentos com as entrevistas, novos temas, perguntas, poderiam surgir com o aprofundamento das análises do trabalho. Em nosso caso não foi diferente, em determinados momentos novas investidas foram necessárias, tanto nas entrevistas quanto no tratamento delas para a escrita do

trabalho. Em alguns momentos nossas expectativas foram superadas, em outros não alcançamos o que projetamos. Embora tenhamos procedido os ajustes, já sabíamos que encontraríamos algo de tal natureza por reconhecermos as proezas dos caminhos da História oral.

Nessa obra, a cada etapa que éramos cobrados a organizar e encaixar mais uma das pedras do caminho de surpresa surgiam novas possibilidades de melhor aproveitar essa matéria. Ficamos surpreendido com a capacidade de exploração dos nossos entrevistados, e a pesquisa requereu muitos cuidados para não sair do caminho, visto que, de acordo com Alberti:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade. (ALBERTI, 2008, p.167)

Mais de uma vez, recorri à minha trajetória pessoal para demarcar os ganhos analíticos da história oral. Apesar de ter crescido com a curiosidade de entender o que e como era aquele mundo do meu pai, minha mãe, meus avôs e amigos, foi apenas por meio de entrevistas que tive as diferentes sensações e aproximações sobre as dimensões e a importância da produção na vida dessas pessoas. Neste sentido, o aviso de Amado e Ferreira foi extremamente importante:

É bem verdade que todo historiador lúcido sabe perfeitamente até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, fato que o historiador oral percebe ainda mais claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. (AMADO e FERREIRA, 2006, P. 57)

Do ponto de vista das técnicas de escuta assumimos dois tipos de procedimentos: da história de vida de dois entrevistados, a que consideramos relevante essa abordagem, em outros momentos, realizadas entrevistas temáticas semiestruturadas:

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. (ALBERTI, 2008, p.175).

Em um primeiro momento realizamos onze entrevistas num total de doze, a outra veio de um depoimento colhido ainda quando estava na graduação, pela riqueza de conhecimentos contida, achamos oportuno usá-la nesse momento. Para as histórias de vida selecionamos apenas duas pessoas: um dos mais idosos da comunidade e um entrevistado

com uma vida peculiar, por ter tido experiência com a cal e saindo da comunidade adquiriu formação acadêmica. Para os demais seguimos o conselho de Alberti (2008), considerando que:

É possível que em determinado projeto de pesquisa sejam escolhidos ambos os tipos de entrevista como forma de trabalho. Nada impede que se façam algumas entrevistas mais longas, de história de vida, com pessoas consideradas em especial representativas ou cujo envolvimento com o tema seja avaliado como mais estratégico, ao lado de entrevistas temáticas com outros atores e/ou testemunhas. (ALBERTI, 2008, p.176).

Em nosso caso não foi diferente, entrevistando e ouvindo a história de vida de homens e mulheres simples e trabalhadores que atuaram direta e indiretamente em diferentes tarefas na produção artesanal da cal (*tombadores, enforadores, cortadores e carregadores de lenha, quebradores e arrancadores de pedra, outras*⁷), pudemos intensificar nossos diálogos, buscando perceber como que a memória e a vida dessas pessoas esteve envolvida com a economia da cal na região, seus gestos, costumes, saberes e experiências que eram vistas como parte intrínseca dessa cultura do trabalho.

Como será percebido ao longo do texto, optamos por transcrever e apresentar os depoimentos valorizando a linguagem cotidiana evidenciada pelos colaboradores, preservando seus termos e modos de fala tal como trabalhadores e trabalhadoras da cal proferem. São características fundadas entre essas pessoas, não apenas pela falta de instrução normativa, são incorporados outros elementos, que chegam a envolver nuances do trabalho, o trato entre os pares, a criação de termos e signos para dentro do contexto em que vivem. Elementos que intensificam a força da cultura do trabalho, na vida e forma em que se comunicam.

Até o momento da realização desta pesquisa, o pouco que conheço acerca da produção da cal, foi graças a minha mãe e meu pai que trabalharam na atividade, suas contribuições ajudaram diretamente desde os primeiros passos nessa pesquisa, principalmente meu pai que boa parte de sua vida comercializou o produto para outros municípios no lombo de jumentos e muarens ganhando a referência de “Zé do Cal” por onde passou.

Ambos contribuíram com seus depoimentos por meio de um roteiro semiestruturado (ver apêndice 1, roteiro de entrevista semiestruturada) para nossa interpretação. Minha mãe Maria do Carmo, ou Bastiana como é conhecida na comunidade, hoje com 63 anos, esteve ao lado de sua avó e mãe em sua juventude exercendo algumas tarefas e com muita nitidez

⁷ Sobre as funções, tarefas e modalidades de trabalhos na atividade, aprofundaremos aos detalhes no segundo capítulo, especificamente no item 2.2. Tivemos o cuidado de selecionar aqueles que tiveram envolvimento com diferentes tarefas no processo de produção da cal, valorizando o momento de entrevista pela riqueza de informações depositadas pelo entrevistado.

e riquezas nos detalhes nos apresentou sua ligação e a vida de suas ancestrais na produção da cal: dos lugares, dos fornos, dos porquês das mulheres serem submetidas ao trabalho que diante de suas configurações não se via “leveza” e “delicadeza” para trabalhar.

Com outro olhar, ainda nos primeiros anos de minha vida presenciei as idas e vindas de meu pai, com seus burros, mulas e jumentos dizendo que ia ou vinha da “Serra” (Serra Negra, Bezerros-PE), uma referência ao seu principal reduto de comércio de cal que fazia como tropeiro de cal, para eles eram os “matutos”. Os estalos do “rei” (relho), indicavam o quão ele estava próximo de casa, e da alegria de ver todos aqueles animais imponentes a meus olhos e do meu irmão caçula – nós sabíamos os nomes e como lidar de forma diferente com cada um –. Um dos maiores frutos deste trabalho foi poder gravar uma fração da história de meu pai e de minha mãe, que também é a minha história. Em momentos diferentes colhi os depoimentos dos dois, para que não houvesse influência das memórias de ambos, mas tendo a certeza de que os dois tinham sido os principais responsáveis por me fazer pensar e escrever a história de nosso povo e nossas comunidades.

No início dos meus estudos no campo da história, ainda na graduação atuando como aluno pesquisador do Núcleo de Pesquisa da FAFICA (NUPESQ), momento em que despertava o interesse em estudar o tema, tive a oportunidade de em 2013 realizar a entrevista do sr. José Simião Ferreira (*in memoriam*). Um dos moradores mais antigos da comunidade de Pendência, falecido em 2019, esse que em muitos momentos de minha infância contava sobre como foi sua vida, suas viagens, as dificuldades de sua vida laboral, tudo por meio de uma memória lúcida e firme aos detalhes. Assim exploramos conteúdos dessa entrevista realizada previamente, que tenha nos ajudado empreender nessa caminhada.

Não poderia deixar de ouvir, talvez uma das maiores referências sobre o trabalho com a cal no Povoado do Juá, o sr. José Guilhermino da Silva que aos 89 anos nos trouxe muita euforia pela rica memória e os saberes do que era a cal nessa época. Atribuímos a esse contato com o antigo produtor uma estrutura de entrevista semiestruturada, entusiasmado pelo que a atividade lhe tenha proporcionado, declarando que: “o cal foi bom demais para mim”⁸.

No final do ano de 2021 articulamos a colaboração dos irmãos trabalhadores da cal João Miguel da Silva e Ivanildo Miguel da Silva, que viveram a maior parte de suas vidas no Sítio Pendência. Sob um roteiro semiestruturado pudemos registrar experiências valiosas do envolvimento familiar na atividade, suas impressões e práticas nos centros de trabalho com a

⁸ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

cal. Ambos mantiveram boa parte de suas vidas circulando entre os fornos da Região e da Paraíba, exercendo múltiplas funções em torno da atividade.

Estivemos entrevistando outra mulher que em boa parte de sua vida trabalhou na produção da cal, para isso contamos com depoimento da sra. Rita Josefa da Conceição, aos 84 anos, em uma entrevista com roteiro semiestruturado. O que muito circula entre os que viveram esse momento é que ela teria sido uma forte presença feminina nos fornos da região. Assim como tantas outras que estiveram no trabalho exercendo tarefas que aos nossos olhos só podem sair de mulheres fortes e destemidas na dureza do labor.

Ouvimos também os irmãos José Manoel da Silva, 69 anos e Severino Nogueira da Silva, 58 anos. Tomamos conhecimento que esses teriam sido “bons” trabalhadores da cal, experientes e conhecedores de muitas funções e técnicas necessárias nas distintas tarefas requisitadas para fazer a cal, na região do Povoado do Juá e em outros municípios. Tivemos a oportunidade de no momento da entrevista com o senhor José Manoel da Silva recebermos a colaboração de sua esposa a senhora Maria José da Conceição, que nos revelou muitas nuances da participação da mulher na atividade – de certa forma, essa foi uma entrevista simultânea em que cada um colaborava com aquilo que era mais intenso em suas memórias. Ambos nos proporcionaram de ricos depoimentos – através de entrevista semiestruturada – que elevaram a condição de análise para além do elemento cultural, mas alguns apontamentos poderão enriquecer a discussão em torno da história da cal na Região,

Como foi dito antes investimos em colher a história de vida de dois outros entrevistados, o sr. Josué Eusébio Ferreira e o sr. Sebastião Francisco da Silva, pois julgamos que uma escuta mais demorada se fez necessário. O primeiro, Josué Eusébio Ferreira⁹, entrevistamos em novembro de 2021, e a entrevista transformou-se num momento de conversa regada de muita historicidade, dado o perfil acadêmico do entrevistado: o sr. Josué foi morador do Juá durante sua infância e boa parte da juventude, onde teria presenciado e tido experiências na atividade da produção da cal, tendo, posteriormente viajou para São Paulo-SP em busca de outras oportunidades, adquirindo formação acadêmica, algo peculiar entre os membros da comunidade.

O segundo entrevistado nesta condição foi o sr. Sebastião Francisco da Silva, com quem tivemos que ter cuidados maiores, para não comprometer a sua integridade física em decorrência da pandemia de Covid-19 que assolou todo mundo. Seu Tião, como é conhecido por todos, detém o importante feito de ser reconhecido como homem mais idoso da

⁹ Minha relação com Professor Josué, hoje com 77 anos se inicia na faculdade, no curso de História, sendo ele o professor da disciplina de Pré-história, inicialmente construíamos uma amizade acompanhada de parcerias e orientações de pesquisa, incentivando a aprofundar minha vista sobre este objeto de pesquisa.

comunidade, com um século de vida. Promover um momento de escuta como esse, é mais que uma etapa de coleta de dados ou edificação de fontes para pesquisa, pois sua lucidez e jovialidade na alma é um exemplo de longevidade a todos. Seus testemunhos narram a importância que a cal trouxe para o Juá e como ela esteve presente em sua vida e de sua família. A satisfação em colher seus depoimentos eram traduzidos em um tom de conversa casual; realizamos duas sessões para que tivéssemos acesso a sua história de vida e não tornasse cansativo em um único momento.

Em meio a tantas pessoas que poderiam emprestar suas recordações e lembranças para nosso trabalho esses a quem pudemos ouvir representaram toda uma classe de trabalhadores até então esquecidos aos olhos da história. Dentro de suas limitações e timidez puderam revelar com vivacidade estratos das experiências adquiridas em um mundo que só foi experimentado por eles.

Acrescentamos ainda apreciações nossas em fontes visuais: fotografias antigas e imagens atuais. As imagens da época a que tivemos acesso vieram dos raros momentos em que esse de registro era feito no cotidiano de trabalho. Ao mesmo tempo em que realizávamos as entrevistas, perguntávamos, paralelamente, sobre a existência de registros fotográficos. Já as imagens atuais foram fotografadas e/ou construídas especialmente para esta dissertação, pois além trazer riqueza às investigações, situam e acomodam o leitor que de repente esteja buscando materializar em sua imaginação noções de todo contexto da produção artesanal da cal. Achamos importante ir aos locais de trabalho com a cal e fotografar espaços, estruturas e pontos onde eram realizadas as tarefas, além de ajudar interpretação tínhamos uma ideia das condições e das dimensões do trabalho, além de localizá-las e associá-las na paisagem como fator determinante de sua composição.

Mesmo diante do cenário apresentado pelos problemas e barreiras impostas pela pandemia mundial da COVID-19, tivemos o cuidado em seguir todas as recomendações sanitárias para não comprometer a saúde dos que foram entrevistados: respeitando o distanciamento mínimo, fazendo uso de máscara e higienizando os equipamentos e as mãos para que pudéssemos tornar uma conversa produtiva e segura.

Em caráter conclusivo a essa parte, são dessas interfaces que buscamos montar nossa estrutura metodológica, um caminho que proporcionou melhor aproveitamento e tratamento das fontes disponíveis. Destacamos o quanto nos é satisfatório o poder de dar voz a esses indivíduos que dedicaram de seu tempo, força e conhecimento somados a relação que era estabelecida com ambiente, se apropriando de um espaço, deixando suas impressões que são marcas dessa paisagem. Tudo isso traduz em história a forma como esse grupo criava meios de vida.

2.1 O início da produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru

Não é uma missão simples mostrar como o trabalho com a cal se inicia e desenvolve na Região. No interior das fontes que alicerçam a pesquisa, não encontramos informações documentais precisas que apontem em que momento se iniciou a produção artesanal da cal na região do Segundo Distrito de Caruaru. A história do início da produção se confunde com o momento em essas terras passaram a ser mais densamente ocupadas. Apesar de não termos com precisão as datas e pessoas que teriam realizado tal feito, os relatos dos mais antigos moradores do Povoado do Juá apontam para uma ocupação ainda nos primeiros anos do século XX. Contudo, como veremos a seguir, a ocupação inicial da região não foi motivada pela intenção de produzir a cal.

A partir dos depoimentos Seu Tião, pudemos inferir que por volta da segunda década do século XX a principal atividade econômica da região era a pecuária de pequeno porte, ou seja, as “culturas de subsistência e atividades rurais diversificadas” já citadas por Melo (2012, p. 112), informação confirmada e especificada pelo sr. Sebastião da Silva:

Eu trabalhava para os Neneus, eles tinham muita terra, aí eles venderam, venderam. Depois que venderam, cada cá, herdou um pedacinho de dinheiro, um pedacinho, um deles veio para o Juá, aí me trouxe pra qui, eu tinha uma base de quatorze pra quinze anos quando eu vim pro lado daqui, passava de passagem, por que eles tinham um terreno num lugarzinho ali chamado Papagaio, eles tinham um cercado de botar bicho no inverno, nesse cercado, aí eu vinha mais eles, de cavalo pra ele olhar o gado, às vezes tinha gado que tinha bicheira, tinha uma coisa e outra, eles vinham olhar o gado deles mesmo, mas eles vinham olhar, eu pá, vinha mais eles, depois quando eles venderam os terrenos pra lá, aí eles resolveram vir pra qui, um deles resolveu vir pra qui botou uma bodega no Juá, aí lutou, depois botou no “sentido de comprar um caminhão, que caminhão foi esse que botou ele [para trabalhar] no alugado. olhe quando eu cheguei que passava por aqui, ele [Juá] se muito tivesse não tinha quinze casa não, era pequenininho, pequenininho, era no mesmo canto, no mesmo lugar. A Igreja vivia paradinha sozinha, não tinha casa encostada a ela não, só tinha velame e avelós, era velame e avelós, era pequeno, muito pequeno, muito pequeno. Aquela rua que tem do lado de cima que vai pro lado do cemitério, ali era uma carreira de avelós que tinha uma horta completa, tinha uma casa velha dentro dessa dita horta e aí foram vendendo os pedacinhos de terra pra eles fazerem casa, aí aumentou. Do lado de baixo onde mora Emídio, ali era uma carreira de avelós “fila da mãe” e um cercado e existia um senhor de nome Sinhozinho, acho que era Sinhozinho, era o nome do dono da casa, criava um gado, o gado dele era pouquinho e vivia dentro da “vage”, na “vage”, não tinha casa, não tinha nada não só tinha mesmo a carreira de avelós.¹⁰

¹⁰ Sebastião Francisco da Silva. 100 anos, nascido na comunidade de Rafael, trabalhador do campo e exerceu tarefas na produção da cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 12 e 19 de março de 2022

O sr. Tião, apesar de não ser filho da terra, nasceu e cresceu na comunidade de Rafael, alguns quilômetros de distância dos povoados de Palmatória e Juá, de modo que as referências à sua mocidade remontam ao início do século XX. Segundo as menções que o senhor Tião relembra do lugar, a cal não era introduzida com efetividade no cenário da região. Por outras obrigações teria ele vindo a rever os animais de seu patrão em uma propriedade, próxima do Juá.

O entrevistado lembra e descreve com muitos detalhes as dimensões e proporções que tinha o tímido e pequeno arruado que se tornou hoje o Povoado do Juá. Em sua memória, o traçado e os pontos que hoje são referências antes nem sequer imaginávamos que seria o que aparenta atualmente. Com o aumento da urbanização do lugar, antigas configurações naturais foram transformadas pela construção de casas e quem sabe pela necessidade exploratória da produção artesanal da cal.

Reconhecendo que há proximidade no desenvolvimento da atividade produtiva da cal e o crescimento urbano da região, onde, quando e de que forma teria começado esse trabalho? Mais uma vez a informação provém do senhor Tião:

Quem primeiro formou fornagem de forno na região, foi Coronel Jarne [Jaime Nejaim], Capitão Nanô nos terrenos deles mesmo, no Chicão, os terrenos desse povo era tudo no Chicão, aí eles trabalhando deram fé que existia muita pedra de cal no chão, eles cavavam, eles cavavam cada buraco para tirar a pedra¹¹

O senhor José Guilhermino, atualmente com 90 anos de idade, completa a informação:

O primeiro produtor de cal daqui foi Nonô Suares, aí começou o finado Quintino, aí começou a Empresa [como era conhecida a fazenda do 'Coronel' Jaime Nejaim], né? A Empresa naquele tempo de cinquenta, sessenta, olhe era um 'estrondo', foi um estrondo, esse pessoal da Empresa, Seu Jaime era forte, o irmão dele tinha oficina de carro novo, era a Struti Bryke¹² [Studebaker], ele arrumou contrato nas usinas e foi botar cal.¹³

As décadas de 1950 e 1960, a que se refere o senhor José Guilhermino, foram o momento de auge da produção na "Fazenda da Empresa"¹⁴, que é centrada na localidade do Chicão, município de Riacho das Almas, na época de propriedade do Coronel Jaime Nejaim.

¹¹ Sebastião Francisco da Silva. 100 anos, nascido na comunidade de Rafael, trabalhador do campo e exerceu tarefas na produção da cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 12 e 19 de março de 2022.

¹² Os irmãos Nejaim, Jaime e Ibrahin eram donos da Agência Lincoln, Ford, Fordson que negociava automóveis, pequenos caminhões (utilitários) e tratores ainda na década de 1920. Studebaker ou Struti Bryke como era popularmente conhecida era em referência a comercialização da marca pela agência tornando conhecida por revender modelos da montadora na região de Caruaru.

¹³ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

¹⁴ Nome oficial: Fazenda Santo Antônio, como apresentado na Carta Imagem Radar, Caruaru, Folha SC.25-V-A-I, SUDENE, 1984.

Apesar da informação do auge da produção ter ocorrido entre 1950 e 1960, em seu depoimento e no depoimento anterior do senhor Tião, ambos mostram os nomes de pioneiros em que nessas propriedades próximas a cal já se fazia em momentos anteriores à década de cinquenta e sessenta, como se pode inferir das falas detalhadas do senhor José Guilhermino:

Tirineta ele botava as pedras assim [fazia um montante] danava lenha para queimar, aí não queimava, queimava a metade, aí ele fazia aquela tuiá de pedra [depois de queimadas], danava água, ensacava aqueles saquinhos. Ele tinha uns trinta burros, começou com aquelas coivaras e botando a pedra, a depois botava água na pedra para pedra dissolver aquele pouquinho de cal para ela ensacar.¹⁵

Quando perguntado por nós sobre como teria iniciado a produção da cal em nossa região, o senhor José Guilhermino nos aponta o trabalho de um conhecido de sua época, que teria sido pioneiro no trabalho com a cal na localidade do Juá. Esse senhor a que se refere como Tireneta, nos chamando a atenção a forma primitiva que ele fazia a cal: um amoutado de pedras queimadas em uma coivara sem utilizar do forno, como vai ser de costume pelo contexto do trabalho na região, dando a entender que esse seria um marco em que essa atividade desponta nesse momento, ou em sua proximidade.

A informação acerca dos primeiros produtores da cal na região é confirmada pelos entrevistados mais jovens, como Severino da Silva, de 58 anos, afirma:

Os fornos mais velhos era na empresa, finado Jarne [Jaime Nejaim], os fornos mais velho daqui era do finado Jarne. Os primeiros daqui, na empresa, foi ele que começou na época ali ele que começou, finado Jarne tinha campo de avião lá, tinha tudo, ele tinha mais ou menos lá uns vinte e cinco fornos... tinha pedreira, tinha pedra lá, tinha tudo era tudo de lá.¹⁶

Como indicamos no primeiro capítulo, a região da comunidade do Chicão, hoje pertencente a Riacho das Almas, mostra-se determinante para entendermos sobre como e onde teria iniciado o trabalho com a cal artesanal na região. Nas falas dos trabalhadores e produtores podemos ter uma noção, embora não tão precisa das configurações de ano, lugar e nomes dos que projetaram essa atividade por essas terras. Nos chama atenção que nessas falas nos levam a um nome em destaque: a figura do senhor Jaime, ou Coronel Jarne, dono de uma das maiores propriedades da região – teria sido ele um dos primeiros a iniciar essa atividade nesses recantos. Sua família, descendentes de sírio-libaneses, fizeram nome na política e na economia do município de Caruaru, já para essas terras, sua fazenda não produzia

¹⁵ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro de 2022.

¹⁶ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

apenas o de costume de outras fazendas na época, o gado e gêneros agrícolas, a cal passou a ser uma realidade produtiva em sua propriedade.

A família Nejaim se tornou influente no cenário econômico e político da região de Caruaru. Na economia foram importantes comerciantes no ramo de automóveis e máquinas agrícolas desde a década de 1920, já o Coronel Jaime Nejaim, como conhecido, diversificou seus negócios com a propriedade nas proximidades do Juá – a "Empresa" que ficava no Chicão – nela produzia a cal e criava gado. No cenário político, seu filho Drayton Nejaim esteve "12 anos à frente da prefeitura da cidade e dos 20 anos (cinco mandatos) como deputado estadual, tornou-se influente político pernambucano entre as décadas de 1950 e 1980"¹⁷. Atualmente o nome da sede da Prefeitura de Caruaru chama-se: Palácio Jaime Nejaim apontando toda a influência da família.

Os fatores que imaginamos serem determinantes para o início e posteriormente desenvolvimento dessa atividade na Empresa do Coronel Jaime, perpassam pelas mesmas condições que a atividade requeria em toda região. O seu nível exploratório denuncia a necessidade de buscar na natureza do lugar o recurso para se fazer a cal: a matéria-prima para tal tarefa era toda explorada no solo e nas matas da região, só depois foram sendo transportadas de outras localidades.

Mas no caso em questão, a terras do Coronel Jaime possuíam da "sorte" de ter a rica veia de calcário suficiente para o trabalho nos fornos de sua fazenda, conforme explica o senhor Sebastião da Silva: "a veia da pedra do cal era por sorte, só tinha a veia de quem tinha as coisas, gente pobre não tinha direito de comprar um pedaço de terra, nem um pouco desse não, era tudo deles."¹⁸ Destaco nessa fala do senhor Sebastião a visão de que os mais humildes e pobres da época não tiveram o direito de usufruir da riqueza que poderia ser desfrutada como donos, e dado como sorte para o proprietário da terra que tivesse em seu interior uma mina de calcário, porque representaria dela a transformação em cal, gerando "riqueza" por aquelas pessoas.

Importante registrar também que nas terras do Coronel Jaime a lenha necessária para queima das pedras saía toda de sua propriedade que, segundo calculavam os mais antigos, passava de mil hectares de terra – ao nosso conhecer um dos poucos detentores de latifúndio na Região produtora de cal no Segundo Distrito.

¹⁷ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/DraytonNejaim>, acesso em 05 de janeiro de 2023.

¹⁸ Sebastião Francisco da Silva. 100 anos, nascido na comunidade de Rafael trabalhador do campo e exerceu tarefas na produção da cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 12 e 19 de março de 2022.

O sucesso maior de sua produção estaria na condição de poder comercializar o produto e fazer girar a engrenagem da economia da cal, tendo em vista de que o Coronel Jaime buscou estabelecer um mercado consumidor estável, garantindo o fornecimento em larga escala para as usinas que produziam açúcar para abastecer com o branco produto que saía das terras e dos fornos quentes do Segundo Distrito de Caruaru.

Essa articulação de consumo da cal produzida na Região pelas usinas de açúcar que despontaram a partir da década de 1870 e posteriormente nas décadas seguintes do século XX, em um movimento de expansão contínua, conforme explica Andrade:

A melhoria da indústria açucareira era, porém, o imperativo econômico. O açúcar bruto de inferior qualidade produzido pelos engenhos banguês, não podia competir no mercado internacional, e muitos proprietários já vinham procurando, desde 1870, aperfeiçoar as suas instalações industriais a fim de produzir um açúcar de melhor qualidade. Daí surgiu a usina, que consistia na instalação da moderna fábrica de açúcar em terras do antigo banguê e às custas do seu proprietário; quase sempre proprietário mais rico, às vezes possuidor de vários engenhos, mais esclarecido, e de espírito empreendedor. As duas últimas décadas do século XIX foram o período em que a usina sofreu o seu impulso inicial em Pernambuco, estado líder da produção açucareira nordeste, uma vez que aí surgiram, entre 1885 e 1900, cerca de 49 usinas. (ANDRADE, 1963, P.109)

Apesar de não expressar uma relação direta sobre a aquisição de insumos e produtos para cultura em questão, entendemos que essa visível mudança na dinâmica produtiva do açúcar em Pernambuco teria contribuído para uma absorção da produção da cal na primeira metade do século XX. Com o aumento do beneficiamento do açúcar pelas usinas, a cal que era utilizada no processo, foi cada vez mais convocada para abastecer seu mais importante centro consumidor, e as próprias falas dos entrevistados corroboram esta interpretação:

Esse cal ia pro Sul (Mata Sul de Pernambuco), pro Sul, eh. A cidade ia pra de, ali o quê Ribeirão, Palmares, Catende, Águas Preta (Água Preta), né? Ia pra muitos cantos ali. Ia pra aquele canto de Naza morou, como era o nome dela? Escada, Guaxuma, tinha usina lá, que era a Guaxuma, o cal botava lá pra fazer o açúcar, né?¹⁹

Embora não consideremos imprescindível estabelecer um marco definidor dos primeiros passos dessa atividade na Região, acreditamos que se trata de informações fundamentais para que o leitor possa dimensionar todo organismo produtor da cal no Segundo Distrito e sua articulação com outros setores produtivos de Pernambuco. Já as vivências cotidianas dessa história conhecemos nas falas dos que viveram e ouviram de outros.

¹⁹ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

Dessa forma, cada vez mais trabalhadores foram atraídos para esses primeiros centros de produção de cal. Tanto os senhores Quintino, Nonô Soares e o tão conhecido Coronel Jaime, foram desenvolvendo aquilo que em anos à frente seria uma das principais formas de trabalho nessas comunidades.

Explorando as informações para encontrarmos referências sobre esses primórdios da cal na região buscamos compreender quem eram os primeiros proprietários citados pelos entrevistados, para além do coronel Jaime Nejaim, de quem tratamos anteriormente. Sobre o senhor Quintino não conseguimos colher referências sobre sua origem ou descendentes que vivam ainda na região, apenas tomamos conhecimento, através de perguntas aos moradores mais velhos da comunidade, do local de sua residência, que ficava próxima da Empresa e do forno que tinha em sua propriedade. Acerca de Nonô Soares, em certa ocasião, graças à intermediação de um amigo, consegui colher algumas informações de seu neto Raul, morador da comunidade de Palmatória I, que nos revelou em uma conversa informal um pouco das características morais e de atuação do seu avô que morava no Sítio Chicão: homem do campo que trabalhava na agricultura e produzia cal, não tolerava “safadeza” de homem, e ainda segundo seu neto Raul, era destemido na região pela valentia e por isso era conhecido por Capitão Nonô.

A partir da atuação destes primeiros donos de fornos formou-se uma rede produtiva entre outras fazendas, povoados e sítios que oferecessem as condições para a produção da cal. Erguendo novos fornos, oferecendo e buscando novos mercados e consumidores, mesmo fazendo uso da simplicidade e dos recursos técnicos limitados para produzir, essa sociedade fez expandir uma cultura do trabalho ajustada às características da região e as pessoas. Teriam sido essas interfaces que permitiram para que os fornos e a exploração das matas e do solo se tornassem mais frequentes. Aqueles que puderam investir trataram de juntar trabalhadores e erguer seus fornos e a partir de outros ampliar essa atividade que surgia como uma promessa para os patrões podendo ver suas propriedades renderem com a cal.

2.2 As condições e o fazer a cal artesanal

Ao longo da história o homem sempre se mostrou dependente da natureza para os mais diversos fins, meio crucial de sua sobrevivência. Uma relação que envolve duas condições básicas, a de um ser parte da natureza, aquele que se confunde com o meio que vive e interage, na forma mais natural; de outro modo, esse homem acaba se tornando um

agente em que sua interação muda de acordo com imposição individual ou coletiva, carregada de interesses e que agora passa a investir de maneira predatória, consumista e pouco consciente de suas ações ao meio natural.

O extrativismo natural aparece na história da humanidade como a mais primitiva e principal atividade que envolve o ser humano. O sujeito busca na fauna, na flora ou nos minerais recursos para que possa se “reproduzir” ou desenvolver atividades econômicas em diferentes regiões e épocas principalmente em espaços rurais (foco de nossa apresentação). O extrativismo não oferece um padrão de trabalho no mundo rural, as relações homem/natureza, que comportam elementos culturais de um povo, reconfiguram os seus modos, seus conhecimentos, suas necessidades.

Dito isso, apresentar a forma e o fazer artesanal da cal Segundo Distrito de Caruaru trata-se não apenas de conhecer a dinâmica de uma atividade econômica, mas entender eventuais limitações e possibilidades para compreender uma cultura do trabalho alicerçada no processo de exploração da natureza e como os conhecimentos adquiridos e compartilhados constroem os saberes e fazeres dessa atividade.

A princípio, dentro de suas configurações do trabalho de fazer a cal, máquinas ou ferramentas industriais não eram utilizadas, tudo era feito de maneira artesanal, braçal, do olho e da dedução que só eram conquistadas nas experiências cotidianas do trabalho.

“Como era feita o cal? – Com pedra e lenha”²⁰. Direto e sem rodeio, essa foi o início de uma longa e detalhada resposta que meu pai José Nogueira, Zé de Neco, como conhecido na região, e Zé do Cal nos lugares onde comercializava o produto, me fez conhecer detalhes e as características do modo de trabalho com a cal nessa Região. Em resumo, ele expressa sua noção que esses dois elementos foram indispensáveis para fazer o produto. Acreditamos que a oferta desses recursos disponíveis na natureza do lugar foi um dos fatores principais que favoreceram o desenvolvimento da atividade, propiciando o envolvimento de uma massa de trabalhadores atraídos pela necessidade de ter ocupação e renda nessa região.

Meu pai, Zé de Neco junto de minha mãe Bastiana, tornaram-se a minha fonte mais intensiva de conhecimento sobre a cultura do trabalho da produção artesanal da cal, ainda quando lançávamos nossos olhares sobre um objeto de pesquisa, suas memórias, vivências e um certo saudosismo, era o que nos fazia conhecer gradualmente quanto de significado para eles e outros contemporâneos a sua época de envolvimento com a atividade. Em casa, escutávamos que hoje somos de uma geração de mais oportunidades, com vantagens em relação à época de suas juventudes – esta afirmação, por muitas vezes, serviu de comparativo

²⁰ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

para demonstrar como eles se viam em um mundo diferente do nosso e daquele experienciado por ele e por seus pares.

Assim, começamos nossa compreensão do trabalho com a cal conhecendo os fornos. Estrutura imponente e importante para realização do trabalho, chamando atenção na paisagem por aqueles que desconhecem seu significado, por muitos é visto como um símbolo da existência e do auge da atividade na Região.

O forno é o local onde é feito todo trabalho de transformação da “pedra de cal” (calcário) em cal, neles as pedras de calcário são queimadas durante dias de forma contínua até que chegue no produto desejado, a cal em pedra ou em pó pronta para o uso. Construídos pelos trabalhadores, formam uma estrutura cilíndrica, com aparência de uma grande chaminé, erguida com matérias acessíveis no lugar, pedras e barro, e que, segundo os trabalhadores da cal entrevistados, são os mais adequados para suportar todo processo, variando de tamanhos e dimensões, sendo essas medidas o que vai indicar a quantidade de cal produzida por queima do forno. Nas capacidades dos fornos da região essas quantidades variam de acordo com o tamanho da estrutura, existiam fornos que poderiam produzir de 10 toneladas (pequenos) a mais de 100 toneladas (grandes, como visto na Figura 5, abaixo) de cal de cada vez.

Figura 5 – Imagem da parte da frente externa de um forno preservado na comunidade de Palmatória II



Fonte: Foto de Jardíael Nogueira da Silva, 2022. Forno considerado de grande porte, por ter a capacidade de produzir mais de 100 toneladas de cal.

A construção de um forno demanda muita experiência na atividade. Saberes e necessidades técnicas que explicam a construção desses espaços fundamentais à atividade sob um domínio de produção que é coletivo:

Sim! Eu fiz forno, levantei o forno. Aí faz o que? Pega as pedras, é que nem uma casa assim, sai emalando ele assim, que nem uma casa arribando, a mesma coisa, faz aquele funil, né? Que nem um funil, né? Vamos dizer, pega embaixo, vamos dizer com vinte e cinco palmos, em cima tem que sair, tem que sair só com vinte, que nem um funil, ficar mais estreito em cima um pouco. De uma parede pra outra ele tem que medir vinte e cinco palmos embaixo e em cima vinte. Que é pra ele queimar bem, porque se ficar lá em cima largo demais ele não queima não, fica grande demais o fogo fica, fica, não pega no canto, pega noutro, não sai o fogo geral no capote ele perde pressão do fogo.²¹

Na construção do forno o senhor Doca completa:

Era de pedra e barro, agora tem que procurar o meio de uma ladeira, tá entendo, agora o forno só queima bem com a boca pro lado do sol, que o sol se põe, porque a ventilação é outra, ele tem que tomar pouco vento, que é pro fogo circular, se não pode fazer a boca ali pra Paraíba, mas nem faz pra que pra nascente do sol, nem faz pra Alagoas, pra ele não tomar muita ventilação. [...] Era um 'serviço' construindo um forno, cava a bacia do forno, larga, começa ali com uma pedra, sabe? ...com pedra braba, chama pedra doida, aí você vai colocando a pedra ali, enchendo de barro e de pedra pequena e vai fazendo, agora essa pedra aqui de frente é outra pedra, chama a pedra lagartixa, pedra rocha até chega em cima. Agora quando chega uma certa parte, vamos supor, até naquela parede ali [indica uma altura da parede levantada para mudar de posição] você tá por dentro, dali pra lá, pegou outra terra você vai por fora, dali pra lá você já não dá mais largura, tá entendendo? [...] capricha na boca, em cima ele tem que ser mais estreito, se fizer largo ele não queima, se ele embaixo tiver com vinte e dois palmos, é pra ele terminar em cima com dezoito, dezenove palmos.²²

O tamanho e as capacidades de produção variam de acordo com o que cada produtor ou dono de forno continha de recursos para produzir. Como descrito essas medidas variavam de tamanho, o mais comum é que um forno tivesse entre três a seis metros de altura e entre três a seis metros de diâmetro. Na região do Segundo Distrito de Caruaru essa variação remete a capacidade produtiva do forno, tinham os pequenos que podiam produzir entre dez a quinze toneladas e os maiores com mais de cem toneladas.

Nessas falas podemos observar que os trabalhadores constroem seus conhecimentos a partir da maneira que são levados ao manuseio e o exercício das tarefas que estão inseridos, suas vivências experienciadas com a observação do ambiente – a direção do sol, as toponímias locais, a direção do vento, os tipos de pedras –, e os procedimentos do trabalho desenvolvem e aprimoram sentidos que ordenam e ditam as regras das atividades produtivas. Aplicar o que sabem, é acima de tudo compartilhar com seus pares e de alguma maneira, modificam suas ações, estruturas e técnicas na busca de fazer um produto, melhor, mais rápido e mais econômico, implementando noções que o capitalismo tratou de intensificar

²¹ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

²² João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

começando pela manufatura. Desse modo, o tamanho das demandas do mercado consumidor pode ser um fator que determine novas ou afirme as mesmas práticas para seu resultado, a cal.

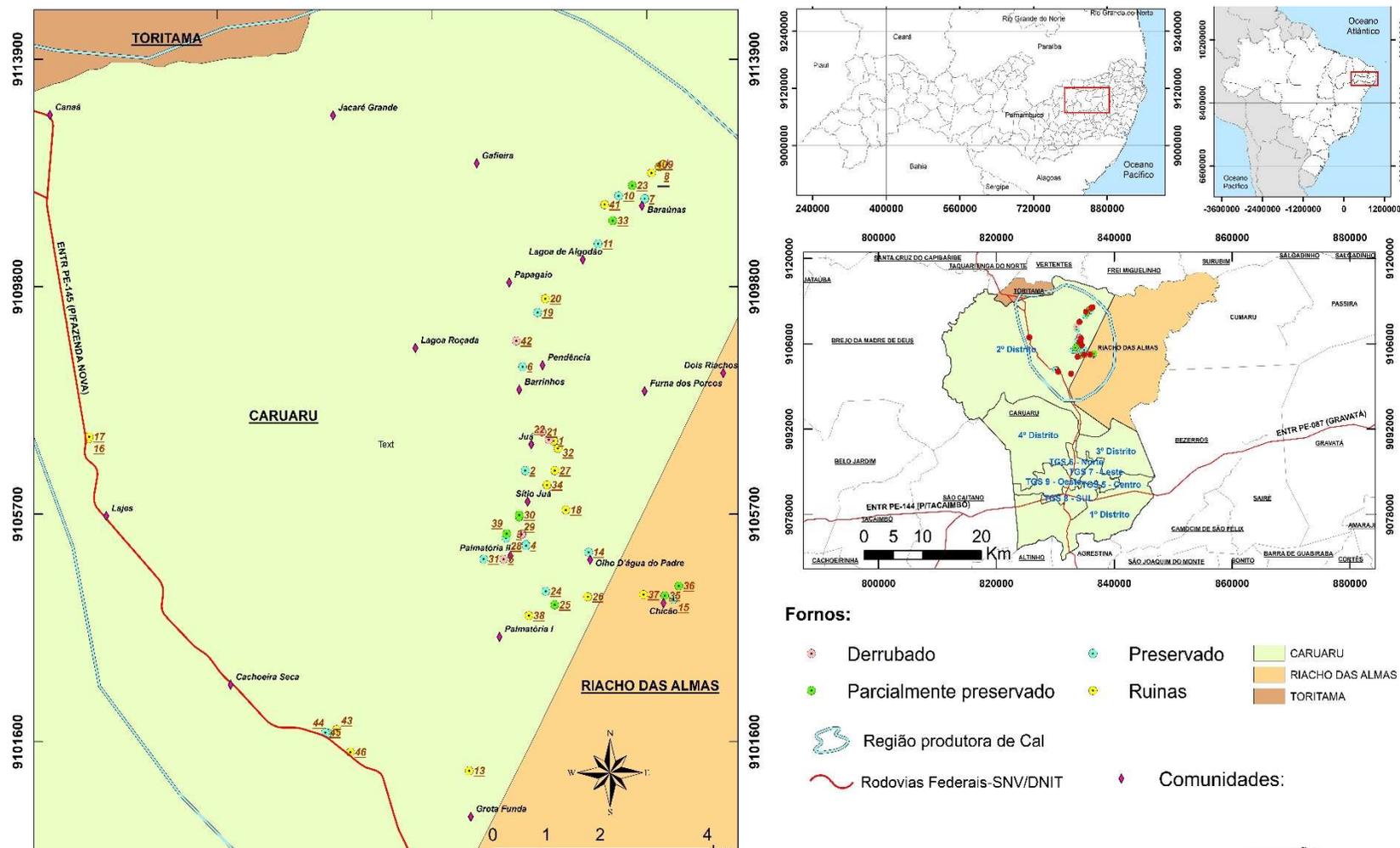
Pode parecer extravagante de nossa parte trazer tantos detalhes desses centros de transformação da rocha em cal que era os fornos, não queremos induzir o leitor a saber da fórmula ou da receita de fazer a cal. Tentamos aqui evidenciar por meio dessas noções e dimensões dos fornos – suas escalas, a quantidade de cal produzida – que em seu momento de maior intensidade produtiva o número de fornos ocupava, e delimitava os espaços de maneira quase onipresente na região (ver figura 6, a seguir), tornando quase que impossível que alguém daquela comunidade se mantivesse alheio à cultura do trabalho engendrada pela produção da cal. Além desse aspecto cotidiano, a quantidade de fornos denotava a expressiva aceitação do produto no mercado, o que movimentava toda a economia local.

Não menos importante é evidenciar o saber dos mestres dessa comunidade, que desenvolveram todo um conjunto de técnicas construtivas, com processos e materiais do local. Estes saberes compartilhados socialmente também apontam as configurações de uma cultura do trabalho típica da região, que incluía não apenas o saber-fazer, mas até mesmo denominações próprias para os materiais e processos.

Para construção do mapa buscamos colher nos depoimentos os locais, pontos e fornos ainda de pé que os entrevistados conheciam, dessa forma, tomamos notas para que em campo fossemos tomar referências dos pontos de georreferenciamento e do estado de conservação de cada um (informações úteis para confecção). Ao todo foram 46 fornos, ruínas e espaços que existiam fornos catalogados, ainda destacamos que esse número não é definitivo, podendo ser acrescido de mais algum/ns que desponte na memória.

Após colher e tratar os registros e informações repassamos para uma empresa especializada na confecção de mapas e imagens de georreferenciamento, que tratou de atender as nossas necessidades em evidenciar por meio de um registro cartográfico a dimensão da área de produção de cal artesanal, a localização, distribuição, quantidade dos fornos presentes no Segundo Distrito de Caruaru.

Figura 6 – Distribuição dos fornos na região produtora de cal, II Distrito de Caruaru-PE



Fonte: Mapa produzido sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022.

Os passos seguintes e importantes, desse percurso do fazer a cal artesanal, correspondiam à aquisição da matéria-prima para a atividade e aos estágios de trabalho desenvolvidos fora do centro de beneficiamento da cal, a metamorfose que transformava as pedras de calcário na mais alva cal que chegava a encandear a vista. Por isso os fornos acabaram se tornando espaço principal de trabalho nessa atividade, tudo corria e seguia a partir dele.

No que diz respeito a produção da cal, a rocha calcária do solo, árvores e plantas do solo foram exploradas intensamente. Sobre o calcário, Castro e Jatobá explicam:

Os calcários têm, geralmente, a cor creme, havendo, no entanto, tipos cinza e preto. A origem dos calcários é normalmente marinha. [...] Por esse motivo, o encontro de rochas calcárias pode ser considerado uma boa evidência de mares antigos, [...] No que se refere ao uso, estas rochas constituem a mais importante matéria-prima para fabricação de cimento tipo Portland e cal. (CASTRO E JATOBÁ, 2006, p. 91)

De início, encontrado com certa facilidade por ainda estar superficial no solo, ao que tudo indica, devido a sua condição histórico-geológica muitas regiões do Nordeste possuem a presença desse mineral, contudo, extrair o minério demandava uma tarefa cuidadosa, os trabalhadores se encarregam de localizar a reserva de calcário no solo, escavar e retirar as “pedras de cal” fazendo uso de meios e técnicas de trabalho um tanto que perigosas.

Havia riscos para os donos das terras, pois os trabalhadores encarregados da identificação dos veios poderiam não acertar na veia de maior concentração de calcário, não trazendo o retorno que ali teria sido investido, e ainda maiores eram os riscos aos que trabalhavam nas pedreiras, como nos explicou o sr. Josué Ferreira:

[...] é, cavava maneira braçal somente, tudo né aí quando as pedreiras começava a ficar muito funda, eles faziam um terraço no meio para palear a terra para aquela metade, depois da metade para fora, não é? Havia uma um lado um lado da pedreira era normalmente chapeada para ela fazer uma rampa aonde saia com banguê carregando as pedras, o carro de mão quase não existia, era, sabe o banguê quando ele é feita de cipó dois varões cipó passado, estava enchia de pedras dois homens, um na frente e outro atrás sair carregando as pedras para ir para as pedreiras, como as pedreiras eram relativamente perto, as que vinham de fora não sei já chegava no caminhão botava perto no banguê, às vezes levava de Jumento, né? Em caçuá, mas era perto. Quando tinha muito usava dinamites, dinamite, rastreios, né? Mas a gente não chegou a usar porque tinha muita pouca pedra naquela pedreira. Eu ajudava, eu paliava, eu entrei dentro das pedreiras para trabalhar, eu gostava e aprendi paliar justamente ali, quer dizer, eu consigo até hoje, a técnica de encher a pá de terra e se jogar, solta a pá na hora certa para terra não espalhar demais, ir direto para o local que você deseja. Aí você, aprendia certas técnicas, nuanças da utilização da ferramenta.²³

²³ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

Essa fala do senhor Josué apresenta, em partes, as características da extração do calcário em uma época em que ele tenha iniciado o trabalho como produtor na localidade do Juá. O entrevistado descreve as dificuldades e a forma como eram retiradas as pedras de calcário, empregando técnicas e conhecimentos que amenizavam o esforço para obter as pedras, mas não diminuía os riscos, já que podiam estar em pedreiras profundas e fazendo uso de material tão perigoso como a dinamite. Utilizavam de ferramentas manuais (marrão, marretas, alavancas, picaretas, chibancas, banguês de madeira, metal ou de cipós, pás, tinas, enxadas e cunhas) e de explosivos, como visto, eram empregados para esfacelar aqueles enormes blocos rochosos de calcário encravados na terra, dessa forma, facilitava a extração, o manuseio e transporte para os fornos, contudo, nesses momentos os trabalhadores estavam expostos a tarefas em que os riscos à sua integridade física eram iminentes.

Apesar do risco, a extração das “pedras de cal” foi realizada intensivamente no Juá e cercanias entre os anos de 1950 e 1960, quando a extração desta matéria-prima migrou gradativamente para a Paraíba. De acordo com nossos depoentes houve, pelo menos, dois motivos para a mudança de local da extração:

Ainda tem muita pedra aqui, mas só que tá muito fundo...a daqui era roxa, dava um cal mais roxo, aí por preferência, pegamos a preferência e começamos da Paraíba, eu mesmo carreguei muito da Paraíba para meu forno, no Ford, na Mercedes²⁴

Como se nota na fala do senhor José Guilhermino a pedra da Paraíba foi ganhando preferência. A princípio imaginamos que teria sido ocasionado pela escassez da matéria-prima no solo da região, mas segundo nossas fontes, o motivo teria sido a qualidade do minério local, e a busca por um produto mais atrativo para o mercado consumidor. Também consideramos importante a informação oferecida sobre as dificuldades de extração: os veios da região do Juá estavam cada vez mais fundos e certamente tornavam o trabalho de extração mais difícil e oneroso.

A relação entre os produtores e trabalhadores da cal no Segundo Distrito de Caruaru com a região produtora de cal da Paraíba se estende para além da aquisição de matéria-prima. Tomamos conhecimento, através de nossas entrevistas, de muitas pessoas que teriam em algum momento de trajetória na produção artesanal da cal ido trabalhar nos municípios paraibanos e da fronteira com Pernambuco. Principalmente nas comunidades da região denominadas por eles como o “Sertão” e a “Paraíba”: Santa Cruz do Capibaribe-PE, Santa Maria do Cambucá-PE, Vertente do Lério-PE, os municípios paraibanos de Santa Cecília, Alcantil, Riacho de Santo Antônio, Barra de São Miguel e Caraúbas eram chamadas

²⁴ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro de 2022.

de "Paraíba"; enquanto Riacho de Santo Antônio – PB, Barra de São Miguel e a comunidade do Pará, localizada no Município de Santa Cruz do Capibaribe eram o "Sertão"; e ambos absorviam a mão de obra para os fornos, pedreiras e cortes de lenhas:

Eu ia para pedreira, levava alavanca, as pedreiras era da altura dessa casa, aí eu ficava aqui, né? Pegando, pegando fogo, cortando a pedra no marrão, batendo com marrom e ela saindo, aí eu cavava fogo para detonar, botava dinamite para detonar a pedra. Esse serviço de arrancar pedra eu fiz no Pará, no Sertão, pro lado das Barreiras, Cumatãs [Curimatã], ali, por ali ... essas pedras ia pro forno de lá mesmo, trabalhei em Riacho de Santo Antônio, trabalhei no Ambô.²⁵

A inserção de trabalhadores do Segundo Distrito nos locais de trabalho na Paraíba podia ser devido a duas situações mais comuns: a primeira, na baixa produtividade ou na escassez de serviço, esses eram atraídos pela demanda do trabalho nessas regiões; a segunda, podia ser uma estratégia para conseguir uma melhor remuneração de seus patrões da cal do Juá e adjacências.

Fui trabalhar só na Paraíba de baixo, em Riacho de Santo Antônio e então trabalhei ali no Pará, porque as vezes o serviço aqui faltou e fomos obrigado a ir pra lá, deu uma amenizada, os negócios daqui afracou, aí lá era um povo mais forte, botava cal na usina, não faltava serviço. Aí depois quando a coisa melhorava aqui, nós voltava de novo. As vezes o serviço tava fraco aqui, lá fora tava melhor, porque já pagava uma diária melhor, aí o cabra ia lá, quando pensava que não o daqui melhorava o camarada voltava, mas lá ainda ficava muita gente. Vamos supor, o finado Pretinho pagava uma diária de um conto de Reis, aqui pagava com oitocentos, [Mané] Caça²⁶ Preta pagava com um conto e cem, depois aqui tinha que chegar no preço. Você via uma queimagem aqui na época era, vamos supor dez paus, seu Mané [Caça Preta] pagava com quinze, o mesmo tempo, tá entendendo?²⁷

No mundo em que as dificuldades de sobrevivência dos sujeitos que dependem de sua força de trabalho é o que garante o seu sustento e de sua família, suas estratégias se tornam legítimas quando o interesse é garantir melhores condições de vida e reprodução social. De outra maneira, essa circularidade de trabalhadores nesses centros de produção indica que havia uma busca para manter ativos empregos fazendo a cal.

Dito tudo isso, as demandas e quantidades de calcário e madeira extraídas para produção de cal surpreendem qualquer expectativa circunstanciadas a uma cultura do trabalho, dada sua inegável capacidade predatória da natureza. Independentemente de onde fossem extraídos os recursos, foram décadas de um trabalho que insistia em abrir crateras no

²⁵ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

²⁶ O dono de forno conhecido como Caça Preta ou Mané Caça Preta, trata-se de um cognome entre os que o conhecia, da forma como era chamado fazia referência ao substantivo calça e não a ação do verbo caçar.

²⁷ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

solo²⁸ para extração de grandes quantidades de rochas e de lenha necessárias para abastecer um forno de uma única vez. Se tomamos conhecimento que na Região, dezenas de fornos²⁹ produziam a cal ativamente durante todo ano, a conta final seria o esgotamento e a degradação do meio ambiente.

Passamos agora a entender como era adquirido o combustível que alimentava os fornos para transformação da rocha em cal. Como era extraída a lenha? E que lenha abastecia a produção artesanal da cal?

Nas suas concepções mais tradicionais a forma de se produzir cal consiste na carbonação da rocha calcária por meio da queima. Atualmente com o uso de outras tecnologias neste processo pode ser acelerado utilizando outras fontes de energia alternativa, contudo, a lenha era o único combustível empregado nos fornos da região do Segundo Distrito naquela época.

Com a mesma intenção de garantir os recursos primários para produção da cal, o combustível para queima e transformação da “pedra de cal” em cal, era a lenha. Essa era extraída das matas da região do Segundo Distrito e de outros lugares próximos, tendo a caatinga como bioma, sendo característico desse ecossistema a existência de plantas arbustivas e plantas de médio e pequeno porte, explicando a extração em proporções predatórias sobre as espécies vegetais da região. Esta tarefa era realizada pelos “cortadores de lenha” que também podiam desempenhar outras funções na produção artesanal da cal, esses tinham a tarefa de derrubar e cortar as árvores e depois de cortadas, a lenha era transportada em caminhões ou muares para o centro de produção da cal, os fornos, onde seria feito todo o processo “queima do forno” e do fazer a cal.

A partir dos relatos tomamos conhecimento que uma grande variedade de espécies de plantas da Caatinga, eram cortadas e transformadas em lenha. Espécies nativas e outras que foram introduzidas e que se adaptaram muito bem ao clima, o solo e ambiente. Em destaque o avelós, sobre o qual já falamos anteriormente, que na produção da cal tinha uma grande aceitação como combustível para queima dos fornos.

Espécies comuns nas matas como: marmeleiro (*Croton sonderianus*), da mesma família vinha a favela (*Cnidocolus quercifolius*); catingueira (*Caesalpinia pyramidalis Tul*); jurema e jurema preta (*Mimosa tenuiflora*); aroeira (*Myracrodruon urundeuva*); pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*); imburana (*Amburana cearensis*); angico (*Anadenanthera*

²⁸ Ver exemplo da figura 3 (página 29), que apresenta as consequências da extração do calcário para os fornos na região.

²⁹ Ver tabela apresentada no apêndice 2, que apresenta o número dos fornos catalogados e fixados no mapa da figura 6.

colubrina (Vell.) *Brenan*); baraúna (*Schinopsis brasiliensis Engl.*), juazeiro (*Zizifus joazeiro*), quixaba (*Sideroxylon obtusifolium*) e outras espécies de plantas lenhosas (SANTOS, 2006).

Havia duas classificações de lenhas utilizadas na produção da cal. As lenhas: branca e o avelós, como referenciado e diferenciado para a utilização na atividade. Em uma separação simples, denominava-se toda lenha que não fosse da espécie avelós como sendo lenha branca, a outra assumia o codinome de classe. Ambas alimentavam os fornos e, intensificando a queima “derretia” as pedras “fazendo chorar a liga”, como dito pelos trabalhadores. Não sabemos ao certo o porquê ou o que seria essa liga da pedra (tem aparência de vidro derretido) a que se referem, imaginamos que tenha relação com as propriedades químicas da rocha, que sob a intensidade do calor muda sua consistência, levando a sua transformação em cal, fazendo com que a rocha libere sedimentos e eliminando essa liga. Isso parte das observações que os próprios trabalhadores sabiam a que estágio se encontrava o processo da queima da cal. Saberes que indicavam o momento de ampliar ou diminuir a quantidade de lenha, saber se é o momento de parar com a queima pois a cal estava pronta, eram as nuances, a experiência adquirida no trabalho que se tomava como referência essas partes no cotidiano de trabalho.

E não esteja pensando que o cal pedra queima com lenha grossa não, a linha grossa é bom, porque ajuda a gente, tá entendendo? Mas queima com a lavareda. É melhor queimar o cal com a lenha mais fina, que faz a lavareda, mas ela é fina o camarada trabalha mais. Pra gente era melhor uma lenha mais grossa, porque a gente descansava mais um pouco, trabalhava mais um pouco, mas o forno mesmo só desarma com a lenha mais fina e seca. Ninguém pensa em queimar forno com lenha verde não, que ele não queima não. A melhor lenha para queimar era o avelós, era melhor do que a lenha branca, porque o avelós é uma lenha mais maneira para nós trabalhar e ela faz mais fogueira, ela não tinha, tá entendendo? Ela não fazia muito carvão e a linha branca fazia muito borrão, a lenha branca qualquer coisinha se segurava, o ruim disso é que atrasa a queimagem, já a lenha de avaloz não atrasava a queimagem, quanto mais seca melhor. E tinha muito, tinha muito avelós.³⁰

Pela sua experiência, o senhor João Miguel, Doca como conhecido na região, declara em na sua fala quais os tipos de lenha poderiam serem melhor aproveitadas para queima nos fornos, detalhando os problemas que poderiam trazer a qualidade da queima, que determinava o sucesso do trabalho, podendo inclusive as rochas não chegarem ao ponto desejado caso a intensidade do fogo não fosse o suficiente, dessa forma, a qualidade e o tipo de lenha eram vistos pelos trabalhadores e produtores como determinantes para o trabalho.

Nas declarações dos entrevistados, a lenha de avelós tinha a preferência principalmente entre os trabalhadores. Pelo pouco que conhecemos dessa madeira, podemos

³⁰ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

acrescentar que a predileção dos trabalhadores por essa espécie seria pela facilidade no manuseio nas dependências do forno, pátio, armazém e sua introdução na boca.

O pátio e o armazém eram espaços de complemento de um forno, o primeiro era a área externa onde ficava depositada toda lenha e pedras a serem utilizadas no forno, dessa forma elas eram carregadas para dentro do forno e do armazém pelos trabalhadores, o armazém era o local mais próximo da boca onde ficavam os queimadores para jogar e alimentar o forno com lenha, por ele era retirada a cal, geralmente era uma área coberta para proporcionar alguma proteção aos trabalhadores (ver figura 7, a seguir). Vale ressaltar que havia diferentes proporções e tamanhos de armazéns, inclusive aqueles que não eram cobertos, mas eram reconhecidos como armazém.

Figura 7 – Imagem de armazém e entrada para boca do forno



Fonte: foto de Jardíael Nogueira da Silva, 2013.

Retornando à questão da lenha de avelós, é importante saber que quando ainda verde, o avelós jorra uma seiva tóxica, um látex, o qual, em contato com a pele ou os olhos propicia irritação e uma sensação de muita ardência nas partes em que foi afetada. Já cortado e transformado em lenha, perde boa parte dessa sua potencialidade nociva e quando seca, quase não apresenta esse perigo, além de ficar muito leve, o que facilita a sua manipulação no trabalho; como a lenha seca possui uma menor densidade, produzindo uma quantidade

maior de chamuscas do que a lenha branca, o que é benéfico na produção. Segundo Senhor Doca: “o avelós é uma lenha mais maneira para nós trabalhar”³¹.

Apesar da preferência pelo avelós, a lenha branca parece ter sido uma alternativa importante em seu emprego como combustível, visto que foi intensamente explorada na região. O senhor Doca (2021) esclarece que esse tipo de lenha por ser mais maciça e mais rígida do que o avelós sua queima produziria mais brasas do que lavaredas.

O volume desses resíduos da lenha branca na “bacia” do forno seria maior do que o volume utilizado com o avelós, queimando essa espécie quase não produzia “borrão” (o mesmo que carvão e cinzas resíduos da queima da lenha). A lenha branca é mais pesada e dependendo da espécie pode vir acompanhada de espinhos e pequenos ramos, dificultando seu manuseio.

Os produtores se mostravam mais interessados também pela lenha de avelós por ser mais barata que outras lenhas, desde sua extração no corte das grandes cercas vivas em que eram de costume se utilizar para dividir as pequenas propriedades, os trabalhadores tinham uma maior produtividade em cortar essa espécie do que outras. Sua toxicidade era compensada por uma estrutura mais “mole” do que outras espécies da Caatinga, e tradicionalmente era pago um valor menor à essa lenha. Embora na queima da cal fossem utilizados os dois tipos, havia uma preferência maior pela utilização do avelós tão presente na região, chegando a ser replantado pelos pequenos donos de terras para que em outro ciclo pudesse ser queimada sua lenha.

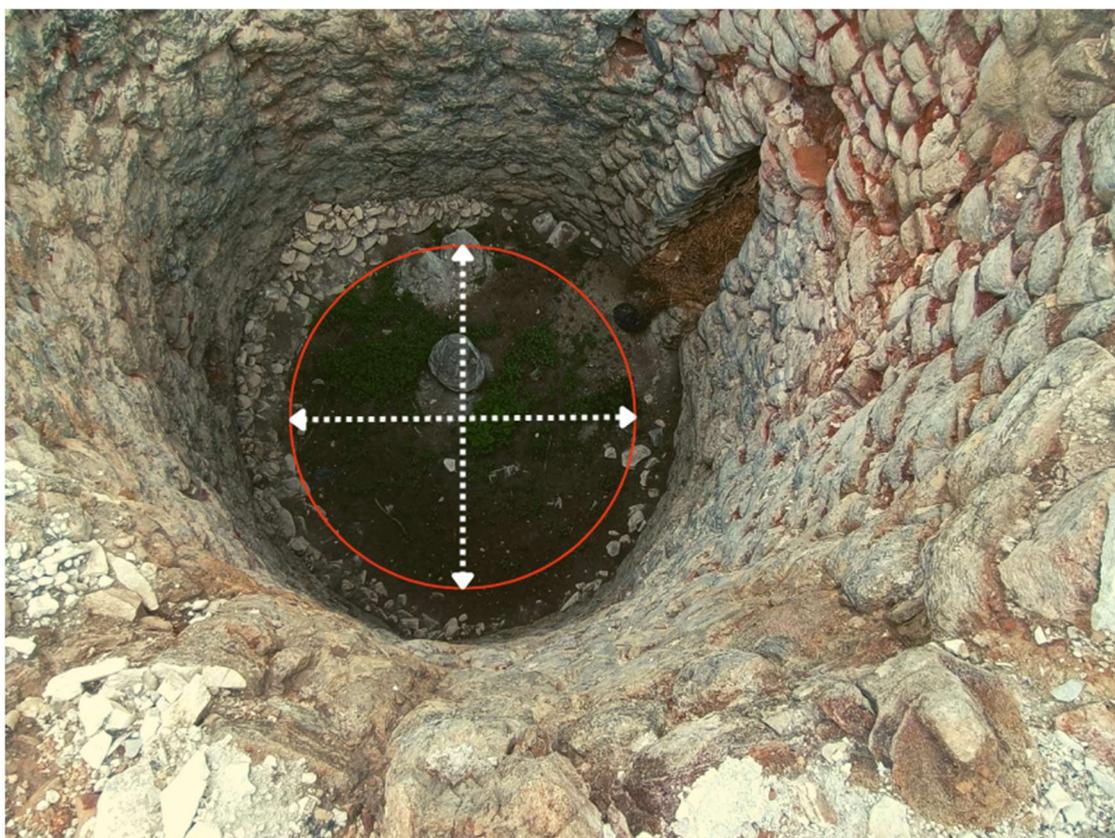
Não pretendemos fechar por aqui esse ponto. No que se refere à extração de lenha, há outras questões que buscaremos trazer a discussão, no capítulo seguinte, sobre os impactos da produção da cal na construção da paisagem, entendendo que a espécie do avelós, como também as espécies nativas da região, teriam sofrido consequências diretas da produção no ambiente, reconfigurando o panorama do campo e promovendo a continuidade de uma cultura predatória que pode ser vista em atividades atuais.

Depois de todo esse processo, apenas uma parte foi alcançada para, enfim, ter a cal pronta para comercialização. Depois de ter adquirido toda pedra e lenha, a etapa seguinte do trabalho requeria de muita experiência e engenhosidade por parte dos trabalhadores, pois, nesse momento se inicia o processo de preparação e transformação da pedra em cal.

³¹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

Nos fornos os trabalhadores selecionavam as pedras, cada uma tinha seu destino e lugar específico. As maiores, chamadas de “enfornação”, era cuidadas e acomodadas pelos “*enfordadores*”, esses trabalhadores exerciam uma das funções que pedem muita habilidade, pois eram eles que encaixavam uma pedra sobre a outra, construindo uma estrutura parecida com uma fornalha (seu formato era parecido ao de um iglu, abrigo característicos de povos que vivem em lugares de gelo), a chamada “bacia do forno”, que recebia a lenha para queima das pedras de cal, e que encontra-se exemplificada na figura 8, a seguir.

Figura 8 – Imagem e esquema do espaço da bacia do forno



Fonte: foto de Jardíael Nogueira da Silva, forno de Adilson II (ver apêndice II, página 148), Palmatória II, 2022. O círculo em vermelho delimita a área da bacia do forno onde era jogada a lenha pela abertura lateral, a boca. Ao redor do círculo eram “emaladas” as pedras de enfornação para que fechasse em cima, formando a bacia por completo, com aparência de um iglu.

Essa preparação necessitava de muitas mãos, pois era uma tarefa muito trabalhosa, e precisava seguir um fluxo de trabalho, pois caso atrasasse, poderia perder os bons momentos de vendas da cal. Os trabalhadores tratavam de quebrar pedras, selecionar as maiores para que fossem enfordadas pelos *enfordadores*, e na bacia e no armazém as mãos de mulheres e crianças se misturavam às de homens, visto que era comum o envolvimento no trabalho desde cedo. Essa etapa, segundo os trabalhadores, era a mais importante na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, se a enfornação das pedras na

bacia não estivesse enquadrada da maneira correta, sua estrutura poderia diminuir, ou algo ainda pior que era cair, o que traria prejuízos ao patrão.

A enforção, fazendo a base e a cada momento ela vai, vai se aproximando mais do meio, né? Vai arredondando para fechar o cone embaixo, né? Aí ele fechou o cone aqui assim [mais alto do que o comum], não fechou assim [na altura adequada], aí significa o quê? Não, ele fechou muito assim, não foi assim, aí significou que tinha menos pedra. Então a produção que era para dizer quantas toneladas [não especifica a quantidade] diminuiu um terço. [...] Dominar isso aí, quer dizer, é aumentar, se você vai fazendo assim, qual a diferença de uma pedra para outra? E você ao fazer isso ao redor, ao redor você vai fechando, fechar ele com mais técnica, ela baixa, ela vai caber muito mais pedra até chegar em cima. Se você fechar muito em cima o espaço entre a parede do forno, não é? E o final, a menor quantidade de pedra. Então a produção em toneladas vai diminuir, aí foi toda essa questão [...]³²

Nessa narrativa o senhor Josué demonstra o que tínhamos dito antes, na intenção de se tornar um produtor de cal ele nos conta o que teria acontecido para que não tivesse tanto sucesso em sua experiência nesse trabalho. O ocorrido indica que era necessário a competência de um enforador habilidoso para se obter vantagens e não correr o risco de ver toda estrutura ir abaixo durante a queima. Por isso, bons enforadores eram trabalhadores requisitados e recebiam uma remuneração diferente da de outros – não a ponto de se ver uma grande diferença nos pagamentos, mas era de costume o enforador receber mais que os outros, e seu saber e sua habilidade eram legitimadas e reconhecidas pelo grupo.

Com a bacia já finalizada, agora era o momento de preencher o forno com os mais diversos tamanhos de pedras até suas bordas. Essa fase consistia apenas em completar jogando e acomodando toda rocha, dando o volume e quantidade de matéria-prima na estrutura do forno. Com o forno preenchido havia um acréscimo acima de sua borda, o chamado *capote*.

O *capote* é a última etapa com as pedras de cal no forno. Para o *capote* as pedras eram quebradas em tamanhos menores (algo parecido com um paralelepípedo de pavimentação) depois eram acomodadas no mesmo formato arredondado do forno, ficando acima da sua borda superior, conforme pode ser visualizado abaixo, na figura 9. Segundo o senhor Zé de Neco: “Num forno grande ele chegava até uns dois metros e meio, num forno pequeno, ele era mais pequeno, uns sete ou oito palmos [...]”³³, em outros locais e épocas de

³² Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

³³ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

produção de cal com características artesanais, assim como a observada, não é comum ver o capote como uma parte do forno³⁴.

Figura 9 – Trabalhador posando para foto nas dependências do forno



Fonte: Foto Josué Eusébio Ferreira, 1974. Local do forno de Manoel Cosmo (ver ponto 22, na figura 6, página 65). Destaca-se ao fundo a estrutura do forno com o capote pronto, no pátio externo, depositada a lenha que seria utilizada para queima – possivelmente da espécie avelós.

Isso pode ser explicado pelo aproveitamento da intensidade do fogo que ultrapassava sua estrutura. Deduzimos que fazer o *capote* advém de duas possibilidades: a primeira, de simplesmente aumentar a quantidade de pedras no forno para uma maior produção; a segunda, aproveitar a temperatura e as chamas que sobem para parte superior do forno sendo aproveitadas para queima do *capote*.

Após a estrutura finalizada iniciava-se o processo de queima da cal. O forno alimentado pela lenha era aquecido em altas temperaturas de forma contínua, vinte e quatro horas sem parar até que esse apresentasse sinais – dedutíveis pelos trabalhadores – que a cal já estava pronta.

Nessa etapa os trabalhadores jogavam a lenha pela boca do forno (abertura para bacia que era o local de queima da lenha), em intervalos entre uma boca e outra para que toda

³⁴ Em outros locais de produção da cal (Portugal, Espanha e Alemanha) a que tivemos informações, em que se utilizavam o forno como mecanismo ou tecnologia de transformação da rocha em cal não é unanimidade a presença do capote como componente integrado ao contexto produtivo. No caso da produção na Região e a produzida no “sertão” e na “Paraíba” esse elemento é presente como parte pós estrutura do forno.

lenha jogada pudesse ser consumida pelo fogo intenso. Não obtivemos nenhuma informação precisa da temperatura à que podiam chegar os fornos da região, a partir dos depoimentos fazemos projeções de uma temperatura de fundição:

Muitas pessoas corriam, era quente demais, não aguentava trabalhar não. Chegou um cara lá, para medir a temperatura, um cara de Caruaru ele chegou lá com o aparelho como um negócio assim parecido com um relógio, aí foi, foi, foi para mil, dois mil passou e não aguentou medir não, disse: 'ninguém aí mede a temperatura que tem não'. Isso aí foi lá em seu Mané Caça Preta, fui lá em seu Mané.³⁵

De certo modo Bil de Leu presenciou uma situação que fugia ao seu contexto para que compreendesse a forma e o sentido daquela situação. Não se sabe ao certo quem era essa pessoa que esteve a medir a temperatura dos fornos, ao que tudo indica trata-se de alguma fiscalização de algum órgão, pois tomamos notas que isso teria ocorrido em outros fornos, mas não tivemos maiores informações que nos levassem ao acesso de possíveis documentos sobre as questões referentes a esse tipo de visita na produção artesanal da cal no Segundo Distrito.

Apesar de difusa escala de temperatura apresentada pelo senhor Bil de Leu observa-se que os fornos podiam chegar a uma temperatura que ultrapassa a casa dos mil graus celsius (MENEZES, 2018). Estas altíssimas temperaturas demonstram o quanto era preciso que o corpo do trabalhador estivesse adaptado para exercer essa função, pois mesmo os mais experientes e acostumados a esse trabalho podiam sofrer consequências pela exposição as altas temperaturas. Como de costume, alternava-se em turnos de seis horas, as turmas de pessoas que era compostas por *tombadores* (tinham a tarefa de carregar e aproximar a lenha do pátio do forno para boca do forno) e *queimadores de boca* (jogar esse material dentro do forno), estratégias que poderiam amenizar o desgaste de um trabalho tão exaustivo.

Na queima que era realizada de forma contínua, vinte e quatro horas por dia podendo durar mais de uma semana em cada enfornação, os trabalhadores formavam turmas com dois queimadores e de um a quatro tombadores, o que ia depender do tamanho e consumo de lenha do forno. Essa troca de turnos já era de costume na atividade, funcionando de forma que uma turma começava às seis da manhã, parando as doze horas, daí outra turma iniciava as doze horas e repassava para a turma que estava no início, as dezoito horas. O trabalho seguia até a meia noite para que a turma que tinha descansado trabalhasse na madrugada. Na conta dessas pessoas a cada período de queima que completasse doze horas contava-se um dia de trabalho. Por isso, ficamos mais impressionados quando dizem que passavam

³⁵ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

quatorze, quinze até dezesseis dias para terminar a queima de um forno, em jornadas de doze horas diárias.

Contudo, a quantidade de fornos ativos na região demonstra que essa intensidade e circularidade na atividade representavam elementos da força que essa cultura do trabalho tinha na vida dessas pessoas, conduzindo para dentro do grupo social as condições impostas pelo exercício do fazer da cal que orquestrava os corpos, o tempo e as pessoas.

Como saber se a cal estava pronta? Sinais poderiam indicar que era o momento de parar ou continuar com a queima, essa dedução era parte do conhecimento que só os trabalhadores especializados dominavam. Sempre um momento de muito debate entre os trabalhadores, pois, poderia significar a necessidade de mais tempo de queima ou terminar mais cedo o processo. Quem tomaria a decisão sempre era o dono do forno ou o responsável pela queimagem, mas a sabedoria dos envolvidos influenciava sobre veredito. Em torno dessa decisão havia muita apreensão em saber se o resultado foi satisfatório e se houve uma boa queima das pedras.

Tava queimado, porque quando o forno tá cru ele come muita lenha e quando ela tá queimado a lenha dele é muito pouca. Vamos dizer, um forno come por dia, vou botar quarenta metros de lenha, por dia, aí o forno quando tá queimado vamos dizer que ele só aceita vinte, quinze, porque ele não aceita mais. As pedras tá sem óleo, tá sem força as pedras de dentro, fica um fogo veio morto dentro, o fogo muda de cor, fica azulzinho, em cima fica aqueles 'milagrinhos' [refere a cor das chamas azuis em cima no capote], em cima. Porque o forno quando tá cru, o fogo dele é vermelho demais, vermelho mesmo, quando tá queimado o fogo é bem azulzinho, bem azulzinho.³⁶

Não era com a utilização de um instrumento, máquinas ou ferramenta que se atestava que a cal estava pronta, mas com a intuição e observação que, tanto os trabalhadores quanto os patrões, sabiam se estariam desperdiçando lenha ou se era preciso dar mais alguns dias de queima. Esses saberes só podiam ser consubstanciados pelas experiências da produção artesanal da cal, as práticas de trabalho promoviam e despertavam os conhecimentos necessários sobre a dinâmica produtiva que traria “ordem” às suas vidas – a necessidade de ter que sair de um forno e trabalhar em outro para não perder de vista o trabalho essencial a sua existência.

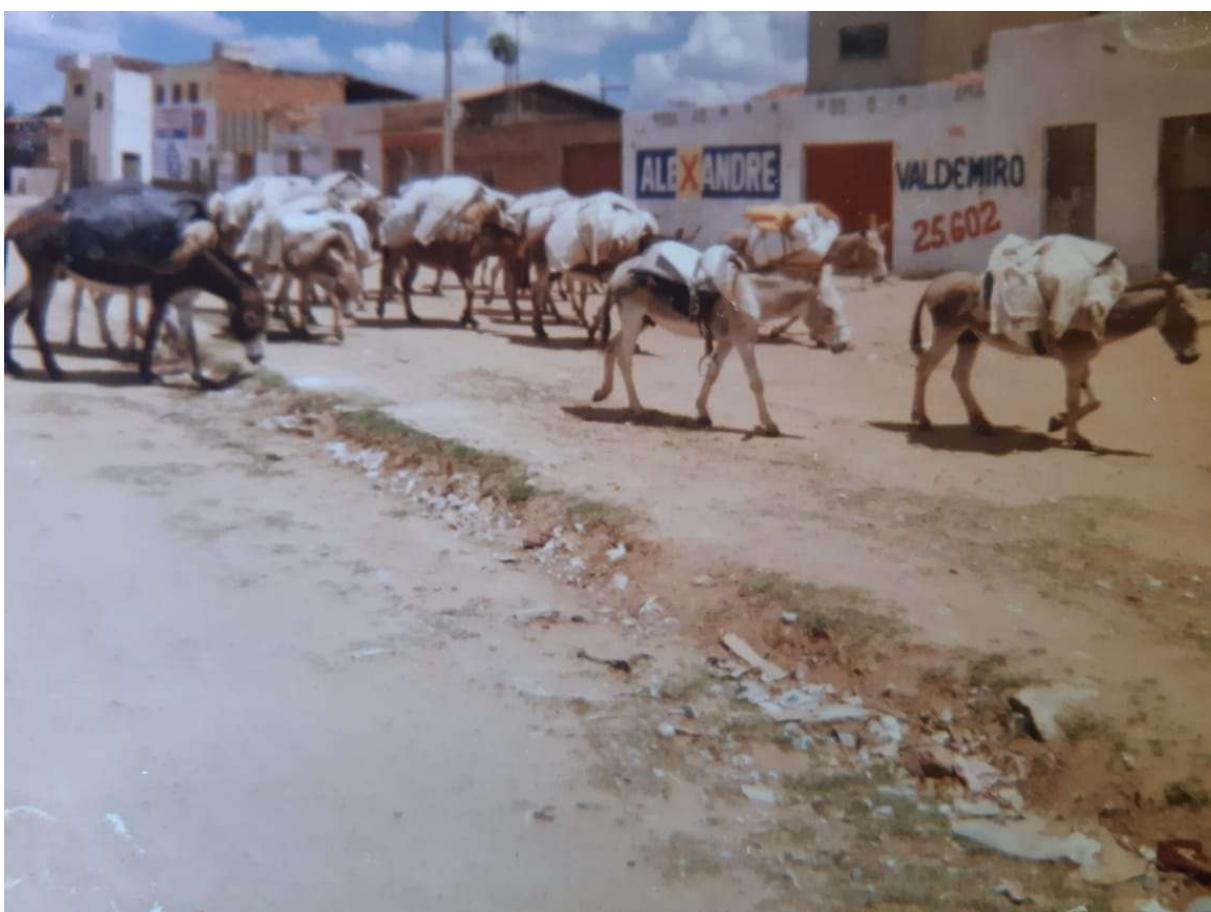
A parte final de todo processo é o destino ao mercado de consumo. Momento em que a cal já pronta, saía dos fornos e ganhava destino para diversos municípios de Pernambuco para ser utilizada em diferentes fins, desde a mais tradicional introdução na construção de habitações ou estruturas arquitetônicas, passando a ser apreciada como corretivo de solo em algumas culturas nos brejos e Zona na Mata. Sendo a produção do açúcar o seu maior consumidor, era desejo de todo produtor manter um contrato ou parceria com uma usina de

³⁶ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

cana-de-açúcar, que significaria maior lucro, já que essa demandava uma grande quantidade de cal em períodos de safra, a qual aquecia a produtividade para que pudesse abastecer as usinas de cana-de-açúcar.

Rumos diferente eram tomados pelos chamados “matutos” da cal, vendedores do artigo em burros, jumentos e mulas (ver figura a seguir), que saíam da Região e visitavam municípios do Agreste: Riacho das Almas, Cumaru, Bezerros, Passira, Limoeiro, Camocim de São Félix, Bonito, São Joaquim do Monte, Agrestina, Barra de Guabiraba e outros, chegando a negociar em municípios da Zona da Mata em longas viagens oferecendo a cal em pó ou em pedra.

Figura 10 – Transporte e comércio de cal em burros e jumentos



Fonte: foto de Ivonete Inácia da Silva, Riacho das Almas-PE, 2000

Foi esse trabalho que meu pai realizou por catorze anos, viajando do Juá para muitos desses lugares dos quais comentamos antes. Teria ele encerrado sua trajetória de trabalho com a cal nos estalos de seu relho para conduzir um pequeno grupo de burros³⁷, mulas e jumentos semanalmente para Riacho das Almas, Cumaru e seu Distrito Ameixa; Bezerros e

³⁷ Na época um “matuto” com uma tropa de seis animais já seria considerado um bom número aos padrões dos comerciantes de cal em “burros”.

Serra Negra, comunidade pertencente ao mesmo município. Com saudosismo ainda nos declara que: “sinto vontade ainda de viajar com os burros”³⁸.

A partir dos relatos e depoimentos fomos surpreendidos por descrições que são decifradas e conhecidas por essas pessoas em um ambiente carregado ainda por muitas características que lembram o movimento do auge produtivo da cal. Por força da memória coletiva buscamos tornar evidente fragmentos das sensibilidades, dos ritos e dos conhecimentos trajados nas experiências que são valiosos saberes desse grupo social que por muito tempo de suas vidas estiveram envolvidos nesse trabalho, dando a essa atividade uma importância que ultrapassa o valor socioeconômico, mas que também enriquece a cultura e a memória de um povo e de uma região.

2.3 Quem eram os trabalhadores e trabalhadoras?

Com esse subtítulo indicativo pretendemos apresentar quem eram os atores que trabalhavam e atuavam no mundo da produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru. O lugar onde estão essas pessoas revela muitas das características de uma sociedade distante dos olhos do poder público, que não disponibilizava políticas sociais para tornar melhor a vida e o trabalho dessas personagens que, na região, não viam outras perspectivas a não ser integrar a cultura do trabalho com a cal ou outras atividades ligadas ao campo.

No capítulo anterior apontamos algumas propriedades do espaço e da região que é objeto de nossos estudos desejando tornar mais compreensível aos que visitam pela primeira vez esse mundo por meio desse texto frações de um cenário e de uma época em que o auge econômico era produzir um artigo que por muitos era conhecido em outro contexto. Por outro lado, essas características tanto geográfica, históricas e sociais revelam de muitas informações de como se enquadrava socialmente e vivia a população nessas comunidades.

Os trabalhadores e trabalhadoras eram protagonistas de um mundo rural que levavam uma vida de simplicidade envolvidos em uma relação de resistência (tornarem-se fortes, com corpos domesticados para enfrentar a vida e o trabalho que lhes garantiam a sobrevivência) e acreditar que era o melhor que poderiam fazer para viver na região. Não temos a intenção de adentrar nas questões que regem o imaginário dessas pessoas, para quem, certamente,

³⁸ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

o trabalho era um elemento construtor de suas noções de mundo e seu lugar nele. Aqui estou na pretensão de saber e entender quem eram os trabalhadores que, envolvidos pelo que faziam, criaram conceitos, aplicaram seus métodos, dinamizaram seu tempo e garantiram sua vida – não por obrigação, mas por valor histórico, precisamos dar visibilidade a essas pessoas.

Ao definirmos o trabalho de produção da cal como artesanal, encontramos fortes laços que o aproximam de uma atividade do campo, do mundo rural. Suas potencialidades extrativistas denotam que essa sociedade estava inserida e condicionada a promover o seu desenvolvimento por meio do que o espaço e a natureza disponibilizavam.

Até aqui já mostramos que os que se ocupavam com o trabalho na produção artesanal da cal eram muitos. Em todas as comunidades que delimitamos como área de atuação da produção de cal (ver mapa da figura 2) havia pessoas que desempenhavam essas tarefas, em destaque para as comunidades do Juá, Palmatória, Lagoa Roçada, Pendência e Barrinhos e Baraúnas.

Esses lugares de trabalho eram ocupados por todos aqueles que tivessem condição física e intelectual de realizar alguma tarefa, já que era um trabalho muito dinâmico e disponibilizava de muitas funções no círculo produtivo que se estendia desde as matas, pedreiras, fornos até a venda e escoamento da produção. Era frequente a participação de homens, mulheres, crianças e idosos, atraídos para a exploração e o trabalho na transformação em cal (exemplo na figura abaixo). Pessoas com baixa escolaridade, em sua maioria analfabetos ou semianalfabetos, pois as escolas disponíveis nessa região eram de Grau Primário (o que hoje significaria de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental), e frequentar a escola seria uma escolha que comprometeria a sobrevivência.

A necessidade de trabalhar e garantir o sustento acabava atraindo para dentro da produção famílias inteiras, tornando assim uma condição laboral coletiva que podia implicar em condições de intensa exploração da força de trabalho dos sujeitos que se submetiam junto com seus familiares na atividade.

Figura 11 – Trabalhadores da cal



Fonte: acervo pessoal de José Ivanildo da Silva, em questão é a criança entre os trabalhadores no registro. Fotografia tirada no forno de Zé Pequeno (ver ponto 6 na figura 6, página 65) na primeira metade dos anos 1990. Entre os Trabalhadores presentes na foto podemos entrevistar Ivanildo Miguel da Silva (o primeiro da esquerda para direita) e José Manoel da Silva (o de centro entre os homens), o outro trabalhador trata-se de: José Severino Filho.

Como visto na imagem acima, crianças eram presenças comuns nesses espaços de trabalho e assumiam afazeres como ajudar o pai ou a mãe em casa para que pudessem trabalhar na cal ou diretamente realizando de alguma tarefa mais leve na produção.

Não havendo outras opções de trabalho na região a produção artesanal da cal se tornou uma das principais tarefas realizadas na Região, integradas nessa atividade, essas pessoas adquiriam alguma renda. Aliás, esta falta de opções foi um fator de destaque visto nos depoimentos dos trabalhadores, era comum eles iniciarem muito cedo no trabalho, ainda crianças, quando acompanhavam seus pais que os incentivavam ou repassavam a verdadeira necessidade de que para sobreviver tinha que trabalhar, começando cedo, aprender a fazer o serviço e buscar ajudar a família, eram caminhos inter cruzados de muitos homens e mulheres.

A produção da cal também era espaço em que mulheres estavam presentes:

“Tinha! Tinha Campina, Bilíndia, Lúcia, Nasa, Maria de Gata, tinha muita gente. Trabalhava esse povo todinho. Não, quebrar não! Quem quebrava era

os homens, nós apanhava na lata, encher de caroço para encher o forno, né? Fazer capote, só era o que nós fazia.”³⁹

Como se nota, junto à senhora Rita outras mulheres trabalharam nos fornos, principal lugar onde atuavam. Por mais que imaginemos que essa atividade seja um lugar masculino, a presença feminina era notada como nos mostra esse depoimento, e a força de trabalho delas era uma realidade das condições que a população em geral da região da época se encontrava, refém e cativa da necessidade de que todos, inclusive as mulheres, precisavam se expor à dureza que era o trabalhar na cal.

Nos fornos, as mulheres não realizavam todas as tarefas, era de costume que fizessem os trabalhos como ajudantes na enforção, preenchimento do forno com as pedras e de tombadoras de lenha para a boca no momento da queima. As outras tarefas vistas como mais complexas e penosas como: enforar, queima na boca e extrair pedras, essas eram realizados majoritariamente por homens.

Não, as mulheres carregava miúdo, jogava pedra no forno e tombava lenha, era mais isso que se fazia. Não tinha mulher que enforava, até experimentava ficar na boca, mas era muito quente, era só pra quem tinha costume, pra quem era acostumado.⁴⁰

Nessa representação que minha mãe, Maria do Carmo, conhecida como Bastiana expõe, nessa região onde as mulheres trabalhavam na cal existiam algumas tarefas que por elas não eram desempenhadas. Não buscamos aprofundar os temas que intensificam a relações de gênero e trabalho, podendo ser apreciadas em futuras análises, o que buscamos é ver nos costumes do trabalho a base das relações que comportam a cultura do trabalho da cal.

Pelas falas de nossos entrevistados pudemos inferir que se considerava conveniente justo abrir escala para uma possível divisão de tarefas de acordo com o gênero. O trabalho mais pesado para os homens, enquanto as mulheres ficariam com as mais acessíveis e que necessitariam de menos intensidade e força física. De toda maneira se tratava de tarefas penosas, em que o desgaste físico era intenso, mas seus corpos já acostumados suportavam parte das exigências requisitadas.

O contexto de produção da cal no Segundo Distrito é mais um dos contextos históricos em que o trabalho feminino disputava espaço. O próprio Thompson (1998) atribui em seus

³⁹ Rita Josefa da Conceição. 85 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 14 de dezembro de 2021.

⁴⁰ Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

estudos sobre a cultura popular e a influência dos costumes da importância que as mulheres tinham a frente de muitos movimentos sociais, trabalhistas e até motins, que eram, muitas vezes, a única forma de garantir a sobrevivência familiar. Esses papéis de responsabilidade e dedicação sempre foram uma marca de muita luta que a voz das mulheres pouco foi anunciada. Na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, inferimos que esses assuntos eram pouco discutidos, pois para a comunidade o que importava era envolver todos e todas que precisavam e queriam trabalho naquela época.

Cada serviço, cada tarefa, na produção da cal requiritava conhecimentos e habilidades específicas que compunham os saberes técnicos para fazer o produto. Desde a extração da pedra e da lenha nas matas, onde se iniciava o trabalho de garantir a matéria-prima, havia etapas e tarefas em que alguns se sobressaíam mais do que outros. Com isso, os trabalhadores eram classificados por suas tarefas de acordo com sua relação com a atividade de queima da cal. Fora dos fornos é importante destacar o serviço dos cortadores de lenha, sobre os quais já nos referimos anteriormente, e dos cambiteiros, que eram aqueles que transportavam a lenha em animais (burros e jumentos). Segundo inferimos das falas de nossos entrevistados, os cambiteiros geralmente eram donos de seus próprios animais e recebiam pela quantidade de lenha transportada, essa tarefa foi uma das que meu pai teria feito por mais tempo na produção da cal: “era difícil tu chegar no forno não ter quatro, cinco cambiteiro, pra não ter vinte, trinta jegue”⁴¹. A outra forma de transporte que se usava eram os caminhões, em torno dos quais tinham os carregadores de lenha e batedores de carga, responsáveis por esse transporte tanto da lenha quanto da pedra.

Aí, ia daqui, vamos dizer, ia tinha vez de nós buscar lenha ali, mas isso era quando já tava mei ruim de lenha, nós ia buscar em Ameixas, Riacho das Almas, Pinhão, Couro Dantas, é! Ia buscar tudo ali, Trapiá, Fazenda Nova vinha para cá também. Em caminhão, tudo em caminhão⁴²

Diretamente ligados aos fornos tínhamos as tarefas mais especializadas, mas também havia o trabalho de ajudantes, cujas tarefas eram nomeadas pelo que deveria ser feito ao longo do processo de trabalho. Os enforadores, como já adiantamos, esses construíam a bacia do forno apenas com encaixe das pedras, nessa parte tudo ficava apenas para um trabalhador responsável de acomodar e edificar a mais perfeita estrutura, pois essa não permitia erros, podendo comprometer todo o trabalho. Apesar da responsabilidade de escolher as pedras e, de fato, montar o forno, ser diretamente dos enforadores, estes

⁴¹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

⁴² Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

trabalhavam rodeados de auxiliares, os quais carregavam caroços (pedras pequenas) em latas e tinas, preenchiam, e entregavam as pedras para que o forno ficasse completo de pedra, como exemplifica uma de nossas entrevistadas: “Os homens quebravam as pedras e nós sacudia dentro do forno. Caroço, aqueles caroços pequenos, não sabe? Pra avoar.”⁴³ Nestas funções de ajudantes, homens e mulheres se alternavam em quebrar e acomodar as pedras de calcário no forno, para que este pudesse conter a maior quantidade de pedra, sendo assim uma quantidade maior de cal seria produzida.

Na queima, os personagens mudavam, mas os atores, na maioria das vezes, eram os mesmos. Os tombadores eram os trabalhadores que carregavam a lenha do pátio para a boca do forno; era costume ter mais de uma pessoa para dar conta de trazer, para o mais perto possível do forno, uma imensidão de lenha que ficava no entorno do forno, no pátio ou nos armazéns; serviço que podia ser feito por mulheres. Os queimadores, homens, tratavam de jogar toda lenha na bacia do forno, e deveriam saber o momento exato de aquecer, pois não se devia jogar a lenha a todo instante, era necessário manter o equilíbrio para não abarrotar a bacia de lenha, e a lenha precisava ser “roçada” pelo forno – essas habilidades os queimadores iam adquirindo com as vivências de se exporem às altas temperaturas que afugentava os que não desejavam essa função.

A mobilidade de funções que envolvia os trabalhadores e trabalhadoras era intensa no conjunto das funções do fazer da cal, pois toda a comunidade conhecia as etapas do trabalho e nele procurava se inserir o máximo possível, de modo que a mesma pessoa poderia realizar diversas tarefas, de acordo com as necessidades da produção. Este padrão foi percebido em outros contextos de cultura do trabalho, conforme afirmou o historiador E. P. Thompson: “Quando examinamos cada tarefa mais detalhadamente, ficamos surpresos com a multiplicidade de tarefas subsidiárias que o mesmo trabalhador ou grupo de família devia realizar numa única choupana ou oficina.” (THOMPSON, 1998, p.280) – o mesmo acontecia em torno da produção da cal: o mesmo trabalhador podiam ser enfonador, tombador de lenha, trabalhador de pedreira, queimador ou qualquer outra função que houvesse a necessidade ou se suas condições o levassem e ele tivesse experiência para realizar.

Havia também a possibilidade de trabalhar no comércio da cal, atividade que chegou a criar uma cadeia produtiva típica do Segundo Distrito e adjacências. Quando a cal, já pronta, era retirada e carregada nos caminhões ou em banguês para seguir seus mais variados destinos, destacavam-se os matutos, como eram conhecidos os comerciantes da cal, que

⁴³ Maria José da Conceição. 74 anos, nascida no Sítio Barrinhos onde morra até hoje com seu marido José Manoel da Silva, que também contribuiu com seu depoimento nessa pesquisa, atuou em momentos de sua vida realizando tarefas como ajudante e tombadora de lenha, entrevista concedida junto com o seu esposo em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

saiam tangendo seus animais sob os estalos dos relhos e muitas vezes levavam a cal e traziam farinha dos brejos para que fossem vendidas na feira do Juá:

No começo da minha vida foi 2 burros que eu comprei a Miguel de Ló, em 1955, comecei, para pagar no fim do ano, aí a farinha, a farinha deu para mim e Vitor, foi os dois que mais farinha deu aqui dentro do Juá. Aí nós levava de cal carregado para o Brejo e voltava carregado de farinha, quando eu trabalhei um ano eu tava com 4 burros de carga e um jegue de cela.⁴⁴

Esta feira era uma das únicas feiras que existiam em toda região, atraindo a população para compra e comércio de produtos de necessidade diária. Apesar das mudanças atuais, permitindo mais comodidades para compras, a feira ainda se realiza nas manhãs de domingo, nos servindo de ponto de encontro. Essa função socioeconômica da feira era mais significativa na época do intensivo trabalho com a cal, pois tornava-se referência para o dia de pagamento, trazia notícias de novos trabalhos, possibilitava a troca de informações, os momentos de lazer e bebedeira, e tantas outras formas de sociabilidades numa região escassa de espaços com essa finalidade.

Lembramos que a produção da cal apesar de ser tão importante como fonte de trabalho e renda na região na época, não era a única que existia. O trabalho na agricultura durante a época de chuvas também fazia parte do calendário de trabalho dessas pessoas, a bonança do lucro dos pequenos roçados atraía quem tinha terras ou quem pegava como “alforeiros” um pedaço de terra, em um sistema produtivo que segundo Andrade (1963, p. 121) podia chamar-se também: “[...] – dos *fulreiros* –. Estes surgiram ainda na época da escravidão e eram homens que viviam em áreas mais distantes dos engenhos, cultivando lavouras e subsistência e pagando ao proprietário pequeno aluguel anual.” (grifo do autor).

Nas configurações socioeconômicas do Segundo Distrito, o alforeiro – como era nomeado esse trabalhador e o próprio regime de trabalho – não tinha que pagar para utilizar a terra, apenas cuidar em consórcio de alguma cultura do dono da terra (habitualmente palma ou algodão), ou deixar a palha do milho para que o gado do fazendeiro consumisse no verão, pois “Somente a cultura de palma, com as lavouras de subsistência intercaladas, constituiu zona de confraternização, onde se planta ao mesmo tempo para o gado e para o homem (MELO, 2012, p.117). O mesmo trabalhador da cal podia ser, nesses períodos, um trabalhador do campo e desenvolver conhecimentos de uma outra cultura do trabalho, e a agricultura de subsistência tão comum na região incorporava novos elementos para garantir a essa sociedade fontes de trabalho e reprodução social: (ANDRADE, 1963, p.124) “o roçado e as

⁴⁴ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro de 2022.

criações complementavam a alimentação e forneciam algum dinheiro, empregado na aquisição de vestimentas.”

Com nítida frequência nas atividades do mundo rural – na agricultura, no extrativismo, produções artesanais ou manufaturas – a forma que se aprende a trabalhar na produção artesanal se dá por meio da convivência, do ver e fazer, e na produção cal ocorria o mesmo:

[...] quer dizer, as experiências passadas de pai para filho nessa atividade era uma coisa que não se discutia na rua, se praticava (risos)! Era ver o pai fazendo, fazia! Quando o filho não estava falando aí o pai dizia: ‘não meu filho faça assim’, quer dizer, isso é uma transmissão que você não encontra nos livros, não encontra como uma experiência (demora no relato). É porque não havia essa, essa ideia, eu quero ensinar meu filho, ensinar o que eu faço e que faça bem. Isso é, isso é em todas as atividades do ser humano [...]⁴⁵

Sem nenhuma formação ou capacitação para o trabalho na produção de cal, esses trabalhadores aprendiam como se trabalhar através da convivência, transmissão oral com os familiares e dos hábitos passados pelos mais experientes trabalhadores aos mais novos, são saberes transmitidos de forma assistemática que a sociedade e família transmitiam ao jovem que era atraído para o trabalho na produção de cal.

Além de que, o próprio ambiente servia como uma escola para que todas essas experiências fossem aprimoradas e postas em prática. O conteúdo maior de todo esse movimento de aprendizados e costumes era a cultura de produzir cal que fazia referência a uma sociedade trabalhadora.

Distante de uma formação sistemática para o trabalho, toda orientação e conhecimento adquiria-se dos próprios conhecimentos resguardados pelos mais experientes, os quais, fazendo uso principalmente da oralidade os repassavam por meio de gestos, observações e outras formas tradicionais de transmissão, como apontou Thompson para outros contextos de cultura do trabalho:

O aprendizado, como iniciação em habilidades dos adultos, não se restringe à sua expressão formal da manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde (frequentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola. [...] O mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade. (THOMPSON, 1998, p.17)

⁴⁵ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro 2021.

É na casa, na rua, em reuniões e encontros com amigos, nos espaços públicos e privados que temas de trabalho são pautas para conversas, não simples conversas, ali pode-se trocar saberes e ensinamentos para vida trabalhista da produção da cal. É que pedra usar, os cuidados em acomodá-las, o jeito de medir e otimizar seus esforços, saber quando está pronto, são experiências que desde cedo se aprende e que vão sendo aprimoradas com o tempo, transpassando gerações. Deste modo, antecipam a formação dos jovens e o reintroduzem o que é novidade para os que já estão há mais tempo exercendo seus compromissos na atividade. Essas composições esclarecem aquilo que tínhamos dito antes, fortalecem a ideia de que todo esse processo contém elementos específicos de uma cultura do trabalho.

A partir deste conjunto de dimensões que esse grupo social se formaliza como detentores de saberes, técnicas e específicas ao mundo que vivem e atuam, registram tudo por meio da memória, pois essa é a principal fonte de instrução e de conhecimento em um espaço de costume e signos diferentes sobre a vida.

2.4 Relações de trabalho na produção da cal

Sendo direcionados pelas competências da história social da cultura, pensamos que seria oportuno deixar registradas nossas impressões sobre a forma como essas pessoas se relacionavam no seu ambiente produtivo, pois o trabalho da produção artesanal da cal ajudava a compor uma cultura ancorada no trabalho. A dinâmica de trabalho na produção da cal no Segundo Distrito confundia-se com muitas outras características presentes em atividades de trabalho transcorridas no meio rural, cujos elementos e valores morais modelavam os perfis e a subjetividade de homens e mulheres do campo. O conjunto das relações de trabalho aproximava essas pessoas como membros de um mesmo grupo social, ao mesmo tempo que promovia distanciamentos dentro das correspondências diárias em virtude do trabalho.

Novamente nos reportamos aos depoimentos e declarações dos colaboradores envolvidos nessa pesquisa: entre os trabalhadores, percebemos que os diversos profissionais que atuavam na atividade da cal compreendiam o seu trabalho como uma atividade pautada por relações próximas e dependentes de seus pares, revestida de momentos afáveis entre patrões e empregados e outros desconfortáveis pela influência do modo como eram tratados e se tratavam dentro das relações ali existentes.

Um entrevistado que nos ofereceu relatos fundamentais sobre esse aspecto foi o senhor Josué, cuja condição socioeconômica se diferenciava dos demais trabalhadores, por provir de uma família com um pouco mais de recursos econômicos. Na tentativa de empreender na produção de cal, senhor Josué iniciou uma empreitada com os recursos de seu pai, visto que, na propriedade de sua família existiam remanescentes de minas de calcário, assim, o entrevistado relata ter extraído parte da matéria-prima (junto a lenha que foi retirada da propriedade) para iniciar uma queimagem no forno que se localizava nas terras de sua família, e os percalços e dificuldades que o mesmo narra foram relevantes para compreendermos como se davam as relações de trabalho na produção da cal. O senhor Josué relatou que em sua trajetória de vida não teve uma participação ativa na produção ao longo de toda a sua vida, mas em momentos pontuais participou do fazer da cal e experienciou a complexidade das relações de trabalho que eram vivenciadas. Vejamos:

Quer dizer, eu não tinha experiência, confiando em todo o trabalho dos amigos, que era na verdade, a gente tinha uma relação de amizade que eu fui sempre assim (amigo), aprendi isso com papai, com mamãe, a gente tinha uma relação de amizade sem precisar tá paparicando, ou pedindo, né? Vendo submissão. Mas era uma relação um lá e outro cá, mas sem saber, sem se preocupar com teorias, da solidariedade deles.⁴⁶

A falta de experiência em primeiro momento teria forçado ao iniciante patrão a confiar na sabedoria do mestre que iria enfiar e preparar o forno para queimagem – nesse episódio ela nos revela cenas sociais conflituosas, que poderiam ocorrer dentro das relações que envolviam trabalhadores e patrões na produção da cal. O senhor Josué relata que iniciou o seu empreendimento junto com seus colaboradores, que também eram amigos, chegando a realizar tarefas manuais juntamente com os trabalhadores, para ir aprimorando seus conhecimentos e, de certa forma, fiscalizar a evolução do trabalho e economizar com sua mão de obra. Tratava-se de relações de produção em que havia pouco controle das tarefas, dispondo de uma liberdade maior para seu funcionário

Praticando junto com os trabalhadores. Era só na amizade, soltando piada, não sei o que, e quando chegava no fim de semana papai soltava o dinheiro e a gente pagava trabalhador, papai investiu nisso pensando, aí tudo deu errado, entende? Resumindo, resumindo Manoel de Joana, e acho que você conheceu, já está falecido, ele foi o responsável pela todo o processo. Manoel de Joana e Manoel Nogueira, né? Eu não sei se estava, aí ele, Manoel de Joana com mais um ou dois, você sabe que você vai fechando, botando as pedras, como é que chama aquelas pedras maiores? [enfornação] aí resultado disso foi um prejuízo danado. É porque você, no final se você tem

⁴⁶ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

maior consegue encher o forno com maior quantidade de rochas você, vai ter uma quantidade maior de cal, não é?⁴⁷

No que disse o senhor Josué, podemos destacar a princípio um aspecto importante, referente à simpatia existentes entre trabalhadores, e, na outra ponta, intercaladas, as relações com os patrões que poderiam tomar rumos diferentes, pois, querendo ou não, os patrões eram vistos com outros olhos pelos trabalhadores braçais da produção da cal. Notamos que entre os trabalhadores e patrões as relações eram construídas por meio da confiança que tinham uns com os outros, garantindo-se, de um lado, o fazer e a eficiência no trabalho, e por outro, a rentabilidade do dono dos fornos: por assim dizer, os patrões em primeiro momento confiavam no trabalho habilidoso de um enforador, queimador ou qualquer outra função desempenhada, e a partir dela ele teria as bases para assegurar que aquele trabalhador seria competente ao trabalho. Em caso de fracasso técnico, desídia ou outros problemas, seu lugar seria ocupado por outro, e aquele trabalhador empurrado a fazer outra tarefa mais simples (e menos rentável), já que as notícias logo chegavam aos ouvidos de todos.

Na estrutura de funcionamento produtivo da cal, a vigilância e o controle do tempo do trabalho pelo patrão não eram aspectos fortemente presentes. Assim como afirma Thompson (1998), a fiscalização coordenada pelo patrão ou funcionário, não era o que oportunizava um alto desempenho e altos níveis produtivos de cada trabalhador.

Aqueles que são controlados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu 'próprio' tempo. E o empregador deve *usar* o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta. (THOMPSON, 1998, p.272. Grifo do autor)

Essas ações de controle eram introjetadas de maneira alternativa pela obrigação de realizar o trabalho e o valor a ser recebido por ele. Verbalmente trabalhador e contratante firmavam o acordo de trabalho: as diárias, a produção e o contrato por empreitadas tendiam a ser a garantia que esse sujeito executaria a atividade. Além do pagamento ser condicionado à entrega do produto acordado, a fiel execução do serviço “garantiria” que, no futuro, não faltasse trabalho para ele se de sua parte a tarefa fosse executada e não trazendo prejuízos ou baixa produção – como nos revelou o senhor Josué que afirmou que o enforador por ele

⁴⁷ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

contratado teria contribuído para um prejuízo na produção por não ter acomodado as pedras corretamente.

Voltando a analisar as falas do senhor Josué, podemos observar que os patrões no território da cal não eram desconhecedores do todo o processo de trabalho; não a ponto de dependerem continuamente de um mestre orientando a produção. Os patrões muitas vezes estavam realizando e acompanhando nos fornos todo o trabalho, e ainda podiam realizar alguma tarefa manual. O que não eliminava a necessidade de confiarem no que os trabalhadores deveriam fazer, especialmente se tratando de uma atividade como a queimagem, etapa decisiva no processo, que durava vinte e quatro horas: nesta atividade, depositar confiança nos trabalhadores era uma questão de manter as possibilidades de alcançar um resultado lucrativo. Até porque, a indisposição, o incômodo e má intenção de algum trabalhador poderia significar em prejuízos de seus investimentos, em uma situação reconhecida por todos os envolvidos na produção:

Não podia botar dois novatos não que o forno ficava cru. É muito fácil [de um forno ficar cru]! Se você quando eu lavareda tivesse dessa altura você tinha que entrar, se você deixar baixar demais ele passa da boca, se passar da boca ele não queima não, ele incrua, incrua. As vezes o trabalhador sai [queimador] o tombador não quer dizer, o [queimador] sai ele [tombador] fica lá deitado aí passou de boca, aí ave Maria! Aí aquele ali pode acontecer com aquele ali vai ficar cru, é um prejuízo do cancro.⁴⁸

Independente da presença do patrão no local de trabalho havia, portanto, um costume entre os trabalhadores de se mostrarem confiantes e competentes o suficiente para serem contratados e recontratados. A palavra e o nome dessas pessoas representavam muito no contexto em que viviam, e o reconhecimento social da qualidade das suas atividades laborais era a garantia que elas teriam trabalho, renda e espaço na atividade, sendo sempre convocadas para atuarem nos fornos, nas pedreiras, na lenha, como bons trabalhadores que eram ou não.

Ói, os cabras são bom, João Bernardo, conhece João Bernardo? Vivia trabalhando mais Chapéu, já deu pisa muita, oia, batia muito. Queria dá [bater] em Bode aqui, queria levar apulso, pra trabalhar apulso. O Bode pegou dinheiro adiantado e não foi trabalhar, pra beber de cachaça e raparigar sem poder.⁴⁹

⁴⁸ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba”. Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em 21 de janeiro de 2022.

⁴⁹ José Manoel da Silva. Entrevista. 70 anos, nascido no Povoado do Juá, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba” é reconhecido como um dos melhores trabalhadores da cal na região. Hoje é aposentado e mora na comunidade de Barrinhos com a senhora Maria José da Conceição (sua segunda esposa) e irmão de

Em face do cumprimento de suas obrigações as relações poderiam chegar a esse contexto, de patrões que ameaçavam e chegavam a agredir seu funcionário para que trabalhassem ou cumprissem com alguma obrigação. Nesse episódio o trabalhador conhecido como Bode, teria descumprido com sua obrigação com o patrão, já o referido Chapéu esse era maltratado por motivos aleatórios e sem justificativas. Infelizmente acabamos conhecendo a outra face das relações de trabalho na atividade, esse e outros patrões usavam de métodos agressivos para intimidar e explorar os que naquele momento não tinham defesas.

Esse grupo compartilha da percepção comum sobre viver e se ocupar na Região, pois, na falta de oportunidades ou tendo como outra opção apenas o trabalho no campo, a cal tornava-se uma das poucas formas de obter alguma renda no Povoado do Juá e circunvizinhos. Daí, a inserção exclusiva de muitos nessa atividade renderia relações sociais em que o exercício laboral era determinante para formar a subjetividade indivíduo enquanto trabalhador e membro da comunidade.

Entre as características da produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, chama atenção o fato de que não havia empresas reguladas em que seus funcionários eram registrados e tinham garantidos direitos de trabalho. A “Empresa do Coronel Jaime” era mais um codinome de referência, por manter um grande quantitativo de trabalhadores nos fornos de cal que existiam e outras atividades comandadas pelo Coronel Jaime, do que efetivamente uma empresa nos padrões legais. O cumprimento das obrigações era visado apenas pelo “prêmio” de seu pagamento, o que livrava os patrões de garantir um salário justo, uma jornada adequada, condições e garantias à segurança de quem trabalhava – questões que não eram colocadas pelos que nela estavam inseridos, visto que pouca perspectiva se via de projeção ou desenvolvimento social estando trabalhando numa atividade em que os maiores rendimentos eram dos que detém os meios de produção. O trabalhador “retido” pela condição de buscar numa jornada de trabalho na cal o mínimo para sua reprodução e de sua família, e não confiava em arriscar outros meios para melhorar sua condição, receava perder tudo, o que nesse caso era o pouco que tinha, sua fonte de renda, seu trabalho.

Seus contratos eram feitos pelo costume previsto nas relações de trabalho do local. Tanto os patrões como os empreiteiros contratavam em diárias, por semanas trabalhadas, por produção (quantidade de lenha cortada, de pedra extraída, de lenha e pedra carregadas para o forno, de arrobas de cal carregadas para os caminhões.), ou montante de trabalho realizado (trabalhadores que negociavam em empreitadas com os patrões e empreiteiros a execução de alguma tarefa). Quando era usada uma dessas formas de emprego? Em quais

Severino Nogueira da Silva, que contribuíram com seus depoimentos, concedendo entrevista junto com sua esposa em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

tarefas eram empregadas cada uma dessas formas de contrato? O que mais agradava aos trabalhadores? Não foi preciso intensificar muito nossas investigações para extrairmos tais considerações.

Primeiro, cada trabalhador estava sujeito ao que o patrão e a especulação do que deveriam receber referentes aos acertos acima citados. Culturalmente existiam valores reconhecidos por todos: as diárias, vistas principalmente nas tarefas de encher o forno com pedras. Segundo, existiam as tarefas em que eram empregados o pagamento por produção, por exemplo, no corte da lenha o trabalhador recebia pela quantidade, em metros cúbicos, de madeira cortada ou pelo que produzia. Terceiro, nas tarefas por empreitadas, havia uma negociação aberta entre trabalhador e o patrão para que no final chegassem ao consenso para realizar o serviço – queimagem, enfornação, tomo da lenha –, eram algumas das tarefas em que geralmente cabiam empreitadas. Era uma disputa entre o que contratava e o empregado para ver o que se saía melhor e, assim tomar vantagem do outro na negociação. Se um carregador de lenha em muares carregava um metro de lenha por um valor, ele poderia negociar com o patrão um valor para fazer essa entrega da lenha por um determinado preço, levando em consideração a distância da lenha, a quantidade, o tipo e o desejo de lucrar um valor a mais pela negociação.

Eu levava treze, quatorze, as vez quinze pra Cumatã, lá dentro... na beira da pista seu Mané tava me esperando, mandou eu descer, eu descí, digo: ele não queria eu trabalhando não, quer ver? Aí ele disse: - não, é pra você tomar conta de meu movimento aqui que seu Amaro derrubou um forno meu, eu não quero ele enforando mais não... ai ei fiquei, aí eu tomei conta, bem uns quatro ou cinco mês, por depois eu vou empeleitar as Cumatã mesmo, é melhor eu trabalhar bem longe [ganhava mais], então eu trabalhei uns sete anos pra Caça Preta, tomando conta de dois forno lá, quando não dava lá, aquele Louro de Evaristo tinha muito forno que queima para Antônio Gal eu empeleitava um pra eu entregar fechado.⁵⁰

Nas jornadas de empreitadas atravessadores que possuíam confiança dos patrões da cal negociavam com o dono do forno a execução de tarefas por completo, o que denota uma condição de terceirização entre os trabalhadores que prestavam seus honorários aos “empeleiteiros”, como também nos relatou a senhora Rita – “Na minha vida trabalhei mais em forno, eh! Em forno e mato também que Zé Migué ‘empeleitava’ e nós ia trabalhar, né? A diária.”⁵¹

⁵⁰ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba”. Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência 21 de janeiro 2022.

⁵¹ Rita Josefa da Conceição. 85 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 14 de dezembro de 2021.

A narrativa apresentada indica que as relações com os “empeleiteiros”, como eram conhecidos, possuía uma importância significativa para muitos dos membros que viviam sobre as configurações da atividade, Além de ser uma forma encontrada pelos patrões de agilizar o trabalho, para os trabalhadores, especialmente entre as mulheres, as boas relações com esses atravessadores garantiam que sempre elas estivessem atuando no contexto produtivo da cal.

Para que melhor se entenda, os empreiteiros contratavam trabalhadores numa modalidade a que hoje a sociologia do trabalho (ANTUNES, 2009) descreve como terceirizado. A presença desses atravessadores – como Zé Migué, Zé Nogueira e outros – configuravam as relações com pontuais vantagens e desvantagens que uns teriam diante de outros. Nesse jogo, o patrão era quem saía ganhando, pois não teria tantos trabalhadores para monitorar, nem fiscalizar, e ao final teria aquilo que lhe interessava, a cal pronta. Muitos donos de fornos que além da cal tinham outras atividades (como pequenos e médios roçados, se dedicavam a pecuária) ou, por alguma circunstância, residiam distante do forno, parecem ter considerado indispensável a presença desse atravessador para acompanhar ou até mesmo lhe entregar o produto.

Entendemos que o trabalhador, independente se fosse homem ou mulher, estava condicionado a percorrer entre as esferas das relações de trabalho desejando conquistar aqui, ali alguma vantagem remunerativa – apesar de já termos descrito que a forma de se produzir a cal artesanal na Região, em toda escala, é degradante aos organismos naturais e humanos –, pois conseguir vantagens significaria muito para esses que por meio do trabalho sustentavam suas famílias.

São muitas as interferências que promovem e constituem relações socioculturais, aproximações e distanciamentos entre grupos e pessoas. Mas, acerca de fatores que acenam para incrementar ou até tornarem-se alicerces das relações sociais em que o trabalho aparece como compartimento que conecta a todos em um grupo ou rede social, o dinheiro, o valor, o pagamento, o capital que se adquire é determinante em muitos aspectos desse organismo, desde a sensibilidade que a pessoa tem sobre as outras até os sentimentos criados por elas.

O fator de ganho com o trabalho para aqueles que exerciam tarefas e depositavam suas frações de esforço corporal antecipam e modelam as interrelações vigentes entre patrões e funcionários e, entre os próprios trabalhadores.

O que representavam os ganhos para essas pessoas? Trabalhando na produção da cal o que ela conseguiria? Buscaremos ver como as impressões dos trabalhadores partem para essa exposição de como o capital adquirido no trabalho naturaliza algumas posturas no tratamento entre os membros do grupo. Analisando os fragmentos dos depoimentos podemos

ir de encontro ao que pretendemos discutir, especialmente em trechos de uma valiosa contribuição do senhor José Simião, Zé Aleijado, como conhecido por sua especificidade física – segundo o mesmo, apesar de soar com um tom agressivo, não se chateava ao ser chamado por esse apelido –. Ainda nos primeiros passos da minha vida acadêmica no Núcleo de Pesquisa da Fafica (NUPESQ), ao ser questionado sobre a natureza do trabalho de explorar calcário e produzir cal, lembrando de minha curiosidade naquele momento que conversávamos, iniciando e intensificando minhas análises sobre o objeto, obtive dele a seguinte declaração: “Só dava pra comprar muito pouco, era farinha, charque, açúcar, café tudo contado e às vezes no meio da semana se acabava.”⁵² As palavras do senhor José Simião são parecidas com as de muitos trabalhadores que viveram nessas configurações: jornadas intensas e uma remuneração que não proporcionava ao sujeito um conforto básico e a manutenção das necessidades de subsistência e reprodução social. O que nesse contexto teria influência quando se trata de dispor de elementos que circundam as relações sociais de trabalho na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru.

Se os trabalhadores circulavam entre várias “queimagens” dos fornos isso os levavam a terem vários patrões. Mesmo que durassem por mais tempo prestando assistência a um único empregador, mais cedo ou mais tarde, por circunstâncias precisariam ser flexíveis não só nas tarefas, mas na disponibilidade de ter outros mandatários. Em todos os casos – proveniente das diárias, da produção, da semana trabalhada ou das “empeleitas” – o pagamento seria o elemento final do compromisso realizado, do acordo e obrigações contraídas entre eles. Por conseguinte, o pagamento finalizava o ciclo de relação, obrigação e dependência que o acordo momentâneo instituído como de costume na cultura do trabalho da cal.

Por esse caminho poderemos trafegar e de repente alcançar o ponto que tanto atrai os olhos de pesquisadores sobre o tema que retrata as relações sociais de trabalho, ou seja, perceber o trabalho como elemento próximo e ativo na construção das relações sociais. Dessa forma, nossa discussão pode remeter a parâmetros que tratem das relações vistas e inseridas em outras atividades econômicas das quais esses sujeitos também participavam, inclusive já anotamos algumas destas em itens anteriores. Vejamos o que pensavam os trabalhadores da cal dos patrões:

Não, tinha patrão que era bonzinho, tinha patrão que era carrancudo não dava nada a trabalhador, né? Carrancudo assim, o cabra trabalhava, trabalhava a safra mais ele, aí ele pediu o dinheiro da feira, aí ele dizia: ‘não! Você já trabalhou, eu já lhe paguei. Eu não tô devendo nada.’ Aí ele não dava

⁵² José Simião Ferreira. *In memoriam*, nascido no Sítio Pendência trabalhou boa parte de sua vida na produção da cal, atuando principalmente na extração de calcário na Paraíba e no carregamento e distribuição do produto para consumo. Viveu seus últimos dias no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 16 de setembro 2013.

nada, já tinha outros que dizia: 'vá buscar o dinheiro de duas feiras.' Ela dava, o finado Caça Preta dava.⁵³

“Tinha uns bons, uns ruins. Os melhor, as vezes nós tava no forno trabalhando eles dava o café pra gente tomar de noite, e tinha deles que não dava não.”⁵⁴ Foi o que teria dito Zé de Neco. Nas falas dos trabalhadores pudemos constatar visões próximas e distantes dos trabalhadores acerca dos patrões, pois a realidade proporcionava distintas relações de trabalho num mundo rotativo como era o da produção artesanal da cal. A primeira fala é de Bil de Leu – trabalhador com trajetória mais intensa nos fornos – enquanto a segunda é de meu pai, José Nogueira, de quando trabalhava diretamente nos fornos. O que se percebe nas duas versões, são as ordens de classificação existentes na cultura do trabalho da cal que os trabalhadores atribuíam aos seus patrões pela assistência prestada aos seus funcionários. As dificuldades da vida e do labor a que esses sujeitos estavam submetidos implicava em muitas necessidades que na maioria das vezes não eram sanadas pelo que era proporcionado pelo trabalho.

Na posição que a atividade de fazer a cal ocupava na cultura desses sujeitos um gesto ou atitude poderia tornar-se um costume promovido naquela sociedade: por exemplo, esperar que o patrão contribua e ajude os trabalhadores tem em parte o contexto tradicional entre os membros. Indiretamente os trabalhadores esperavam esses “agrados”: refeições ou um extra para aquisição de mantimentos. No término de alguma tarefa comemorar entre os “peões” numa bodega com aguardente proporcionada pelo patrão. E quando não aconteciam essas posições por parte do dono, podendo ocorrer aversão entre eles.

Embora não apareçam por completo como uma prática ritualizada na cultura do trabalho da cal na Região, esses fazeres relacionais entre os integrantes da atividade promoviam expectativas entre os trabalhadores de que ocorreriam estes “amparos” patronais. Essas questões ocorrem com mais frequência em formas de trabalho que não oferecem justa remuneração e se caracterizam por maior dependência dos trabalhadores a seus empregadores. Por exemplo, na forma como foi interpretado pelo trabalhador Bil de Leu quando diz: “não! Você já trabalhou, eu já lhe paguei. Eu não tô devendo nada.”⁵⁵ Demonstrando assim que o valor do trabalhador para alguns patrões não era o mesmo. Realizando isso estariam incentivando de maneira alternativa ao funcionário a oferecer melhor

⁵³ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

⁵⁴ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

⁵⁵ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

produtividade e compromisso com o trabalho, do contrário, circulava entre todos que este ou aquele patrão era “carrancudo” ou ruim.

Obviamente que os patrões da cal conservavam uma proeminência maior na “pirâmide” socioeconômica do sistema; fazendo uso de uma linguagem marxista, diríamos que a disponibilidade de mão de obra acomodava os detentores dos meios de produção, que não se preocupavam de proporcionar melhores condições a seus funcionários.

Por mais que muitos dos sujeitos que estiveram inseridos de maneira intensiva na produção artesanal da cal demonstrem que essa atividade promovia uma forte ordenação na vida dessas pessoas, nem só de trabalho se vivia na produção da cal; outras atividades, movimentações eram realizadas por esses. Pensamos que os momentos de encontros e lazer tinham forte impacto nas relações sociais dentro e fora dos locais de trabalho. Sociabilidades desenvolvidas nas práticas cotidianas assumindo escalas que formalizam a identidade do que era essa cultura do trabalho.

Nós ia tomar uma. Nós tomava uma cana da gota, aí se juntava os peões – vamos tomar uma? Bora! – sentava, tomava cinco, seis garrafa de cana, o tiá era esse. Tudo rabugento de cal dez nós bebia. Tinha outras diversão, mas nós não podia ir. Falta de dinheiro! Se fosse para uma diversão se gastasse lá cinquenta conto, a gente fazia falta, o dinheiro era o dinheiro da feira, né?⁵⁶

Nessas ocasiões os trabalhadores se reuniam para beber, e beber a mais econômica entre as conhecidas bebidas alcoólicas, a cachaça, até porque seus rendimentos não permitiam desfrutar de outras opções. Reporta-se nesse trecho que as escolhas eram sempre impactadas pelo quanto teriam disponível em dinheiro para suas “farras”, essas sempre limitadas, pois o mais importante seria garantir o sustento familiar, coisa que novamente retornamos em dizer – que se trabalhava tanto e recebia pouco pelo trabalho. Dessa forma seria aquilo que falamos antes dos trabalhadores esperarem que seus patrões, donos dos recursos, pudessem patrocinar raros momentos de ociosidade e alguma diversão no contexto social do grupo.

Por dias, eles passavam trabalhando nos fornos, nos cortes de lenha, na extração de pedras de calcário tanto na Região do Segundo Distrito de Caruaru ou se deslocando para outros centros de extração de matéria-prima e produção de cal no Sertão e Paraíba. Além de trabalharem, se alojavam nesses locais, compartilhavam da mesma refeição, pois cozinhavam juntos na mesma panela em que cada pessoa depositava seu feijão ao modo que realizavam as tarefas ao mesmo tempo que vigiavam o cozimento de suas refeições.

⁵⁶ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

Agora tinha a casa... a casa grande [ou] um galpão, podia ter cem peão que se arranchava, armava a rede, comia lá mesmo, fazia o comer junto, as cabras tinha a febre pra quebrar as panelas, era bode que só a 'febre amarela', fazia o feijão, cozinhava, mas deixava a tampado na beira do fogo elas vinha botava a cabeça e saia com o caldeirão ou a panela na cabeça sem enxergar, muita gente tomava, muita gente estourava tudinho. Tinha a febre pra eu comprar panela toda viagem em Santa Cruz, podia levar duas toda semana sobrando.⁵⁷

Criava-se uma rede de cooperação entre eles para se ajudarem e superar dificuldades que eram parte do cotidiano daquele grupo.

Apesar de ser forte a referência que esses momentos descritos acima representam na interpretação das escalas relacionais em que a cultura do trabalho de fazer cal promoveu ao grupo, outras oportunidades poderiam desenvolver um cenário em que essas sociabilidades, experienciadas por homens e mulheres, mesmo sem consciência, eram capazes de produzir. Por muitas vezes os próprios centros e locais onde juntos trabalhavam, serviam de contexto para extravasarem e compartilharem de alguma afinidade, da mesma forma que surgiria qualquer desavença, não se pode apenas pensar que seria um mundo totalmente revestido de relações amigáveis e afáveis entre os membros. Por exemplo, imaginamos que se algum companheiro, por qualquer motivação, se fizesse de olhos do patrão, poderia ser visto com desagrado pelos outros integrantes, que não ficaria satisfeitos se o que era comentado ou feito de má ordem chegasse aos ouvidos dos patrões.

Nesse sentido, considerando a demarcação que a atividade proporcionou na vida dos trabalhadores, ela não teria desenvolvido dimensões excludentes que afastassem, por algum fator, uma pessoa interessada em compor seu quadro laboral. Pelo que nos foi evidenciado: "seu Pretinho tinha serviço pra todo mundo, podia chegar quem fosse ele botava pra trabalhar no forno, na lenha, roçando ele tinha muito serviço"⁵⁸, havia ocupação para toda e qualquer pessoa independente de sua condição ou caráter individual e aos interesses de cada um.

Também no âmbito da diversidade das relações sociais que se estabeleciam, obtivemos depoimentos que ajudam a compreender as faces lúdicas das relações envolvidas na cultura de trabalho de fazer a cal:

Agora que era bom, porque só não ia uma pessoa só, ia cinco, seis, dez, doze, brincava e caçoava. Era divertido também, porque um dizia uma coisa, outro dizia outra, dizia uma brincadeira, tinha cabra que dizia: 'pagar na

⁵⁷ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no "Sertão" e "Paraíba". Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência 21 de janeiro 2022.

⁵⁸ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

queimagem' 'eu só pego na queimagem se fulano de tal queimar mais eu', que era pra (faz gesto com as mãos indicando movimento), não sabe? Compadre Bil de Tulu, era o mais 'sem vergonha' que tinha numa queimagem [...] tudo isso era um povo divertido. O finado Neco mesmo, teu avô, trabalhava com a gente nos fornos dizia: 'oh, compadre o senhor vai botar Boacir dessa vez na queimagem?', pai dizia: 'vou não, que ele bota pra tomar cachaça e fazer raiva'. 'Olha Boacir, pega na queimagem, mas não bebe não!'⁵⁹

Em muitos momentos de seu depoimento o senhor Doca, nos mostrou o quanto o ambiente de trabalho na produção da cal podia ser descontraído, provido de diferentes formas de interação entre as pessoas que passavam boa parte do seu tempo diário nesses espaços. Os gestos, as resenhas contadas, a “mangação” como brincadeira, se tornavam elementos de aproximação entre os trabalhadores e podiam ocorrer relações de afinidade entre os pares, que muitas vezes preferiam trabalhar junto com algum companheiro que alegrava o ambiente ou que não se “escorava” para realizar as tarefas.

Ainda apreciando o relato do senhor Doca, em suas referências, trabalhar na cal não era uma ocupação que poderia ser resumida apenas por suas faces árduas, exaustivas e degradantes, possuía também de momentos com bom humor e diversão. Em suas palavras o companheiro de trabalho Bil de Tulu era visto por ele como: “o mais sem vergonha”, com sentido de extrovertido e brincalhão, promovia muitos momentos de alegria e “risadagem”; esse era um exemplo de companheiro que podia ser reconhecido pelo grupo como melhor para junto trabalhar, tornando as tarefas nos fornos, nas pedreiras ou nas matas mais leves, pelo menos na descontração.

O que nos chama atenção é o fato de haver entre o grupo uma tolerância para o uso de bebidas alcoólicas nesses lugares, os que ousavam em beber no trabalho ou ir trabalhar depois de ingerir algumas doses de cachaça, poderia ser vista como incremento para fazer o trabalho com mais disposição, do mesmo modo que se exceder na dose, comprometeria o desempenho do trabalhador.

O efeito desses círculos de relações promovidas pelos personagens da cal, dentro e fora dos espaços de trabalho, promovia diferentes contextos para essas pessoas, e algumas das relações sociais permitiam aliviar a dureza e o fardo de um trabalho tão desgastante como era a produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru, tornando mais “agradável” para os que nele estavam inseridos; as relações também podiam promover troca de informações sobre o trabalho na região e em outros espaços onde atuavam; articulação para

⁵⁹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

cobrar dos patrões melhores pagamentos pelos serviços; eram condicionantes para sobreviver numa época de muitas dificuldades.

Independente das transformações impostas pela crise que se estabeleceu na atividade da cal, a ocorrência de ter que buscar outras estratégias de trabalho, ao modo que despontava uma outra atividade econômica com grande potencial de fazer parte e modelar o cotidiano dessa sociedade, resquícios relacionais interpessoais são detectáveis em um novo mundo de trabalho na Região, agora quem orchestra o espírito produtivo é a produção de roupas, a confecção, que no Agreste pernambucano assume o protagonismo na vida muita gente.

3 DEGRADAÇÕES DO HOMEM E DA NATUREZA: MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS E A CRISE DA CAL

Discussões atuais, apoiadas pela História Ambiental (WORSTER, 1991) e áreas fora da historiografia tradicional, sugerem que os diferentes organismos – não apenas os seres humanos – são possuidores de história, e carregam em sua estrutura temporal um conjunto de informações e características inscritas e reinscritas por diferentes agentes e contextos que moldam suas expressões. Dessa forma, acabamos por ter a história como produto das ações e reações humanas ou naturais⁶⁰ de variáveis resultados, alguns bons e outros nem tanto, tal como podemos identificar quando refletimos sobre o impacto que o trabalho com a produção da cal promoveu nas instâncias físicas humanas e naturais na comunidade do Juá.

Antes de demonstrar nossas impressões, esclareço que a essência dessa pesquisa não visa aprofundar as análises por meio da história ambiental. Embora a história ambiental pudesse ter sido um caminho aqui para interpretar a profunda relação homem natureza que reveste o contexto sociocultural no processo de fazer a cal, optamos por centrar nossas análises na cultura como ponto de inflexão deste trabalho. Assim, consideramos que é a cultura do trabalho que direciona as relações com o ambiente, os hábitos, e o cotidiano de vida dessas pessoas.

Nesta etapa do trabalho discutiremos os impactos que a produção da cal no Segundo Distrito de Caruaru trouxe aos organismos humanos e naturais. Deste modo, inicialmente tratamos das percepções sobre os efeitos instantâneos provocados na paisagem pela exploração intensiva do fazer a cal artesanal; e em um segundo momento tratamos dos agravos do processo a longo prazo.

⁶⁰ Inclusive seres microscópicos, a exemplo do texto: A história da humanidade contada pelos vírus bactérias, parasitas e outros microrganismos... de Stefan Cunha Ujvari que apresenta em seu trabalho a ideia de esses organismos nos forneceram (nos fornecem), informações cruciais sobre a evolução do organismo humano, os difíceis estágios físicos já encarrados pelo homem e como isso teria ocorrido com a atuação desses micro-organismos “[...] como vírus e bactérias têm sido protagonistas centrais, não meros coadjuvantes, do processo histórico. Capazes mesmo de ‘narrar’ a História” (p. 5).

3.1 A produção artesanal da cal: riscos, impactos e perdas ao homem e na natureza

Os impactos sobre o meio natural não eram perceptíveis apenas como um resultado da atividade que viria a longo prazo, consequências imediatas eram identificadas, impactando o equilíbrio natural da região. Contudo, apesar dos trabalhadores da cal perceberem o grande impacto natural que causavam, estes não debatiam os agravos à natureza, pois acreditamos ser um tema para além das expectativas econômicas, cultural, sociais e políticas da época, e, em alguma medida até dos dias atuais.

Depois de muito analisar os depoimentos dos entrevistados, concluímos que mesmo atualmente esses trabalhadores ainda focam seus olhares no sentido social que construíram quando estiveram imersos no trabalho na produção da cal: insistem em mostrar que a dureza – com as pessoas e com a natureza – era essencial para o trabalho com a cal, e assim constroem suas memórias coletivas a partir da valoração positiva as experiências da dureza e da valentia por eles vivenciadas., pois em sua compreensão de mundo, era através da valentia para com a vida que eram capazes de fazer face às necessidades e realizações cotidianas. Tal como afirma Thompson (1981) as experiências vivenciadas pelos trabalhadores para suprir suas necessidades acabam por construir consciências que vão reverberar em todas as demais relações sociais. Tal percepção nos indica que a cultura do trabalho construída em torno da produção da cal ainda se mostra sólida na memória e nas relações sociais da comunidade.

As palavras do senhor Bil de Leu nos salientam essa percepção do deliberado espírito predatório que fazer a cal promovia:

Pra queimar era lenha, lenha. [...] Era, vamos dizer, era lenha de avelós, lenha de avelós. Só lenha de avelós, muito pouco lenta branca. Porque, pro 'mode' o IBAMA. [...] Empatava se pegasse, os avelós era liberado, porque o avelós o cara aplanta, com um ano, dois já dá quase, se for uma terra boa já tá bom de corte, com dois anos eu vou botar. A lenha branca tem vez o cabra corta ela, você sabe, morre os tocos, tem toco que morre.⁶¹

No centro dessa formulação, os olhares são atraídos para matéria-prima, que conduzia todo ritmo de produção: a experiência dos trabalhadores envolvida na fome dos fornos, caminhando de maneira análoga ao extermínio das matas ou incentivando o replantio dos avelóses. Ainda que timidamente houvesse a presença da fiscalização de órgãos públicos responsáveis por manter o controle da extração de lenha, os mesmos trabalhadores

⁶¹ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

dominavam o trato, o aproveitamento, e conseguiam medir os impactos, pois era um mundo do qual dependiam.

Mais uma vez, assim como no caso dos direitos trabalhistas, se percebe que a produção não era de perto acompanhada pelas autoridades que tinham a tarefa de normatizar o trabalho e a exploração do meio ambiente. A presença do IBAMA relatada na fala do senhor Bil de Leu, acreditamos que seja ainda remanescente da instituição que tinha uma superintendência no município de Caruaru. É possível que a visível potencialidade extrativista em torno dos fornos de cal tenha levado a algum nível de controle e fiscalização de extração de madeira que preocupava aos trabalhadores e produtores de cal, já que as espécies nativas da caatinga, a lenha branca, era mais vulneráveis a serem notados pelos fiscais, como visto no depoimento.

Enquanto isso o avelós se mostrava uma alternativa importante, tinha uma forte aceitação pelos donos dos fornos e de uma parcela significativa dos trabalhadores (os cortadores da lenha de avelós não se animavam por inteiro, por experimentarem constantemente a toxicidade de “leite”), se mostrando lucrativo pelo crescimento rápido e possibilidade de atender a demanda, pois em toda região se via a planta.

Contudo, os impactos não se restringiam à necessidade de replantio dos avelós, havia outros aspectos que marcaram a região através do tempo. Primeiro, as pequenas, médias e grandes crateras abertas, ainda expostas: “E as pedreiras provavelmente quase o próprio tempo entupindo, diminuiu a profundidade, mas ainda continua um lugar perigoso e tal [...]”,⁶² essas tanto promoviam danos ao solo quanto às matas: a extração das pedras de cal demandavam a abertura de clareiras, estradas e ocupar seu entorno com os excedentes extraídos, no fim, o que sobrava eram os buracos que tornavam-se ameaçadores para os animais e pessoas quando andando no mato.

Segundo, a fome de lenha dos fornos promovia impactos não só nas matas da região, mas em toda a cadeia natural, visto que, ao passo que iam consumindo a lenha das matas próximas, estendiam para mais longe seu rastro de consumo, atingindo as comunidades de Trapiá, Fazenda Nova, Couro Dantas, que apesar de estarem fora da região produtora de cal no Segundo Distrito de Caruaru, eram fornecedoras de matéria-prima, principalmente de lenha. A distância encarecia os custos do transporte e diminuía a quantidade transportada, já que a frota de caminhões era limitada. Além de encarecer o produto final, o impacto ambiental

⁶² Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

atingia áreas maiores e, na medida em que as plantas não se reabilitavam, a fauna sofria em sequência.

Na outra ótica dos impactos que anunciamos, os direcionados ao homem, esses classifico como de maior representatividade para este trabalho, ou ao menos com maior relevância na vida das pessoas. São facilmente detectáveis nos depoimentos e testemunhos dos colaboradores, que em suas memórias buscam mostrar as condições a que eram submetidos:

Olha quem trabalha em forno, tá mais arriscado fica morto do que ficar vivo, que o meu marido morreu foi do forno, porquê ele tava tirando o carvão e chegou o tempo de inverno, deram a ele, ele não tinha cabeça de beber, deram a ele umas bicadas, a ele: – bebe Júlio Doba, para tu esquentai – ele pegou bebeu umas bicadas, o coitado não tinha cabeça não bebia ficou bêbado, entrou dentro do forno e a chuva, chuva, o coitado queimou, cozinhou a veia do coração, que nem o doutor disse: – mas pra que fizeram isso com o bichinho, quem foi que fez? – eu disse, quem danado sabe, que lá tinha mais de trinta pessoas, morreu por causa disso, mas nada.⁶³

Segundo a senhora Maria José, trabalhar num forno era estar entre os riscos e a necessidade de prover o sustento da família; claramente ela expressa o quanto a atividade era nociva e periculosa. O ocorrido com seu esposo foi um dos casos em que os riscos do trabalho marcaram a memória dos trabalhadores e trabalhadoras. A retirada do carvão, como bem explica, era uma tarefa que requeria muito cuidado, principalmente com o corpo. Por se tratar dos restos da lenha que era queimada, cinzas e brasas vivas concentrava muita quentura, nesse caso, não calculando o perigo e os danos à saúde que poderia sofrer, o senhor Júlio Doba, marido da senhora Maria José, possivelmente faleceu em virtude de suas condições de trabalho.

O senhor Júlio Doba, reconhecido por sua esposa como um homem muito disposto e trabalhador, mas pela “influência ruim”, forçou-o a um erro sem reparo. Por ter consumido cachaça enquanto trabalhava, situação já identificada em outros depoimentos já noticiados aqui e que eram frequentes entre os trabalhadores, e em seguida submeter-se a realizar aquele trabalho no momento em que seu corpo quente foi resfriado pela chuva, acabou vindo a adoecer e falecer.

Exemplos como este, fortemente marcado nas memórias coletivas da comunidade, denunciam o quanto trabalhar na cal não aceitava deslizes. A dureza das tarefas de fazer cal, “testavam” a qualidade do trabalhador ou trabalhadora, aqueles que não se mostrassem

⁶³ Maria José da Conceição. 74 anos, nascida no Sítio Barrinhos onde morra até hoje com seu marido José Manoel da Silva, que também contribuiu com seu depoimento nessa pesquisa, atuou em momentos de sua vida realizando tarefas como ajudante e tombadora de lenha, entrevista concedida junto com o seu esposo em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

idôneo/a à atividade estariam passíveis de serem atingidos até mesmo em sua integridade física

Imprescindíveis eram os cuidados, pois os riscos poderiam cobrar preços altíssimos:

Não..., e a pois, muito né? Perdia unha, levava machucão nos dedos, passar uma semana sem ir, pra perder a unha. [...] Não..., botava as pedras, aí o cabra dava um vacilo, aí botava pedra, aí o outro danava a pedra encima, machucava o dedo, pronto! Na outra semana não ia trabalhar mais, como? O dedo inchado não ia. [...] Não..., não era direto. Não era toda semana, mas de vez em quando se machucava.⁶⁴

As semelhanças representativas entre os trabalhadores e trabalhadoras, são visíveis em suas interpretações sobre os riscos que as atribuições dentro da atividade designavam. O esclarecimento dado pelo senhor Bil de Leu se equipara com o depoimento de minha mãe, Bastiana, que também enxerga como irrelevantes os cortes e machucados “simples” que ocorriam com frequência:

Às vezes é assim uma pedra machucava um dedo, mas não era fatal, ali cortava um pouquinho, como um ‘cortinho’ de faca, pronto, mas um acidente pra ser fatal mesmo eu consegui presenciar não. Na minha época não, agora pra trás acontecia, né?⁶⁵

Segundo a interpretação dos entrevistados, a constância desses fatos estava atrelada à necessidade dos trabalhadores em manterem-se vigilantes aos ímpetus funcionais do trabalho. E a falta de vigilância por parte do trabalhador seria vista como “incapacidade” e poderia resultar em muitas perdas. Mas o que se perderia? – O bem maior, que enquanto humanos possamos estimar, a vida!

[...] Não..., mas na hora que ia acontecer eu vim embora para casa, e fui ali em Pedro Gal. Que o cara, ele tava dentro do forno, aí o forno, tirando cal, aí o forno arriou [caiu] pro cima dele, ele morreu queimado dentro. [...] Aí na mata, Aconteceu! [...] Não, esse cara, era um cara dali de Laje, um rapaz de Laje, o nome dele era, um cara tão legal, rapaz! Gente boa ele era, conhecia demais, trabalhava mais eu, mas agora tô esquecido o nome dele, tô esquecido o nome dele. [...] E a pois! Na hora que eu ia, eu ia ver, aí eu vim me bora. [...] Foi o pilar, foi o pilar, a parede do forno, já tinha arriado o cal, ele tava dentro do forno tirando cal com a carroça, aí o pilar caiu por cima dele, o pilar ‘avuo-lo’ [jogou-o], aí ele morreu queimado, ficou todo preto, tiraram ele com a, pegaram a enchedeira [máquina].⁶⁶

⁶⁴ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

⁶⁵ Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

⁶⁶ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

Por sorte, não eram situações frequentes, tomamos notas nos depoimentos de, pelo menos, dez trabalhadores que tenham perdido a vida na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru ao longo do período estudado. Embora não veja em hipótese alguma justificativa para uma perda humana, infelizmente essa triste realidade foi presente na atividade e até mesmo naturalizada pela comunidade. Alguns testemunharam fatídicos episódios, tão fortes, que marcaram a memória das pessoas inseridas na produção e que chegaram a transmitir a outros membros e outras gerações:

Mas ali, disse que naquela Empresa, no tempo que era de seu Jarme [Jaime Nejain] morreu um senhor, um rapaz debaixo de uma pedreira, que o mais é acidentado era pedreira, porque a pedreira vai contar a terra pra tirar a pedra aí fica as vezes barraco de terra, aí ali dá aqueles desabamento de terra, né? Aí cai mesmo, aí caiu, aí caiu por cima dele, [o] rapaz morreu, mas eu acho que nem nascida [eu] era que a minha mãe ainda era menina moça, fiquei sabendo pela minha mãe sobre o acidente, que ela tava no dia do acidente, ela presenciou foi.⁶⁷

Os efeitos desfavoráveis, diretos e espontâneos de trabalhar na produção artesanal da cal se encaixam no tão perigoso trabalho nas pedreiras, como dona Bastiana demonstra. Quando ainda viva, ouvi o mesmo relato – que minha mãe descreve – de minha vó Maria Umbelina, Lúcia como conhecida: com transparência no relato ela contou que esse senhor teria sido surpreendido com o cair da barreira, e que logo todos correram para tentar salvá-lo, retirar a terra que o soterrava, infelizmente, não tendo sucesso. Segundo ela, quando alcançaram o corpo: – “Ele ainda mexeu a ‘pá’.” (omoplata) –⁶⁸ Com toda certeza, aquela cena marcou a vida não apenas de minha vó, mas era sabido que nas pedreiras se confirmava o perigo.

Em contrapartida, o uso de equipamentos poderia reduzir tal incidência, mas como apresentaremos mais a diante, entre os trabalhadores não existia como regra ou hábito a utilização de proteções para trabalhar tanto nos fornos ou nas pedreiras, sendo mais frequente o uso de algum utensílio (óculos e luvas) nos cortes de lenha, principalmente de avelós por conta do “leite”.

Conicionados a terem que fazer esse tipo de trabalho, por falta de opções no lugar, os trabalhadores estavam lançados à própria sorte, pois a previsibilidade de que extraíndo pedra ou retirando a cal algum barranco de terra ou parede do forno caísse por cima do

⁶⁷ Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

⁶⁸ Fragmento de uma das falas em que minha vó teria contado sobre o episódio da morte de um trabalhador na Empresa do Coronel Jaime, não recordo o nome da pessoa que teria sofrido esse acidente, mas assim como esse, outros também foram apontados como o quanto era perigoso o trabalho nas pedreiras, inclusive o que aconteceu com Zé Bidu, exposto em seguida.

trabalhador, em nada ele poderia remediar um evento dessa natureza. De maneira que, os riscos, impactos e perdas constituem paredes sólidas da memória coletiva e na cultura do trabalho da produção da cal.

Outros fatos de mesma natureza circulam entre a memória do grupo como os mais notórios casos daquela época:

Que nem lá em Loló tem uma Pedreira que o finado Zé Bidu morreu, Zé Bidu era solteiro. E essa Pedreira, caiu uma barreira. Não conheci, não! Mas já era moleque grande tenho lembranças muito pouca. A morte dele foi assim, ele tava embaixo, tirando a pedra embaixo, e João Gonçalves em cima fazendo um corte de terra, João Gonçalves e Mané Cormo, aí viram caindo uma terrinha, aí disseram: – oia Bidu tá caindo terra, visse? – aí ele disse: – mas não cai não. – A pedreira quando é pra cair aquela barreira, ela dá um sinalzinho, mas não cai tão fácil não, ela vai abrindo, sabe? Ela vai abrindo, ela só não cai se ela for assim (exemplifica com as mãos o formato do corte da terra que a barreira não cai, o corte tem que parecer com uma parede de uma pirâmide, com a base mais para dentro do que a parte de cima), tá entendendo? Mas se você for comendo a pedra por debaixo ele ficando assim (com a base mais para dentro, mais estreita), aí é fácil dela cair que tá comida por debaixo, aí ela arreja, de cima ela vem. Aí ele disse: – nada compadre, cai agora não! – Aí ficou-se, quando pensou que não, a barreira arriou. Pronto! Aí parou tudo, o Finado Zé Bidu. Ele não era daqui não, ele era de longe, ele chegou aí rapazinho solteiro, mas arrumou um casamento com Zefa de Poroca, não! Com Maria de Poroca, prepararam-se pra casar, não faltava um mês ou dois não pra casar, uns 60 dias, aconteceu isso.⁶⁹

Configura-se nesse relato mais uma tragédia que aconteceu em uma pedreira da região. Nesse caso, o senhor Zé Bidu que sofreu o acidente, teria sido alertado por sinais da barreira e por seus colegas de trabalho. Acredito que por costume e familiaridade com a função que exercia, de “arrancar” pedra, não se incomodou em “cair terra”, seguro de que realizava a tarefa com respaldo de sua técnica, e não deu a devida importância ao alerta dos companheiros. O senhor Doca não chegou a presenciar o acontecimento, mas a forma como teve conhecimento revela que acontecimentos importantes são compartilhados entre os membros pertencentes do grupo. Se reconhecem pelas características socioculturais: um homem jovem, trabalhador, noivo, prestes a construir uma família, apesar de não ser originário da região, adquiriu atributos positivos fortemente reconhecidos pelo grupo.

Quem da região, com mais de trinta anos, não conhece o incidente que vitimou três trabalhadores, e se não conhece, sente-se comovido pelo episódio em que famílias amigas perderam filhos, pais, irmãos e amigos:

⁶⁹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

No acidente nós vinha, eu enfornei o forno, Zé Lejado [José Simião Ferreira] tirava pedra pra Caça Petra aqui na Paraíba também, ele e Liliu, né? Né Liliu aquele? E Liliu. Mas era carro que só o 'cola', o forno grande comia bem umas sessenta carrada de pedra, 'febre amarela' pra comer pedra! Aí era Bil Onorato arrastando [carregando] pedra [numa] trucada [caminhão], Heleno, um carro da Paraíba, e um tal de Luiz Pequeno, era cinco caminhão, pra botar dez caminhão por dia, era três fornos, quando tava fechado o caminhão encostava e descarregava já dentro, faltou pedra, aí Caça Petra disse: – a pois, pra o povo que trabalha e [é] enfornar esse forno pra amanhã – Lau [Filho de Caça Preta] disse: – vocês vão 'simbora' pra casa, os carros vai botar a pedra hoje, foram buscar. – E o forno velho queimando. Aí ele disse: – amanhã bem cedo. – Mas hoje não tinha. Aí ele disse: – Vão 'simbora'! Querendo ir, não querendo, fica por aí mesmo, agora só pega amanhã. – Aí quando nós chegou, Lau disse: – Tu vai. – Tinha uma lenha logo aqui, rapaz, uma lenha, era aqui no Silva, tô esquecido. Lau disse: – Tu vai Gago, levar eles e teus trabalhadores, vai! E aquele menino também vai pra lenha, Xavier. Vá pra lenha, cada cá traz uma carrada de lenha, e Gatiga vai pra Queimada de Campina buscar outra carrada. – Gatiga tava também, Queimada de Campina foram buscar muita. E tinha Peru Preto, Queimada de Campina, o movimento era grande, rapaz. E disse: – e vocês vão buscar a lenha –, não sei se era Cabelinho, não sei quem 'febre' era, aqui no Silva, aí nós viemos 'simbora', passamos em Mané Mangueira, [...]. Aí eles pararam, tomaram, todo mundo tomaram cachaça, mas o Gago já tinha botado uma viagem de lenha, já tinha vindo buscar uma, mas Joãozinho e Xavier, Xavier também, [...]. Ai pronto, cada cá bebeu uma bicada, e nós partiu! Viemos 'simbora', aí deu-lhe a 'febre' a andar na pista, o bicho era andador mesmo, o carro era novo, aí quando entrou em Lampião [estrada de acesso a comunidade do Silva], cortou logo Xavier, Xavier veio no coice, Xavier ficou como daqui em Nega de Amaro [prevendo a distância de um carro para o outro, questão de cento e cinquenta metros], aí ele deu sinal e entramos em Lampião. Não virou nas curvas, chegou naquele plano ele deu uma virada do 'parmo', logo embaixo antes de pegar a ladeira, descarregado, virou 'virano', quem veio no 'pé do gigante' só ficou a 'pragata': finado Novelinha, da família de Zeza, é sobrinho, né? E morreu o filho de Zé de Inocência, que é casado com a filha de Selé, é o pai dos gêmeos, eu chamava com ele Ladrão; e o finado Zé de Cabocla; e Gil quebrou isso daqui [o ombro]; eu quebrei aqui [queixo], o meu faturou só, não quebrou muito não, mas vinha vinte e três, morreu três. Gil fez a cirurgia em Campina Grande, Manezinho de Ticaca também tava, ele pulou, sorte do 'cancro', ele pulou e não teve nada, levou uns machucãozinhos, mas pouco; Mané Queimado tava; Virgílio; o filho do Gago mesmo; Biaia; Xudinha, nós vinha 'simbora' só voltava no outro dia. Aí teve o acidente. Pronto! Aí desmantelou-se Caça Preta até a data de hoje, danaram ele na junta, foi diminuiu [...] ⁷⁰

O testemunho do senhor Ivanildo que foi vítima desse acidente e que por sorte sobreviveu, evidencia o que atualmente interpretamos como a mais pura negligência e imprudência que esteve envolvida nesse caso. Em cena se repete uma marca perigosa do

⁷⁰ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no "Sertão" e "Paraíba". Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em 21 de janeiro de 2022.

hábito de ingerir bebida alcoólica durante o trabalho; o motorista do caminhão assim como muitos trabalhadores não mediam as consequências do quanto seria ameaçador usar dessas substâncias. Contudo, nas narrativas da comunidade sobre esse acidente a maioria dos entrevistados normalizou o consumo coletivo da cachaça, como relata o senhor Ivanildo “todo mundo tomaram cachaça”. Como já afirmamos anteriormente, os riscos do trabalho com a cal eram naturalizados pela comunidade, contudo, mesmo não desejando ser tendencioso, não enxergo outras possibilidades – por conhecer o local da “virada” – que não seja a imprudência e a irresponsabilidade do motorista Gago.

Estes acidentes graves tinham impacto nas vidas dos trabalhadores e dos patrões. Segundo o depoimento do senhor Ivanildo que transcrevemos acima, depois desse ocorrido o senhor Calça Preta veio a entrar em falência, já que assumia “status” de importante produtor de cal, a responsabilidade, gastos e processos legais caíram sobre seus ombros.

Outras questões podem ser acrescentadas como motivadoras de tantos casos de acidentes laborais, como este em que a demanda do trabalho cobrava do trabalhador a frenética velocidade nos caminhões para abastecer os fornos com pedra e lenha, não perdendo a oportunidade de atender a alta demanda da cal. Imaginamos que por trás dessa intensidade esteja o pagamento por produtividade, como discutido no capítulo dois, se o motorista ou carregadores de lenha recebessem por quantidade de lenha entregue nos fornos, a “carreira” não seria um incômodo, o quanto mais rápido, mais entregavam, e mais ganhariam.

O contexto produtivo da cal acompanhava o padrão apontado por Thompson (1998, p. 282): “O padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade quando os homens de tinham o controle de sua vida produtiva.” Situações presentes nessa realidade, em que os meses de maior demanda eram setembro a dezembro, e os trabalhadores tediavam a acompanham o ritmo de alta produção.

De toda forma, o trabalhador da cal era rodeado por uma aura meticulosa, em que essas marcas dificilmente serão apagadas das memórias desses personagens, ainda que, a extinta atividade não faça reviver esses fantasmas dos riscos de trabalhar na produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru.

3.2 A crise e extinção do trabalho com a cal

Atravessando décadas, a produção da cal conseguiu permanecer ativa no cenário econômico da região no romper do século XXI. Foi quase agora, nos últimos anos que sucederam 2010 – não sei especificar bem a data – que aconteceu a última queimagem de um forno. Como teria essa importante e admirável atividade findado seu ciclo de produção a ponto de se extinguir por completo nas terras que o tornaram famosa?

Conforme já tratamos anteriormente, o auge da cultura do trabalho de fazer cal ocorreu entre as décadas de 1950 e primeiros anos da década de 1980; portanto, sua decadência tem início a partir da década de 1980. As possíveis causas para que a produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru entrasse em declínio certamente são diversas, contanto, optamos por tomar como base as impressões indicadas pelos envolvidos no trabalho e que acompanharam de perto as transformações desenhadas pelo estágio de crise na atividade. Podemos destacar como elementos constitutivos os panoramas contidos na memória que permanecem firmes pela proximidade temporal que é percebível.

Diante da recusa, quase que generalizada, dos entrevistados em estabelecer uma delimitação precisa sobre as causas da extinção da produção na região, foi necessário analisar diferentes pontos e ao que se percebe, a crise que se instalou na produção teria recebido a carga tanto de elementos internos e externos. Ao passo que íamos interrogando cada colaborador sobre o que ele achava que teria contribuído para o declínio da produção, eram renovadas versões que hora se aproximavam, em outros momentos se distanciavam, de acordo com o contexto de atuação de cada trabalhador (por exemplo, as mulheres enxergavam de forma diferente de outros trabalhadores que atuavam no comércio da cal, assim como acompanhavam aqueles que exploravam o minério e poderiam descrever como exponencial a falta da matéria-prima).

Na topografia que remonta as condições que desenharam a crise da produção da cal, iniciamos a discussão apresentando os fatores externos e dentre estes destaca-se a pouca competitividade que o produto tinha em concorrer com a cal de outros centros produtores, como a que vinha do Rio Grande do Norte: “[...] no Rio Grande Do Norte queima muita pedra e o cal é de lá vai todinho pro Sul [Mata Sul de Pernambuco], pra essas usina daí, né?”⁷¹ A chegada

⁷¹ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

do produto vinda de outras regiões abria brechas que a escala produtiva não conseguia romper para se manter competitiva no mercado, como apresentou o depoimento acima.

Para dialogar com a opinião dos nossos entrevistados, voltamos um pouco, mostrando as funcionalidades e usos do produto que era produzida nessas comunidades: construção de habitações ou estruturas arquitetônicas, corretivo de solo e para decantar a garapa da cana-de-açúcar. Portanto, considerando que as usinas de cana-de-açúcar eram as maiores consumidoras e sua concentração em determinadas áreas limitava a expansão do mercado consumidor, podemos inferir que qualquer alteração no cenário de produção canavieira impactava fortemente o consumo da cal no mercado estadual.

Os possíveis fatores aos quais denominamos de internos e que contribuíram para o declínio da produção da cal, retomam novamente ao debate da relação homem e natureza; não como agentes explorados, mas sendo agora fatores determinantes para decadência da produção. A aquisição do minério de calcário na Paraíba para a região do Segundo Distrito não foi, a grosso modo, causada apenas pelo esgotamento da matéria-prima nas pedreiras da região. De acordo com os relatos, o minério que vinha da Paraíba foi ganhando aceitação, porque, a partir dele, uma cal de melhor qualidade era produzida; ao passo que o minério aqui, cada vez se tornava mais difícil de explorar, pela profundidade, ou o tipo que era encontrado era preterido. Esta informação sobre as diferentes qualidades dos minérios, em primeiro momento nos faz descartar a hipótese de que o esgotamento das pedreiras teria sido um desses fatores de declínio interno, pois, mesmo trazendo a pedra de locais mais distantes, a atividade seguiu seu curso.

Acabou, porque o povo que queimava forno morreu tudinho. Antônio de Vina queimava forno, morreu, Otávio que queimava forno morreu, Vina de Teto que era o pai de Antônio de Vina queimava forno morreu, aquele outro, Zé, Zé Pequeno ficou velho não quis queimar mais, que tinha de abrir uma firma pra poder queimar eles não quiseram abrir pararam tudo, pronto! Cabou-se.⁷²

Nessa declaração a justificativa indicada é que a crise da produção teria sido impulsionada pela falta de pessoas que pudessem dar seguimento à cultura de produzir cal, já que os habituais produtores da região foram perdendo sua força produtiva. Segue por acrescentar a senhora Rita: “Porque os homens não trabalha mais, quem trabalhavam era Zé

⁷² Maria José da Conceição. 74 anos, nascida no Sítio Barrinhos onde morra até hoje com seu marido José Manoel da Silva, que também contribuiu com seu depoimento nessa pesquisa, atuou em momentos de sua vida realizando tarefas como ajudante e tombadora de lenha, entrevista concedida junto com o seu esposo em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

Preto, Zé Pequeno, Zé Grosso, Zé foi para Torre (Toritama) deixou de trabalhar, Compadre Zé Pequeno parou tudo, só era quem queimava forno era eles aqui.”⁷³

Buscando ajuste nas narrativas apresentadas de modo que elas indiquem um caminho em sua sequência para compreender os fatores que antes tratamos como internos e posteriormente os externos. Tanto a senhora Maria José quanto a senhora Rita, mulheres que estiveram inseridas nas tarefas do fazer a cal, para esse momento suas impressões resumem a visão que elas tinham do lugar que assumiram na atividade, a superficialidade por notar que os produtores seriam os principais responsáveis pela sobrevivência e projeção da atividade. De outro modo, os membros ligados a escala comercial e de distribuição da cal enxergam além dessa condição, portanto apontaram outros elementos que contribuíram para o desestímulo dos padrões.

Como se nota, as senhoras apontam que a causa para a crise teria sido a não continuidade dos produtores em não prolongarem a atividade em seus fornos, ou seja, para estas senhoras, a produção da cal dependia não da lei da oferta e da procura, mas sim do protagonismo dos que produziam a cal. Em termos socioculturais, nota-se que entre os entrevistados a atividade não dependia apenas dos valores de uma tradição econômica, mas principalmente da intensiva valorização cultural dos que a promoviam.

Minerando um pouco as fontes, levantamos a seguinte questão: o que teria desmotivado os produtores de cal?

Acabou porque os governantes na época, né? Que era para dar prioridade aos trabalhador, né? Que na época era chapéu de palha como Miguel Arraes que era o governador do estado era Miguel Arraes. Aí as usinas falia ele era para dar dinheiro para os donos das usinas movimentar. Aí não dava, trancava, aí trancou as usinas. E hoje as usinas daqui tá tudo no Sul, tá ali para o lado de Pouso Alegre [Minas Gerais], aquele meio do mundo ali, tem usina ali, até usina daqui em Coqueiral, que é Minas Gerais tem! Aí também os invernos foram incurrando, tá entendendo, aí foi acabando, mas o governador era Miguel Arraes. Ele não soltava assim, quando começou, foi, mas depois ele farrapou pra isso.⁷⁴

A descrição feita pelo senhor Bil de Leu, evidencia que a falta de apoio financeiro foi um fator determinante tanto para que os donos dos fornos (a que se refere como trabalhadores) se desmotivassem a continuar investindo na produção ou até mesmo modernizar sua estrutura produtiva, do mesmo modo que segundo ele, as usinas de cana-de-

⁷³ Rita Josefa da Conceição. 85 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 14 de dezembro de 2021.

⁷⁴ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro 2021.

açúcar do estado também precisavam de ajuda, naquele momento compartilhavam de um estágio de crise, pois elas eram as principais consumidoras da cal do Segundo Distrito de Caruaru.

O momento descrito por ele, condiz com o período traçado por nós na ordem da crise da produção da cal na região do Segundo Distrito de Caruaru, anos finais da década de 1980. Durante o segundo mandato de governador do estado, Miguel Arraes (1987-1990) teria “farrapado” com incentivos de apoio ao trabalhador do campo e não atuado diante da falência das usinas de cana-de-açúcar. A interpretação do cenário político-econômico daquele período feita por nossos entrevistados é muito semelhante àquela elaborada, no âmbito acadêmico, pelo eminente geógrafo Manoel Correia de Andrade:

Como aspecto econômico, há o fechamento sucessivo de usinas e destilarias que encerraram as suas atividades ou porque o grupo econômico que controla algumas delas não dispõe de capital e de crédito suficientes, ou porque, prevendo a crise, algumas usinas transferiram os seus investimentos para outros setores econômicos ou para a própria indústria açucareira em outros estados, notadamente, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. (ANDRADE, 2001, p. 276)

O programa que o sr. Severino Nogueira se recorda – Chapéu de Palha – inicialmente, era uma alternativa de apoio aos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar frente aos desafios causados pelo desemprego em massa durante o período da entressafra. Chegando posteriormente como socorro para os pequenos agricultores e pescadores artesanais. Contudo, não havia um reconhecimento direto do estado sobre a produção artesanal da cal, como um ponto que merecesse destaque ou direcionamento de políticas econômicas nas diferentes esferas municipal, estadual ou federal.

Novamente a produção artesanal da cal e a produção de açúcar se cruzam, nesse momento na infeliz composição de crise, as usinas que trocavam de fornecedor ou quando fechavam as portas esfriavam a demanda pelo produto da região que estreitava ainda mais esse gargalo que seguia a atividade. Um dos depoimentos fez referência também à necessidade de “abrir firma”, ou seja, formalizar a atividade produtiva e criar uma pessoa jurídica, o que devia ser bastante difícil naquele período e, de certa maneira, parece muito distante das habilidades e saberes administrativos dos donos dos fornos.

O mercado da cal já não era o mesmo, o produto encontrava uma concorrência que impunha limites a sua comercialização, mas a falta de investimentos, de apoio financeiro e institucional entre os produtores e ao mercado consumidor – as usinas precisavam produzir para a cal continuar – tomou proporções consideráveis. Aos poucos a produção foi perdendo competitividade. Na disputa do mercado consumidor, a cal vinda do Rio Grande do Norte ia conquistando a preferência do mercado que era abastecido pela cal do Segundo Distrito de

Caruaru, como esclarece o senhor Ivanildo: “aqui acabou-se tudo, o Rio Grande do Norte bota cal com força. E é mais barato o do Rio Grande do Norte, o cimento é mais barato, se o cimento tem súbito ele [a cal] não tem caído não! Mas o cimento vei [veio] subir agora, não tinha subido, mas o cimento baixou.”⁷⁵

A forte concorrência do produto do Rio Grande do Norte é assinalada pelos produtores e trabalhadores como um dos principais fatores da crise da produção da cal, sendo perceptível em outros depoimentos: “No Rio Grande Do Norte queima muita pedra e o cal é de lá vai tudinho pro Sul, pra essas usina daí, né?”⁷⁶

Nos chama atenção o fato de que apenas a concorrência com a cal vinda do Rio Grande do Norte representou a delimitação da crise na memória dos envolvidos. Para os trabalhadores a produção da cal na região da Paraíba e do Sertão não foi vista como concorrente no mercado da cal e fator de crise. Acreditamos que apesar de também serem regiões produtoras de grande quantidade do produto, Paraíba e sertão de Pernambuco ocuparam outra escala na ordem representativa dos trabalhadores e produtores de cal sobre a crise, porque os próprios trabalhadores do segundo distrito de Caruaru circulavam entre estes centros de produção, trabalhando naquela região ou comprando a matéria-prima que vinha da Paraíba e do Sertão.

Retomando a discussão sobre como os trabalhadores e trabalhadoras da cal compreendem a crise, chamamos atenção para outro tipo de concorrência que poderia ter intensificado o processo de declínio da produção: a larga disponibilidade do cimento, como anotado no depoimento anterior do senhor Ivanildo: “o cimento é mais barato, se o cimento tem súbito ele [a cal] não tem caído não! Mas o cimento vei [veio] subir agora, não tinha subido, mas o cimento baixou.” Uma das principais funcionalidades e utilizações da cal da região do Segundo Distrito de Caruaru era emprego na construção de casas (para as casas pintadas em branco utilizava-se a cal, em que se fazia a caiçã), até em obras maiores da construção civil o uso de cal era necessário. Hoje devido à grande diversidade de produtos que proporcionam melhor rendimento, ela não é aproveitada. Acrescentamos outros pontos que tornem claros essas evidências: na forma como conhecemos, a caliça (argamassa de cal) utilizada para levantar e revestir paredes demandava de muito trabalho para sua composição: primeiro é necessário molhar a cal (em pedra ou em pó) e esperar seu “cozimento”, só depois

⁷⁵ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba”. Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência 21 de janeiro 2022.

⁷⁶ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

introduzir a areia para finalizar a mistura, caso não seja bem-feito esse processo, a caliça fica crua e de qualidade inferior para sua aplicação.

A praticidade e facilidade de manuseio que o cimento oferece ganhou lugar da cal, conquistando a preferência dos pedreiros, construtores e até mesmo os donos de imóveis, que preferiam um melhor acabamento na obra, proporcionado pelo cimento. Em parte, esse exemplo do uso da cal na construção civil demonstra como, a partir do momento que o cimento e outros produtos chegam a ser mais disponíveis, acabaram tomando lugar da cal; como explicam os nossos entrevistados: “O cimento ganhou a concorrência, o cimento é mais forte né, aí ganhou a concorrência.”⁷⁷

Este processo de maior concorrência do cimento ocorria, com mais velocidade, quanto mais se aproximava a década de 1990. Nesse momento a produção já sentia fortemente os impactos dos elementos que promoveram sua crise, e diminuía o número dos fornos que queimam a pedra.

Mas antes mesmo que se apagasse o fogo dos fornos que faziam cal, eis que despontou uma nova ordem econômica no Agreste Setentrional pernambucano: a produção de confecções e artefatos de tecido. As cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe se destacaram como grandes produtoras de confecção no Agreste do estado, em um processo econômico que já começa a ser objeto de estudo de acadêmicos:

As origens do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano situam-se em meados da década de 1950, a partir da produção artesanal em Santa Cruz do Capibaribe que era distribuída nas feiras populares tradicionalmente realizadas nas cidades da região. (RANGEL e CORTELETTI, 2022, p. 3)

A franca ascensão do polo de confecções, contudo, ocorre a partir da década de 1980, atraindo compradores e comerciantes de todo o Brasil, principalmente da região Nordeste. E hoje a produção de confecção e artefatos de tecidos significa para essa região, a principal fonte econômica de trabalho.

O sucesso dessa atividade significou a sua disseminação por entre os recantos dos municípios já referidos e adjacentes. O barulho de máquinas de costura, tornam-se mais comum entre as melodias rurais e urbanas que viam na confecção uma saída para crises (agropecuária, industrial e comercial) que historicamente acompanhavam muitos agrestinos; e para alguns grupos sociais tratava-se de uma nova alternativa de renda em suas comunidades.

⁷⁷ José Guilhermino da Silva. 90 anos produtor de cal, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro de 2022.

Foi nessa perspectiva que as primeiras peças iam sendo costuradas na região do Povoado do Juá, por mulheres:

A função aqui era o cal, ai depois do cal veio esse trabalho da do jeans, aí pronto, o cal caiu. O jeans, aqui tá com uns 36 a 37 anos, já! As primeiras peças que vieram de Toritama. Quem trouxe foi seu Eliseu, seu Inácio, trouxe para Naia, eles trazia e ela tomava conta da mercadoria deles. Foi! Foi Naia, tem uns 37 anos, na faixa de Júnior, quando Júnior nasceu eu já costurava, foi na faixa do ano que Júnior nasceu.⁷⁸

Em plena década de 1980 – período que poucos associam à indústria de confecções –. em seu relato, minha mãe elucida os nomes dos colaboradores que enviavam de Toritama as peças que iriam ser costuradas, a princípio por mulheres, em máquinas “cabeça de gato”,⁷⁹ como eram conhecidas aquelas máquinas de costura pretas, movidas a pedal e de barulho forte, que ainda presenciei. Em seu depoimento, minha mãe associa a temporalidade com os fatos relevantes de sua vida familiar: o florescer da confecção coincidiu com o nascimento de um de seus filhos, o que ajuda a firmar essa memória. Essas sementes, hoje são frutos do protagonismo econômico que antes era da cal.

Obviamente que essas mudanças não aconteceram instantaneamente, mas tiveram uma velocidade significativa. Esses personagens percebiam que a produção da cal a cada dia ia perdendo espaço, a ordem da força empregada para a labuta no trabalho não era recompensada a altura – “Olha, era difícil ganhava pouco, o ganho era pouco. Não dava pra nada, comprava umas coisas e outras sem comprar.”⁸⁰ Os trabalhadores, de alguma forma vigiavam as possíveis aberturas que lhe pudessem trazer alguma melhora ou garantia de trabalho mais rentável.

Não queremos forjar a ideia de que havia uma intensa demandada de mão de obra querendo livrar-se dos pátios dos fornos, até porque, como já tínhamos dito, suas últimas queimas aconteceram na década passada. Contudo, as novas propostas, oportunidades, os novos cenários de trabalhos são termômetros para essa cultura do trabalho ir diminuindo gradativamente sua referência econômica para o grupo, mas não é desfalecida da memória.

Não posso afirmar com convicção, mas acredito que o trabalho com a confecção de roupas na região Agreste de Pernambuco constituiu-se como um sistema produtivo mais

⁷⁸ Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

⁷⁹ O modelo de máquina de costura C15 da Singer era o mais comum para as costureiras de jeans que iniciaram a produção na região. Na maioria dos casos usavam o pedal, já que a energia elétrica só esteve presente em parte da comunidade do Juá a partir de 1993.

⁸⁰ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

claramente alicerçado dentro das regras mais básicas da economia (produção, circulação e consumo), prescindindo, ou diminuindo, as necessárias relações interpessoais e comunitárias que eram necessárias para a produção da cal. A indústria da confecção estabeleceu uma ordem que trouxe mudanças a toda uma sociedade ligada à sua composição, promovendo impactos profundos na vida e na economia da região, “Mode essa sulanca, foi! O cal, a sulanca foi botando a frente de vagazinho, e o cal foi, sabe? Esmorecendo e depois eles arrumaram outro preparo pra botar na cana lá, no açúcar na usina.”⁸¹

Posso afirmar com convicção, por ter crescido neste ambiente socioeconômico, que na comunidade do Juá, os agricultores e trabalhadores da cal foram atraídos pelas condições que o trabalho com o ciclo de produção da confecção estava ofertando, e que aos poucos seus sentidos e dinâmicas da cultura trabalhista se modificaram, como corroboram Rangel e Corteletti:

[...] destaca como sintomática a entrada dos homens agricultores para o mundo da costura e se reporta à relação do trabalho enquanto interação do homem com a natureza, em que a demarcação do tempo e o ritmo de trabalho agrícola são estabelecidos pela relação humana com o natural, e não pelas demandas da produção industrial. (RANGEL e CORTELETTI, 2022, p. 11-12)

O trabalho industrial passou a ser operado por trabalhadores que tiveram que lidar com máquinas de costura ou em lavanderias na condição de confeccionar ou beneficiar o produto. Segundo Antunes (2009), as máquinas não podem substituir em toda circunstância o trabalho, elas se mesclam, pois precisam dos atributos corporais e cognitivos das pessoas, como é visto na confecção.

Por experiência pessoal, reafirmo que, na comunidade do Juá, o trabalho na confecção de vestuário se mostrou interessante principalmente para os jovens como uma alternativa lucrativa e empreendedora no lugar, deixando de fazer parte de uma atividade tão exploradora e exaustiva que era fazer a cal.

Neste sentido é importante não romantizar o trabalho na indústria de confecções, pois, se por um lado poderia ser mais leve, em termos de esforço físico, o enriquecimento isolado de algumas pessoas, e a manutenção da pobreza da maioria dos trabalhadores, maquiava – como maquia ainda hoje – os altos níveis de exploração do trabalho que reveste essa atividade: “Percepção frequentemente validada por situações reais e próximas, ao lado de uma maioria que segue tentando engajada no trabalho intenso, precário e desprotegido.” (RANGEL e CORTELETTI, 2022, p. 12).

⁸¹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

Um outro ponto que deve ser ressaltado é a relação com o ambiente, pois, a indústria da confecção surgiu também como devoradora dos recursos disponíveis da natureza... Algo que manteve o padrão de exploração da produção da cal, causando severos impactos na paisagem, que trataremos a seguir.

3.3 Os efeitos do trabalho, tem “efeito” na paisagem

Neste subitem analisamos como a ação extrativista da exploração do calcário, bem como a sua transformação em cal, teria conduzido ao esgotamento dos recursos naturais, deixando à mostra no ambiente evidências que marcam e compõem a paisagem da região. O que antes tratamos de forma teórico conceitual sobre a paisagem cultural, agora apreciamos numa perspectiva aplicada ao nosso recorte geográfico, observando a composição da atividade na paisagem da região do Povoado do Juá por cima (através de imagens de satélite) e, por baixo, analisando como as relações ao meio, designadas pelo trabalho implicaram na formação de um modelo de vida, sendo capaz de criar paisagens em função do que a natureza tenha oferecido (Ribeiro, 2007)⁸².

Observamos mais especificamente três elementos da ação do trabalho e que marcam a paisagem: as matas, as pedreiras e os fornos, elementos que sobressaem nos locais onde a produção da cal foi marcante.

A primeira delas, as matas, foram intensamente abusadas já que a produção dependia da lenha que era o combustível principal para queima das pedras. Pela sua condição regenerativa, é possível que alguém que desconheça o contexto histórico da produção da cal, não faça associação imediata do quanto essa atividade ajudou a conferir às nossas matas a condição atual ou até a modificar a paisagem. Mas como já tenhamos defendido ainda no primeiro capítulo, a paisagem carrega em si diferentes camadas, e para entender sua composição é necessária uma análise de suas imposições históricas.

⁸² Outras marcas estão presentes, essas até mais significativas, pois estão impregnadas no frágil corpo humano, dos muitos trabalhadores, tornando-se registros mais firmes, aguçando a memória que devido a intensa exposição tiveram como “prêmio” algum agravo em sua saúde que reacende a memória do que foi trabalhar na atividade de fazer cal. Creio que de forma desagradável, o corpo e sua saúde reclamam. Para isso, insistimos em ver nos depoimentos como que esses trabalhadores e trabalhadoras nos apresentam os estratos de décadas de trabalho em seus domínios corporais, nos permitimos a analisar diferentes pontos sobre como eles e elas enxergam hoje a nocividade do trabalho na cal e o que proporcionou.

Os testemunhos direcionam às transformações no ambiente sob a interferência da queima da lenha. Uma paisagem não mais vista com frequência hoje:

Era melhor, era grande rapaz, os avelóis era grande rapaz. Tem na Paraíba, agora aqui tem mais não. Hoje é fininho, é fininho, de primeiro [antigamente] era grosso direto, oia [olha] assim [gesticulando a espessura vultosa da árvore]. Tem mais nada, de jeito nenhum.⁸³

Segundo o senhor José Manoel, mais conhecido por Zezé de Leu, antes visualmente se tinha nas cercas árvores mais espessas e nos pátios dos fornos, lenha mais grossa para ser consumida. No momento em que conversávamos, fazia questão de demonstrar por gesto o quão era fácil encontrar nas matas da região volumosas espécies com caules de um diâmetro maior das que encontradas hoje, o que tornava vantajoso para queima dos fornos da cal. Dando destaque para os avelós, que inclusive tinha forte preferência entre os produtores e trabalhadores. Nosso entrevistado nos revelou que em outras regiões, como da Paraíba, por onde atuou é possível encontrar ainda exemplares próximos ou idênticos aos da qualidade que já existiu nas conexões do Povoado do Juá.

Imprescindível é destacar a força que o avelós tinham na produção e na vida das pessoas, contribuindo e agrupando utilidades presentes no cotidiano do trabalhador, do pequeno produtor e transeuntes das alamedas protegidas pela espécie:

Uma rede densa de cercas vivas menores, com a função de proteger contra a invasão do gado os terrenos agrícolas menos extensos ou com função de dividir as numerosíssimas pequenas propriedades, quadriculam as superfícies com as linhas verde-escuro de avelós (*Euphorbia tirucolli* L.). O quadro adquire uma nota de paisagem de sebe. (MELO, 2012, p.15-16)

Alinhando a fala de Melo ao depoimento do senhor Zezé de Leu, podemos perceber que em momentos que a cal requisitava lenha, a paisagem da região seguia a ordem em que os avelóses tinham importância. As cercas e divisórias vivas de pequenas, médias e até grandes propriedades tornaram comum encontrar a espécie que teria sido introduzida no bioma, já que sua origem não é da Caatinga, sendo rápido, fácil e barato para manter cercados os terrenos dos produtores rurais e trabalhadores, inclusive da cal, que tinham aos arredores de suas casas:

E eu vou te dizer uma coisa, visse!? E essa lenha todinha era daqui dessa redondeza, não aqui todo mundo aqui o pobre o terreno dele era cercado de avelós, aí cortava fazia a ceica [cerca], plantava, quatro, cinco anos tinha avelós de novo, né? O avelós na época era um avelós do 'cola' e muita gente como Davi, [...] era uma madeira da febre, tu não visse que comeram aquela

⁸³ José Manoel da Silva. Entrevista. 70 anos, nascido no Povoado do Juá, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no "Sertão" e "Paraíba" é reconhecido como um dos melhores trabalhadores da cal na região. Hoje é aposentado e mora na comunidade de Barrinhos com a senhora Maria José da Conceição (sua segunda esposa) e irmão de Severino Nogueira da Silva, que contribuíram com seus depoimentos, concedendo entrevista junto com sua esposa em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

madeira todinha os fornos? Ali, quantos mil metros de lenha não deu ali? Que ali é uma légua de terra. Lenha branca, bola de avelós.⁸⁴

Dois pontos são interessantes destacarmos na fala do senhor Ivanildo: o primeiro, o fato dos donos de propriedades menores, mais pobres, utilizarem com frequência a planta para cercar seus limites. No momento em que estivessem bons de corte (pois quando o avelós alcança uma certa dimensão começam a cair por si mesmo, necessitando ser cortada e replantada a cerca viva), proveriam alguma renda, pois eram vendidos como lenha aos donos dos fornos. Segundo, a observação acerca do intenso consumo de lenha que os fornos tiveram por décadas. Apesar dos avelóses e as árvores de lenha branca terem se “regenerado”, nunca acompanhavam a velocidade do extrativismo e a “fome” dos fornos: “Tinha muita cerca de avelós, o povo plantava nas cerca, vendia para os fornos, depois plantava de novo, depois de cinco seis anos tinha avelós que já tava bom de corte, vendia de novo e assim era.”⁸⁵

Para outros efeitos os avelóses também eram usados, quando uteis as cercas que margeavam de um lado e de outro as estradas formando uma alameda, protegendo do sol quente os caminhantes – me beneficiava da sombra quando ia para escola, pois na estrada de minha casa até o colégio onde fiz os anos iniciais do Ensino Fundamental, todo trajeto era coberto por eles, com pontos que, por sua altura e tamanho dos galhos, formavam túneis naturais. Durante a noite, esses túneis de avelós tornavam mais escuros os caminhos, especialmente quando a lua não aparecia, amedrontando os nada corajosos.

⁸⁴ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba”. Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em 21 de janeiro de 2022.

⁸⁵ José Nogueira da Silva. 68 anos trabalhador e depois comerciava a cal em burros e jumentos, hoje aposentado, reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 25 de janeiro 2022.

Figura 12 – Imagem de satélite do forno de Zé Pequeno



Fonte: Imagem de satélite de área produzida sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022, registro da área de atuação de uns dos fornos mais ativos da região, o de Zé Pequeno (ver ponto 6 da figura 6, página 65), em destaque a demarcação da área de atuação do forno (estrutura e pátio), na outra, uma mostra das cercas de avelós presentes hoje.

Fazendo uso de um recurso hoje disponível, a imagem de satélite nos possibilita ter uma visão ampla e dimensional de como a produção da cal marcou a paisagem da região. Mesmo apresentando um forte contorno de cercas vivas de avelós hoje, os depoimentos reforçam a ideia de que esses traçados verdes escuros seriam ainda mais notáveis num registro dessa categoria, mas em função da capacidade consumista da atividade, não são notadas na paisagem com a mesma intensidade que antes. Sobravam as vistas das margens e “beiras” das estradas e rodagens encontrar o avelós alto e espesso, ou as cercas cuidadas e “ripadas” em formato de um muro natural da planta, essa tinha um caráter mais estético, pois não proporcionava um rendimento significativo de lenha para queima.

Nas interfaces paisagísticas, já tínhamos alertado para necessidade de um olhar mais profundo sobre as camadas que contêm a paisagem.

A paisagem oferece pistas materiais que permitem perceber seu caráter histórico. São esses ‘traços fósseis’ que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo (MENEZES, 2002, p. 36).

Nesse caso, os avelóses foram mais um elemento introduzido, “culturalizado”, numa fração de paisagem em que originalmente era intrusa. Sua adaptação acelerada ajudou a torná-lo presente na cultura em virtude de sua utilidade, a despeito do perigo de seu “leite”. Este é um exemplo importante de como a trajetória da natureza da região se conecta com a sociedade e se constrói como paisagem cultural. Por meio das análises visuais do ambiente e dos depoimentos percebe-se o quanto essa teria assumido interferências sociais.

Agora saindo das matas, mas dentro da natureza da região, analisaremos o solo, ou melhor, os resquícios de pedreiras tão imponentes e visíveis na paisagem, resquícios de uma época de extração de calcário. No que remete às pedreiras, estas não representavam apenas os locais de aquisição da matéria-prima base para produção, sobretudo, significavam lucro para o dono do terreno em que o minério de calcário estivesse presente no chão.⁸⁶

[...] que se o senhor visse dizia: vixe Nossa Senhora, que se o camarada cair num buraco desse, o camarada não escapa não, morre! Era muito fundo, da altura de uma casa dessa ou mais, eles tiravam a pedra de um lugar tão fundo e tão alto que faziam dois tombos ou três de onde eles tiravam a pedra pra botar num lugar plano.⁸⁷

O que o senhor Josué teria presenciado reúne a forma como era conduzido o trabalho (profundidade, técnicas e esforço) de extração nas pedreiras e a condição que o espaço ficava depois da exploração. A sujeição ao perigo da tarefa para o trabalhador era vivenciada em campo com o interesse do patrão, empelheiro ou dono da pedreira, esses precisavam da pedra para queimar, entregar ou vender aos produtores.

A exploração de pedra perdurou quase todo ciclo produtivo de cal, isso porque, após seu mergulho profundo na crise, já não se via mais esse tipo de ocupação nessa região, etapa que acompanhei de perto, pois ainda nos anos 2000, alguns fornos estavam ativos e toda pedra calcária vinha da região da Paraíba (Santa Cecília-PB) e do Município de Santa Maria do Cambucá-PE.

Dessa forma, a consequência da intensa exploração teve como resultado as visíveis as crateras abertas. Por mais que algumas tenham sido soterradas por questões de aproveitamento da terra, muitas são as que marcam a paisagem da região.

⁸⁶ Para melhor entender, voltar ao depoimento do senhor Sebastião na página 55. Representado por ele como boa sorte daquele que tivesse em suas terras o calcário, coisa que para os pobres ou donos de pequenas propriedades não era possível visto, com maior incidência nos domínios de criadores de animais, produtores de cal e médio agricultores.

⁸⁷ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021.

Figura 13 – Antigos pontos de extração de calcário



Fonte: foto de Jardíael Nogueira da Silva, 2022. Pontos em que foram extraídas pedras de cal, fica registrada sua proximidade com a estrada, essas não são tão profundas para os padrões da Região.

Figura 14 – Pedreira de João Tejo



Fonte: foto de Jardíael Nogueira da Silva, 2022. Apresenta o local de uma pedreira profunda para os padrões da Região, representando certo perigo por estar aberta entre a vegetação e pela proximidade com a estrada.

A quantidade de pedreiras e crateras expostas demonstram o quanto a extração de calcário foi intensa no passado. Nas imagens acima propomos a identificação com o uso de setas para mostrar especificamente alguns pontos visíveis de extração de calcário, ou melhor,

o que sobrou dessa tarefa, aberturas que surgem encobertas pela vegetação, em outras, sem a cobertura natural, surgem sinuosas na paisagem.

Ambas as imagens reforçam o quanto esses elementos fazem parte do panorama visível na região, uma paisagem presente na vida dos que transitam pelo principal acesso às comunidades de Barrinhos, Baraúnas e Patos. Esta localização inclusive já trouxe perigos em acidentes pela proximidade com as estradas: “E as Pedreiras provavelmente quase o próprio tempo entupindo, diminuiu a profundidade, mas ainda continua um lugar perigoso e tal, [para] os animais.”⁸⁸

Esse perigo é representado por sua extensão e profundidade, proporcional à quantidade de minério que teria sido retirado. Algumas são tímidos buracos na terra, outras conquistam atenção pela profundidade e, conseqüentemente, pela quantidade de riqueza obtida, como descreve o senhor Doca:

Aí essa Pedreira, ainda hoje vou lá e mostro, eles fora tirando muita pedra, ela foi afundando e foi dando boa. Foram até no salão dela embaixo, e ela não minou água? Pro modo o riacho cheguei a ver a água dela, a água dela é verde, foram muito profundo, porque ela fazia combinação com o (nível) do riacho. Vamos ‘sipur’ [supor], a distância dela pro riacho dá daqui pra quela bacinha ali, aquela bueirazinha ali [exemplifica a distância da localização da pedreira para o riacho, de cerca de trezentos metros]. Ninguém sabe quantos fornos deu, era dois fornos que queimava, ela é uma pedreira comprida, ela vai daqui até a casa de Mané Tenório [cerca de cem metros], aquilo tem muita pedra, é muita coisa, ela era funda e laiga [larga] e a gente acha que até o lado de lá, a gente ache que ela tem pedra ainda, o negócio era botar uma máquina pra escavar e tirar, mas parece que Loló aterrou.⁸⁹

É certeza que essas pedreiras são marcas fixas na paisagem e na memória de trabalhadores experientes como o senhor Doca. Prevendo que aquela abertura representaria perigo teria o dono das terras aterrado, acreditamos que ainda sobre vestígios da profunda capacidade exploratória que teria ocorrido naquele local. Apesar de que, outro evento marca a memória coletiva acerca desta pedreira: ali teria ocorrido o trágico acidente que resultou na morte do senhor conhecido por Zé Bidu, o qual apresentamos no item anterior na memória deste mesmo colaborador.

⁸⁸ Josué Eusébio Ferreira. 77 anos, nascido nas proximidades da Vila de Ameixas, Cumaru-PE, veio com seus pais para morar no Povoado do Juá em 1951, onde teve contato com a produção da cal presenciando o movimento da atividade e ainda se arriscando a produzir o artigo nas terras de seu pai. Hoje professor aposentado, reside em Caruaru-PE, entrevista concedida em sua residência em duas sessões nos dias 21 de outubro e 04 de novembro de 2021

⁸⁹ João Miguel da Silva. 68 anos, nascido no Sítio Pendência, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

De qualquer maneira, essas rugosidades da paisagem da região são o que fazem dela um objeto na prateleira do conceito de paisagem cultural, oportunizada pelo exercício do trabalho de exploração do calcário nas pedreiras e, em seguida, sua transformação em cal nos fornos. Nessas circunstâncias episódios, fatos, acontecimentos, experiências ressurgem nas memórias dos envolvidos, hora porque presenciaram ou que ficaram sabendo por outros, até porque, esses acontecimentos serviam como componente de aprendizado, ensinamento, alerta para os riscos e desenvolvimento dos conhecimentos e técnicas para exercerem suas funções na atividade e não sofrerem danos.

Condição parecida é assumida pelo terceiro elementos de nossa análise: os fornos. Centros de transformação de pedra em cal, atualmente com diferentes níveis de conservação, os fornos⁹⁰ se entrelaçam junto aos outros elementos descritos aqui, e são visíveis no lugar, decorrentes da atividade de produção de cal. Esses centros, certamente dinamizavam a atividade e o cotidiano de trabalho bem mais que os outros componentes essenciais para produção, em função de que tudo era integrado ao forno.

Importava as distâncias das casas e comunidades dos trabalhadores/trabalhadoras, o acesso à matéria-prima, a capacidade produtiva, a mobilidade de ocupação dentro e fora do forno, são exemplos de como havia uma atenção grande sobre o espaço que a pedra bruta se tornava no valioso pó ou pedra alva.

Hoje desativados, não concentram mais a mesma atenção de antigamente. Muitos foram derrubados, outros se encontram em ruínas, alguns o que sobra é o local, mas apesar da fragilidade de conservação da estrutura monumental que era utilizada na produção restam muitos exemplos e pontos com grandes áreas de apropriação que era contraída no entorno dos fornos, com resíduos que afetaram o ambiente, em consequência marcam a paisagem.

⁹⁰ A tabela apresentada no apêndice 2, elaborada para produção do mapa da figura 6 na página 65, mostra a quantidade e grau de conservação dos fornos na região o que proporciona uma dimensão dos desses centros na paisagem.

Figura 15 – Imagem satélite dos fornos da mata



Fonte: Imagem de satélite de área produzida sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022, registro da área de atuação de uns dos fornos da mata 1, 2 3 (ver pontos 43, 44 e 45 da figura 6, página 65), em destaque, ainda pode-se ver na paisagem os traços e marcas que a atividade depositou como os resíduos e áreas de trabalho.

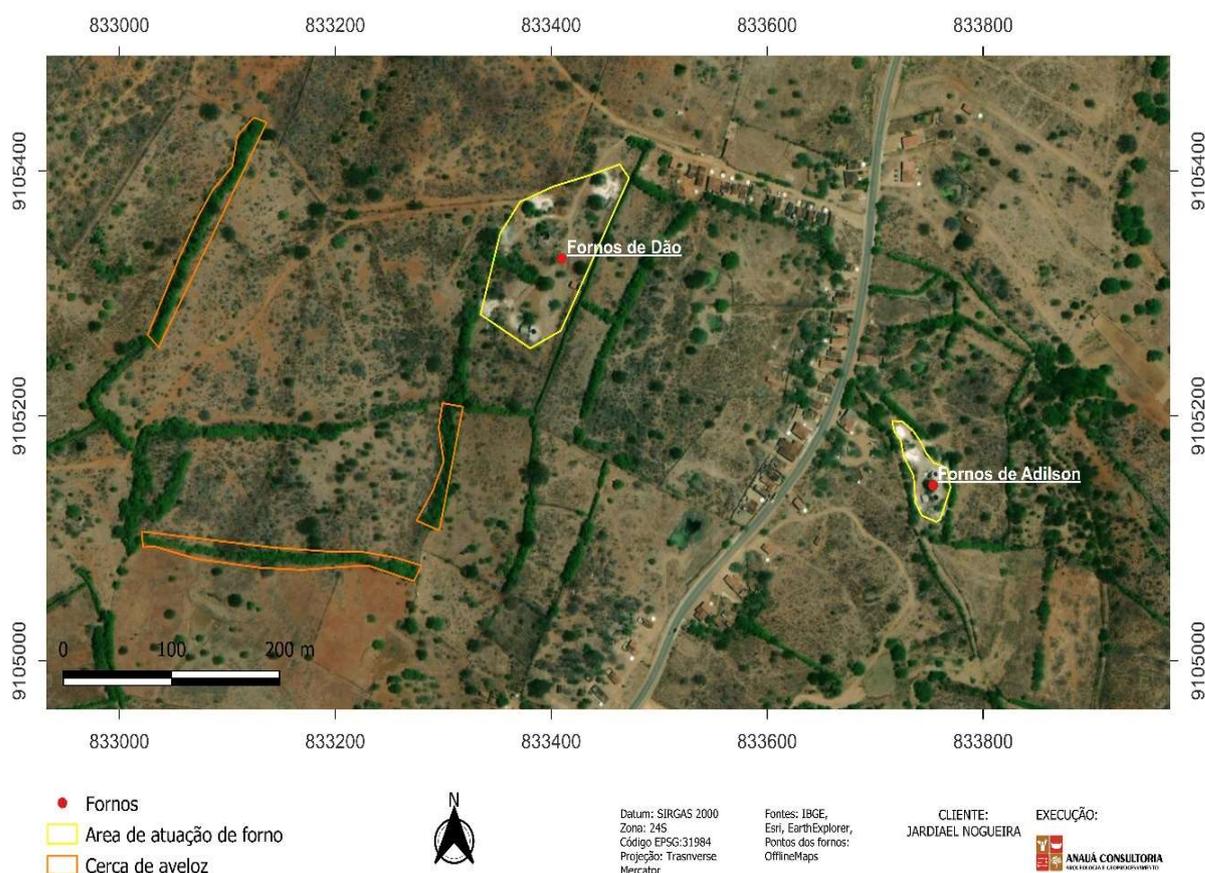
Característica marcante da produção de cal, a contaminação ambiental ocorria graças aos resíduos da cal que foram descartados de maneira inadequada no ambiente, conforme relatado no estudo de Duarte (2012) que investigou a produção de cal no município de Santa Maria do Cambucá-PE, sendo essa responsável por poluir o ar, o solo, além de consumir predatoriamente as matas de seus domínios. Na imagem acima, registrada pôr satélite, vemos que no entorno de um forno sobram elementos que atestam sua atuação: os restos de cal, pedra, carvão da queima da lenha, podem ser notados pelo branco/cinza residuais, trazendo consequências ao solo e à flora.

Em vista da condição de preservação desses centros e da falta de interesse dos donos de manterem de pé (para alguns atrapalham no aproveitamento das propriedades), façamos desse espaço, o mínimo de apelo para que não percamos esses símbolos de uma atividade de forte relevância na memória, cultura e história da região próxima do Povoado do Juá. Apesar de que, sua conservação não traria grandes custos, pois sua composição rudimentar – pedra e barro – resgataríamos imponentes estruturas da cultura do trabalho da região produtora de cal artesanal do Segundo Distrito de Caruaru-Pe.

Algo que tenha nos encorajado muito, seria tornar esses monumentos atrativos para o conhecimento da história e memória da região, justifica ainda mais nosso pensamento em mostrar que tantos os fornos, as pedreiras e a natureza em si, que compõem uma paisagem cultural sob a ação das investidas do trabalho de fazer a cal e que pesquisas como essa possa afastar a ameaça da perda desses conhecimentos tradicionais e a não valorização dos costumes de um grupo.

Figura 16 – Imagem satélite dos fornos de Dão, Ticaca e Adilson

Localização do Forno de Dão e do Forno de Adilson, Segundo Distrito de Caruaru-PE.



Fonte: Imagem de satélite de área produzida sob encomenda do autor por Anuá consultoria: Arqueologia e geoprocessamento, 2022, registro da área de atuação dos de Dão, Ticaca e Adilson, realçando na paisagem os pontos verde dos avelós e áreas de atuação dos fornos (ver pontos 4, 12, 28 e 39 da figura 6, página 65).

Explorando mais imagens de georreferenciamento, preparadas nesse sentido de investigar os remanescentes da cultura predatória da atividade, tais consequência despontam nas falas dos trabalhadores⁹¹, fazendo uso desse recurso acima, teremos tal comprovação. O consumo de espécies nativas e avelós se mostram tão agressivos que na imagem pouco

⁹¹ Voltar ao depoimento do senhor Severino Nogueira da Silva, página 83.

se encontra de cobertura natural, por conta de uma cultura devastadora e exploradora das riquezas naturais que chegam até os dias de hoje.

Aceitamos essa ideia, porque as atividades econômicas atuais registram em seu organismo a tradição de derrubar e consumir a lenha de nossa caatinga. O que é visto com o trabalho na confecção e beneficiamento do jeans, que nas lavanderias localizadas no Povoado do Juá, já teriam absorvido uma grande quantidade de madeira extraída dos mesmos locais que antes eram explorados para os fornos.

Intensificando esse problema, a caatinga é transformada em áreas de pasto para gado, onde a lavoura é sazonal e pouco intensiva, pequenos e médios criadores e produtores rurais optam por derrubar, limpar áreas para que saia mais pasto. Esperamos que uma nova postura articulada à reeducação ambiental venha colaborar pela preservação e cuidados de nossas áreas naturais. A caatinga clama por socorro, assim como o mundo pode entrar em colapso se não mudarmos nossa atitude.

3.3.1 No fim, o que "ganhou" o trabalhador e trabalhadora?

Qual o saldo de uma pessoa quanto essa esteve exposta a um labor revestido de aspectos nocivos ao corpo humano, seja pelos repetitivos movimentos ou pela insalubridade da temperatura, do pó e do peso extremos? Iniciamos esse subitem trazendo a discussão uma questão inferida pela ação do trabalho na produção da cal teria proporcionado no que diz respeito aos seus domínios físicos corporais dos trabalhadores e trabalhadoras.

Buscando entender como se davam as condições dos trabalhadores e trabalhadoras da produção da cal:

[...] não é tão bom para saúde, mas tem muita gente né, que trabalhou no cal que a queitura muito grande para queimar, a pedra, a função de tirar o carvão é uma função meio difícil, mas o que prejudica mais do trabalho do cal é a queimagem, porque tem a queitura de doze dias um forno, quinze dias, aí dia à noite, ali dentro daquela queitura, dá problema assim: muita gente se queixa muito de hoje ter, como muitos já morreram da queitura, do problema do pulmão, porque o cal ele não é todo mundo que chega assim [e] trabalha, ele sufoca o fôlego, né? A poeira dele que ele, quando ele tá em pedra ele é bom de trabalhar, mas depois que ele afina ele já dá dificuldade, a pedra, eh! Ele queimando hoje, arriando hoje, é uma palavra que tem assim, arriou é parar de botar lenha, aí [arriou] hoje, quando for amanhã já tem que abrir, para aquele cal pronto, aí é aquele cal em pedra é bom de trabalhar, mesmo que tá pegando a pedra sem queimar, mas se passar mais dias dentro do forno, aí já chama o cal fino, que é o calcário, aí o calcário já é mais fino e já

não é tudo mundo que trabalha com ele, não. Tem que amarrar a toalha no nariz, tipo uma máscara e o mais perigoso também é tirar aquela cinza dentro do cal. Porque só volta a botar pedra no forno quando limpa ele para tirar aquela cinza que vem com brasa, os dejetos, que chama o carvão. Tirar o carvão, aí ali vem com, vem com brasa de doze, treze dias de queimando lenha ali dentro, ali tem muita brasa, aí tem de tirar aquele carvão quente, aquilo ali causa problema, lógico! Que a matéria da gente é um, é fraca, e os homens que fazem esse serviço. Mulher não fazia esse trabalho não. Nós só fazia o tanto do serviço, aquilo que a gente podia, encher a 'tina', vamos supor, o baldinho de pedra, daquelas pedrinhas pequenas para jogar dentro do forno, e os homens pegava pedra com setenta, sessenta quilos, que chama enformação.⁹²

Tamanha a extensão do depoimento de minha mãe Bastiana, se comparado com o grau de clareza ao mostrar os agravos e até apresentar possíveis justificativas para enfermidades que surgiram na vida e na saúde de muitos trabalhadores da cal hoje. Antes de falarmos das condições que poderia ter levado a situações desse tipo, quero pontuar a capacidade de minha mãe em eleger algumas heranças não tão satisfatórias que foram decorrentes dos “perigos” dessa exposição: problemas de pulmão.

A necessidade do trabalho e a rotatividade dessas pessoas por entre os locais e as condições que eram submetidas não poderia surtir em outras consequências que não fossem essas. Obviamente que não é unanimidade entre os trabalhadores terem adquirido algum problema de saúde por ter trabalhado por anos na cal. Há aqueles que se queixam mais que outros.

Voltando ao depoimento de minha mãe, ela alerta para que um dos principais perigos do trabalho nos fornos era a “quentura”, não seria de se espantar que ficar exposto em um forno que ultrapassava os mil graus centígrados de temperatura não seria prejudicial. Ainda demonstra que a retirada do carvão⁹³ era tão delicada quanto a queimagem na boca.

Episódios assim nos ajudam a compreender que as consequências não viriam apenas como o passar dos anos, os riscos eram também instantâneos, um descuido ou falta de atenção poderia ser fatal para o trabalhador ou trabalhadora.

Comum são as queixas dos trabalhadores de que contraíram problemas por repetirem o exercício de erguerem pedras nas proporções que as enformações requeriam. Para isso, o trabalhador constantemente precisava fazer força para levantar e entregar pedras que podiam

⁹² Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

⁹³ Lembremos da fala de dona Maria José da Conceição (p. 103 desta dissertação), que declarou que seu marido teria morrido em decorrência imprudência de ter trabalhado alcoolizado na retirada do carvão do forno, tão quente e que durante uma chuva quando realizava a tarefa, possivelmente teria sofrido um choque térmico.

chegar aos noventa, cem quilos, tarefa dos homens, o que indica frações de divisão de trabalho. Vejamos o que acrescenta o senhor Bil de Leu:

Não, qualquer um não aguentava não! Porque o serviço era pesado, porque o cara pegar direto oitenta quilos, setenta direto, direto, né todo mundo não, que pega não, nós pegava direto, pegava na mão, né? Pedra pra botar encima do carro, sim! E pedra, pra pegar daqui, andava pra botar dentro do forno, tá entendendo? Aí avoava pra dentro da bacia, pra entregar ao enformador, era setenta, oitenta que pegava, tinha cara que pegava 'inté' negócio de cem quilo assim. [...] conheci! O finado Xavier pegava, pagava. Cem quilo, ele pegava, cem, noventa ele pegava.⁹⁴

Esse é mais um de muitos trechos que os entrevistados nos revelam que o trabalho na produção artesanal da cal “não era para qualquer um”. Para o senhor Bil de Leu – e não é difícil de entender em seu enfoque – para se sair bem o trabalhador teria que, além de possuir conhecimentos e habilidades para trabalhar, ser dotado de força e resistência física – dotes que eram muito valorizados. De maneira indireta ele aborda que só os mais providos de força eram ousados em erguer pedras com até cem quilos. É de nosso conhecimento que o exercício de força física durante o trabalho poderia vir acompanhada de momentos de entretenimento para ver quem era mais forte e resistente entre os trabalhadores.

Por sua principal função na atividade, de enformador, o senhor Bil de Leu dispunha dessa sensibilidade de saber que aquilo realizado por ele iria lhe prejudicar mais cedo ou mais tarde. Mas, naquela etapa de sua vida, não teria a escolha de rever sua condição de trabalhador da cal, pois: “Só o serviço que tinha. Era só o serviço que tinha, aí nós tinha que trabalhar, tinha que trabalhar, pra sustentar a vida, né?”⁹⁵ Precisava seguir junto de seus pares carregando, enchendo e transportando pedra e cal, ali estava sua sobrevivência. Por sorte, hoje não se queixa de problemas de saúde.

Sorte que não tivera o senhor Ivanildo:

Causou, peguei foi doença que só 'o cola'. Essas doenças, essas doenças minha foi o peso demais que peguei, acabei os nervos, essa 'estorose' [osteoporose] minha, aquilo foi peso demais que eu peguei enformando, setenta, oitenta quilos direto, oh!!! Você embaixo, eu de 'quato' [perna] aberto aqui em riba da enformagem, você e outro para me dar setenta quilos e eu pegar sozinho e me vira-me para não cair embaixo, oxe! Foi isso rapaz, e pegou a coluna também. O médico mesmo disse que foi peso demais, o médico falou.⁹⁶

⁹⁴ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

⁹⁵ Idem

⁹⁶ Ivanildo Miguel da Silva. 61 anos, nascido no Sítio Pendência, Riacho das Almas, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba”.

Também enforador, esteve fazendo as mesmas ações que o senhor Bil de Leu, porém, em seu caso, o corpo não suportou o tanto de esforço e repetição de movimentos. Nitidamente hoje se encontra uma pessoa com a saúde fragilizada, e se queixa que o trabalho nos fornos erguendo e acomodando pedras lhe causou esses problemas.

Em virtude de seu problema de saúde (osteoporose), exploramos a conversa e perguntamos se ele teria revelado ao seu médico que em sua vida esteve trabalhando na cal nessas condições, sua resposta afirmativa atendeu a nossa curiosidade e a encontrar um ponto de uma justificativa clínica para essas incidências. O peso dos materiais foi um dos protagonistas para que hoje conviva com dores nas articulações, e para suportar as dores faz uso de medicamentos não tão baratos, o que agrava mais essas consequências.

Notórios são os casos que sem sombra de dúvida o “peso” é quem puxa essa balança para o lado das sequelas.

Esse peso também prejudica, muita gente como você vê hoje, tem gente que tem problema de hérnia, coluna, como Bil de Tulu, né? Que hoje tem uma hérnia muito avançada, devido de peso, você ainda conheceu Leu que tinha aquele problema, que foi peso de pedra, peso, Mané de Tuta já foi operado de hérnia, porque, peso de forno, de enformação. Esse foi o povo trabalha[va] com a gente e que nós vê hoje, eh!⁹⁷

Nesse ponto, a senhora Bastiana lança de mais uma consequência que a imersão na atividade contribuiu. A motivação para possíveis hérnias dos senhores Bil de Tulu e Mané de Tuta, teria sido a condição de trabalhador da produção artesanal da cal. Agravadas, os levaram a serem submetidos a procedimentos cirúrgicos. Na outra questão, o referido senhor Leu, que minha mãe tratou de me recordar, por sinal é o pai de dois colaboradores da pesquisa: os irmãos Zezé e Bil de Leu. Possivelmente, convivia com uma hérnia inguinal⁹⁸ que o fazia andar com alguma dificuldade. Esses e outros exemplos não encobrem o problema de função laborais em que corpos mesmos domesticados ao esforço e ao peso não saem ilesos.

Os problemas de visão são noticiados com frequência na vida dos trabalhadores. A exposição ao calor do forno, ao pó da cal e ao branco incandescente do produto chama a

Hoje trabalha em sua pequena propriedade residindo no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência em 21 de janeiro de 2022.

⁹⁷ Maria do Carmo da Silva. 63 anos trabalhadora na produção da cal, nascida na comunidade do Juá onde mora até hoje como aposentada, entrevista concedida em sua residência no dia 30 de outubro de 2021.

⁹⁸ A hérnia inguinal (também chamada hérnia na virilha) ocorre quando os tecidos do interior do abdome saem por um ponto fraco da parede muscular abdominal na região inguinal (“virilha”), formando uma tumefação. Fonte: [http:// https://digestiva.com.br/o-que-e-hernia-inguinal/](http://https://digestiva.com.br/o-que-e-hernia-inguinal/). Conheci o senhor Leu, pelo jeito que andava e a aparência das roupas esse problema o trazia grande desconforto.

atenção dessas pessoas como um problema decorrente de seu curso no trabalho, que enxergam com alguma dificuldade, e perderam o nítido brilho que antes tinha sua vista.

Bastamos ver o que diz o trabalhador Bil de Leu:

Não, teve gente que, que dá, que eu conheço mesmo, que morreu em forno de cal, não! Agora teve problema na vista, né? Teve gente que teve, teve gente que não teve. Isso, porque o cal, o cal, você, você vai tirar o cal muito quente, aí você tá em cima assim, enchendo o banguê do cal, aí o cal é quente aí você queima sua visão. E você avoando lenha dentro do forno, tá entendendo? Aí aqui tudo do fogo vem para sua visão. O cal, não pode queimar o forno de óculos, aí o óculos queima, né? Esquenta, estala.⁹⁹

Claramente ele associa os problemas de visão com as configurações que as funções dentro dos centros de trabalho exigiam. A quentura da boca em que as chamas passavam metros para fora da abertura onde era jogada a lenha, lentamente iria minando a saúde da visão. A falta de equipamentos de proteção é justificada por ele como até um empecilho, pois os óculos não suportariam o calor, quebrando durante o uso podendo trazer outros prejuízos.

Acreditamos que existisse na época equipamentos de proteção individual que protegessem o trabalhador ou ao menos reduzissem os danos físicos, mas é fácil de perceber que o acesso ao material que descreve não era considerado adequado para as condições que trabalhavam. Embora seja uma conquista mais recente, cobrar e conscientizar aos empregadores e trabalhadores sobre a importância e a obrigação do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), ainda assim, não seguem as regras de segurança e bem-estar no trabalho, mas naquela época, longe desse hábito, os patrões e trabalhadores, não se importavam pela falta desses equipamentos, que seguindo o mesmo raciocínio visto pelo senhor Bil de Leu atrapalharia o rendimento e desempenho nas atividades do forno.

A máxima proteção aos danos do corpo era feita também de forma improvisada: um pano ou toalha servindo de máscara¹⁰⁰ para não inalar o pó que facilmente levantava quando a cal era fina e manuseada; óculos que deveria ser usado para cortar avelós, pois caso seu látex tóxico entrasse em contato com os olhos:

Vamos supor, trabalhando, trabalhando uma hora dessa [próximo do meio-dia], pegar avelós no cara, na vista, o cara aguentava mais é, oh! Tinha que ir pra Caruaru. Aguentava não 'febe'. Botava avelós lá embaixo oia, o Bode, Naildo deu um remédio para ele botar na vista dele, na vista dele, ele disse: – o Mané, leva pra Caruaru que eu vou morrer, 'febe'. – Não dá para morrer, não [risos]! e apoio caia que só a 'febe', caia na vista, e apoi, muitos

⁹⁹ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

¹⁰⁰ Ver depoimento da senhora Bastiana na página 127 e 128.

trabalhavam de óculos, eu não aguentava esse negócio, muito abafado, entendeu? é quente demais, oh!¹⁰¹

Talvez uma luva de couro poderia ser utilizada durante os afazeres nos fornos, protegendo de machucados e animais peçonhentos. O fato é que mesmo por situações de muito desconforto como ter caído “leite de avelós” nos olhos muitos trabalhadores preferiam ficar mais à “vontade” do que “abafados” de alguma proteção.

Outra revelação que nos surpreendeu, foi o fato do senhor Zezé contar que irá passar por procedimento cirúrgico nos olhos e que a causa, segundo ele, teria sido o fogo dos fornos que tanto se expôs:

Olha, ‘oia’ isso aqui é fogo tá vendo? Isso aqui é fogo. Vai operar tá vendo? Tá vendo? Vai operar, esse negócio branco aqui, foi fogo tá vendo? Do forno trabalhando, trouxe esse negócio aí, é doença isso aí é doença. Vou ter que operar. Vou ter que operar as duas, rapaz.¹⁰²

Trabalhando desde o corte de lenha até a distribuição da cal pronta, o trabalhador sofreria com esses problemas. Assim que “arriado” o forno, em muitos casos a demanda de consumo requisitava que nas horas seguintes ou no próximo dia, a cal precisava ser carregada. Ainda em altas temperaturas os trabalhadores retiravam a cal em pedra ou fina do forno para encher os banguês, pesar e carregar os caminhões. Processo que fazia subir o pó e o calor da cal, demonstrando o quanto seria prejudicial aos olhos e a respiração.

De todo mal a cal não era vista apenas como vilã, acreditava-se que ela teria propriedades benéficas à saúde:

Porque eu trabalhava aqui em Mané Caça Preta na época eu era novo, eu tinha o quê? Uns 16, 15 anos, aí nós tava lá no forno lá, aí chegou um médico de Recife, chegou no forno, no forno, chegou lá mais um rapaz sim chegou de Recife seu Mané conhecia ele, o dono do forno conhecia ele. Aí ele, tava o finado João Pedro que morreu, aí nós tava tudo no forno lá, aí ele chegou na boca do forno assim, aí o cal tava fino demais e nós tava, nós tava espirando, o finado João Pedro olhou assim: – diga meu amigo isso, isso aqui adocece! – ele disse [o possível médico]: – não, você tá errado! Isso aí cura doença, se você tiver uma doença coisada isso cura, isso não pega doença, não. Isso faz bem para saúde, o cal. – O médico falou isso que nós espirando, mode

¹⁰¹ José Manoel da Silva. Entrevista. 70 anos, nascido no Povoado do Juá, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba” é reconhecido como um dos melhores trabalhadores da cal na região. Hoje é aposentado e mora na comunidade de Barrinhos com a senhora Maria José da Conceição (sua segunda esposa) e irmão de Severino Nogueira da Silva, que contribuíram com seus depoimentos, concedendo entrevista junto com sua esposa em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

¹⁰² José Manoel da Silva. Entrevista. 70 anos, nascido no Povoado do Juá, desempenhou diversas funções na produção inclusive atuando em outras localidades como no “Sertão” e “Paraíba” é reconhecido como um dos melhores trabalhadores da cal na região. Hoje é aposentado e mora na comunidade de Barrinhos com a senhora Maria José da Conceição (sua segunda esposa) e irmão de Severino Nogueira da Silva, que contribuíram com seus depoimentos, concedendo entrevista junto com sua esposa em sua residência em 03 de fevereiro de 2022.

a poeira, – isso é bom que toda sujeira que você tem bota [para fora], não pega doença de jeito nenhum.¹⁰³

A estranheza se revela quando seu companheiro de trabalho, o senhor João Pedro que acreditava que os espirros comuns pelo pó da cal eram prejudiciais para eles, nas palavras do suposto médico eram meio que um “expectorante” que iria eliminar e limpar os pulmões. Mas mesmo tendo presenciado esse episódio, o senhor Bil de Leu não dispensou os níveis de consequências do trabalho à saúde, como antecipamos em uma fala sua.

Obviamente que esse entendimento teria sido influenciado pelas palavras que esse suposto médico amigo ou conhecido de seu patrão teria apontado naquela situação. Não que diante desse contexto o senhor Bil de Leu sintasse confundido sobre se o trabalho na produção da cal seja maléfico, mas encontramos em seu depoimento uma clara posição do que é de sua impressão e do que parte de outros.

Sobre a presença do suposto médico, na conversa buscamos entender quem seria essa pessoa, o porquê de estar no forno, se era frequente vê-lo nos pátios dos fornos, mas, segundo o senhor Bil de Leu, teria sido uma única oportunidade que teria visto esse senhor com o seu patrão. Para ele, era um homem conhecedor da saúde, pois se dizia médico e do Recife. Ao que tudo indica não era alguém que queria prestar de algum auxílio desse contexto para os trabalhadores, como imaginamos.

Após expor essas impressões que buscamos diagnosticar entre a natureza e homem, tomamos como resultado as proximidades que a cultura do trabalho da produção artesanal da cal no Segundo Distrito de Caruaru promoveu para além das marcas que deram direção a essa pesquisa. Os efeitos são parecidos com os tão discutidos sobre o resultado da vida útil dos cativos e de muitas outras atividades em que estiveram próximas de condições tão degradantes ao corpo humano.

Esta temática, do impacto do trabalho nas condições do corpo dos indivíduos, da comunidade e do meio ambiente, merece, por sua complexidade e amplitude, futuros trabalhos de pesquisa, a serem realizados com base em estudos de grupos maiores e de fontes externas à comunidade do Juá. Trata-se de uma temática importante para a melhor compreensão do impacto sociocultural do trabalho de antes, de hoje e o que teremos para o futuro.

¹⁰³ Severino Nogueira da Silva, 59 anos, nascido em Toritama-PE, mas logo veio morar no Povoado do Juá local de origem de seus pais, trabalhador da produção da cal que desempenhou diversas funções, hoje reside no Povoado do Juá, entrevista concedida em sua residência no dia 7 de dezembro de 2021.

4 CONSIDERAÇÕES E APONTAMENTOS FINAIS

Nesse momento nos importa reaver nossas impressões antecessoras, instrumentais e conclusivas. De início, fui conduzido pela curiosidade e a necessidade de insistir em um trabalho que analisasse as características socioculturais da região do Segundo Distrito de Caruaru. Em um segundo momento identificamos que a historiografia brasileira não apresentava trabalhos sobre o poder do envolvimento da produção artesanal de cal na cultura e no ambiente, embora se encontre produções sob outras lentes (antropológicas, geográficas, ambientais).

Muitos achados foram tornando nossa tarefa mais prazerosa e intensa, ao mesmo tempo que surgiram preocupações.

O primeiro desafio foi compreender os níveis e proporções da relação incondicionalmente necessária entre o homem e a natureza para fazer a cal. Uma dependência que estendeu seus resultados para além do produto, agora aparece codificada na paisagem cultural, composta de marcas e impressões.

Em contexto com nossos propósitos iniciais de pesquisa, encontramos na cultura do trabalho o ponto de conexão entre os elementos que foram capazes de forjar uma cultura presente na vida e no cotidiano do trabalhador da cal. Ao passo que iam sendo exercidas as funções e tarefas por eles – saberes, experiências e feitos – intensificavam a composição de uma cultura presente no grupo.

Enquanto o tempo se encarregava de mudar o quadro econômico da região, alguns costumes e prática reproduzidas durante a atividade, parecem ter sido transmitidas para as novas gerações. Um lugar que ainda ver na exploração desordenada dos recursos da natureza uma fonte de riqueza – hoje a confecção de peças de vestuário de jeans, uma das principais geradoras de trabalho e renda na região do Segundo Distrito de Caruaru, tem em seu corpo produtivo essa marca de poluição e degradação do meio ambiente, o que antes era proporcionada pela produção de cal, também, hoje parece não preocupar tanto essas consequências.

Em consórcio com a cultura e as memórias produzidas em torno da produção artesanal da cal, a formação da paisagem cultural aconteceu paulatinamente à medida que esses trabalhadores impuseram suas técnicas ao ambiente, aplicavam saberes, empreendiam suas estratégias de sobrevivência em disputa com o fardo degradante que conviviam.

As incursões feitas em direção a paisagem da região proporcionaram grandes descobertas. Visto que, a paisagem consiste na sobreposição de diferentes camadas temporais e circunstanciais, existindo traços que a cal teria promovido, juntos a outros que foram revelados, pois antes sofreram a interferência humana e natural.

Nesse contexto, os avelóses se enquadram nessas descobertas sobre o histórico da paisagem da região, decorrente da ação humana, não imaginávamos que sua inserção não teria ocorrido antes da produção da cal. Sua introdução e utilidade não foram determinadas a princípio em abastecer os fornos, logo a experiência e o conhecimento determinaram a serventia dessa espécie ao propósito essencial no processo de fazer cal.

Tamanho o referencial que a planta apresenta para memória da região e da produção da cal que entendemos ser importante investir no estudo sobre a espécie que proporcionava vantagens aos produtores e trabalhadores rurais e da cal, ao mesmo tempo que sua presença na paisagem atual torna-se cada vez mais escassa.

Assim como os avelóses, as plantas nativas da caatinga, sentiram tamanha fome dos fornos da região. Exaustivamente exploradas e poucos eram os cuidados que recebiam, pois achavam que facilmente se renovariam, sabemos que não ocorre dessa maneira. O avanço da desertificação e pouca cobertura de vegetação natural, são problemas frequentes nesse bioma tipicamente nordestino que possivelmente a cal teria contribuído.

Questões que somadas a uma interpretação mais profunda sobre a relação socioambiental dos avelóses antes e hoje, por exemplo, podem fazer florescer a capacidade de interpretação das realizações dos membros pelas lentes da história ambiental.

Em outro momento, a apreensividade andou junto com a satisfação em colher os depoimentos dos colaboradores, pois tínhamos o receio de não saber lidar com um recurso tão vasto e passível de críticas por historiadores receosos de sua fecundidade e limitações. Logo, fomos positivamente surpreendidos por quão férteis foram as memórias dos entrevistados, que nos revelaram que a cultura do trabalho da produção artesanal da cal ainda se encontra firme e presente nos dias atuais. São lembranças associadas diretamente a maneira de como era realizado trabalho. Outras nitidamente trazem efeitos no cotidiano e na memória dessas pessoas – marcam os sentidos, corpo e a forma de se comportarem.

Fizemos apenas o papel de interlocutor entre todo saber que cada um e cada uma continha a seu modo de traduzir como era viver a atuar no mundo da produção da cal. Saímos com a certeza de que esses personagens são os verdadeiros conhecedores do que era fazer e trabalhar na cal da região do Segundo Distrito de Caruaru, portadores de uma experiência exclusiva a eles.

Apesar de todas as apreciações feitas até aqui, algumas lacunas são visíveis. Esperamos que outras releituras possam renovar frutuosas análises, posicionamentos críticos sobre um tema que se propôs a trazer algo novo para historiografia, pois muitas pesquisas ainda podem ser conduzidas dentro e fora do campo da cultura aos que desejam enxergar para além do exposto.

Acredito que as proporções e perguntas geradas pelo presente trabalho indicam que futuras abordagens serão necessárias. Pontos que se desenvolvem a partir de problemáticas iniciadas pelo objetivo central do trabalho, como a postura política dos trabalhadores, aparentemente passiva diante da penosidade do labor, das más condições de trabalho e da exploração que sofriam no exercício de suas funções. Ou seja, atrair a lente da análise histórica para ver o posicionamento do grupo em relação a exploração do trabalho por outros.

Bem como a postura das autoridades e políticos da região diante da situação que os trabalhadores e trabalhadoras se sujeitavam, assim como, a responsabilidade de atuação sobre a exploração inconsciente dos recursos naturais – ressalvo que atualmente ainda é uma prática comum nas atividades econômicas de relevância na região.

Sugestões advindas da mesa de qualificação despertaram a conhecer o caráter representativo, o papel e presença do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na região produtora de cal. Questões que indiquem se havia conhecimento da presença dessa atividade na região por parte do Sindicato, bem como se ocorreram solicitações individuais ou coletiva de intervenção ou representatividade. Essas relações políticas de instituições de representação dos trabalhadores celebram muitas conquistas e disputas que incide interesse de muitos pesquisadores, temas que poderiam florescer nas referidas demonstrações.

Movimentos ou posturas de organização e resistências ao trabalho na cal somam-se e requerem também uma melhor verificação, já que eles (trabalhadores e trabalhadoras) denunciavam esse trabalho como uma função árdua e degradante.

Além dos momentos de trabalho, muito interessante teria sido a análise dos momentos de lazer, que ao mesmo tempo são opostos, e complementares, a centralidade que o trabalho tinha na vida dessas pessoas. Óbvio que elas não aspiravam apenas o trabalho e o pó da cal, também tinham seus momentos de folga e lazer.

Minha justificativa para que estas questões listadas acima não terem sido apreciadas nesse momento, partem da amplitude do objetivo inicial que tínhamos de atender. Apesar dos resultados que pudemos atingir, caso ampliássemos a pesquisa para outras escalas, correríamos o risco de não entregar algo substancial sobre os problemas que nos propusemos a analisar originalmente. A outra explicação compete as decisões teóricas assumidas em

virtude do que encaminha a linha de pesquisa: Cultura, Patrimônio e Memória, a que atuamos. Como o centro de nossas investigações era em torno da cultura do trabalho, a extensão da pesquisa aos domínios da política, e da cultura como lazer, criaria uma demanda para estudo e análise de uma extensa historiografia especializada, que, se por um lado, fortaleceria as análises e escritas, por outro, talvez não conseguiríamos dar conta em uma dissertação, risco que não poderíamos correr nesse momento.

Depois de ter designado tanto esforço na pesquisa, minha maior constatação é que a produção da cal deixou registradas fortes marcas na vida e na cultura dos habitantes que se submeteram a esse trabalho, e em consequência marcas são visíveis na paisagem da região.

Trago como compromisso de prover futuras apreciações acadêmicas sobre os caminhos abertos por esta dissertação. Futuros trabalhos serão fertilizados pela forma como as memórias coletivas nos foram apresentadas, pela riqueza que a história oral nos possibilitou, e pela espontaneidade de temas afins que já despontaram através das lembranças que se cruzaram nas entrevistas. Creio que todas as perguntas levantadas são possíveis de um melhor aproveitamento, em novas coletas e aproximações com outras leituras.

Ainda terei como motivação a vontade de desenvolver melhor o conceito de Cultura do Trabalho, que se mostrou viável em nossas análises. Conforme sinalizamos antes, ainda existe a necessidade de insistir em aproximações e distanciamentos, que favoreçam cada vez mais as interpretações de grupos esquecidos e tradicionais pelos seus feitos em torno do trabalho.

São esses caminhos que pensamos em seguir para que em breve possamos contribuir com mais interpretações sobre a importância e as singularidades, em valor da cultura, da memória e da história da produção artesanal da cal, das pessoas e das comunidades no Segundo Distrito de Caruaru.

5 FONTES ORAIS

5.1 Entrevistas

FERREIRA, José Simião, Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: outubro, 2013.

SILVA, Sebastião Francisco da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: março, 2022.

FERREIRA, Josué Eusébio. Entrevista. Caruaru-PE: outubro, 2021.

CONCEIÇÃO, Rita Josefa da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: dezembro, 2021.

SILVA, Severino Nogueira da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: dezembro, 2021.

SILVA, Ivanildo Miguel da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: janeiro, 2022.

SILVA, João Miguel da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: janeiro, 2022.

SILVA, Maria do Carmo da. Entrevista. Sítio Pendência, Caruaru-PE: novembro, 2021.

SILVA, José Nogueira da. Entrevista. Sítio Pendência, Caruaru-PE: novembro, 2021.

SILVA, José Guilhermino da. Entrevista. Povoado do Juá, Caruaru-PE: janeiro, 2022.

SILVA, José Manoel da. Entrevista. Sítio Barrinhos, Caruaru-PE: fevereiro, 2022.

CONCEIÇÃO, Maria José da. Entrevista. Sítio Barrinhos, Caruaru-PE: fevereiro, 2022.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. Sobre a Memória das cidades. Revista Território, ano 3, n. 4, jan/jun 1998.

ALBERTÍ, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas** 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

AMADO, Janaina. e FERREIRA, Marieta de Moraes, (org.) **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 1º Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

_____. **Geografia econômica do Nordeste**: O espaço e a economia nordestina. Recife: Atlas, 1977.

ANDRADE, Manuel Correia de. “Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco”. In: **Estudos Avançados**: Dossiê Desenvolvimento Rural. 2001. V15, Nº 43 (p. 267-280).

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed., 10. reimpr. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

CASTRO, Cláudio de.; JATOBÁ, Lucivânio. **Litosfera**: minerais, rochas e relevo. 2ª ed. Recife: Recife, 2006.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2015.

DE SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Segunda Edição, Rio de Janeiro: Typographia de João Ignácio da Silva, 1879.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. HISTÓRIA ZORAL, 6, 2003.

DUARTE, Wando H.B., et. al. “Contaminação geoquímica ambiental da produção de calcários corretivos e cal na região de Santa Maria do Cambucá, Pernambuco: Considerações sobre a produção mineral regional.” In: **Revista de Geografia**. 2012. V29, Nº 3 (p. 242-265).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. (tradução: Jefferson Luiz Camargo) São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MALERBA, Jurandir. Teoria e História da Historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. Contexto: São Paulo, 2006 [11-26].

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MELO, Mário Lacerda. **Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba**. 2ª. ed. Recife: Cepe, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A História, Cativa da Memória?** Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, p. 9-23, dec. 1992.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: Eduardo Yázigi (org.). **Turismo e paisagem**. Rio de Janeiro: Contexto, 2002.

MENEZES, Marluci. Formar, cozer, tirar a cal: testemunhos do fazer cal em Portugal. **Ambiente Construído**, [S.L.], v. 18, n. 4, p. 7-20, out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212018000400289>.

NASCIMENTO, Flávia B.; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção do patrimônio cultural: a experiência do Vale do Ribeira-SP. **Revista CPC**, São Paulo, n. 10, p. 29-48, maio/out 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Da utilidade e do inconveniente da história para a vida** (tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza). São Paulo: La Fonte, 2019.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. [1984]

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o capa verde e a redenção: a cultura do trabalho com o agave nos Cariris Velhos (1937-1966, Paraíba)**. Tese de Doutorado em História – UNB, Brasília, 2006, (291f.).

INÁCIO, Tiago Filipe Duarte. **Os fornos de cal artesanais de Pataias: História, Memória e Progresso**. Dissertação de Mestrado em Estudos do Patrimônio, Universidade Aberta, Lisboa, 2021, (393f.)

OLIVEIRA, Rodrigo Ibson da Silva. **Debaixo de pedra e cal: as relações socioeconômicas na capitania de Itamaracá -1654 a 1763**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife, 2014. (120f.).

PESAVENTO, Sandra. **Cidade, espaço e tempo**: reflexões sobre a Memória e o patrimônio urbano. In: V. II, nº4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2005.

PESAVENTO, Sandra. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

RANGEL, F.; CORTELETTI, R. de F. O polo de confecções do Agreste Pernambucano: Origens e configurações atuais. In: **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 27, n. 00, 2022. DOI: 10.52780/res.v27i00.13897. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13897>. Acesso em: 30 out. 2022.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SANTOS, Janaína Patrícia dos. **Riqueza e distribuição de espécies úteis no semi-árido do nordeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife, 2006. (69f.).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: EDUSP, 2013.

_____. **Espaço e Método**. 5ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014.

SCHAMA, Simon, **Paisagem e memória** (tradução Hildegard Feist). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem Patrões**: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas: Unicamp, 2003

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das Paisagens. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 203-216.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

_____. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael, HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaina. e FERREIRA, Marieta de

Morais, (org.) **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. P. 65-95.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus: Bactérias, Parasitas e Outros Microrganismos...** São Paulo: Editora Contexto. 2012

WORSTER, Donald. "Para Fazer História Ambiental". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991.

GLOSSÁRIO

Abarrotar a bacia: encher em excesso com lenha a bacia do forno, o local em que o combustível é queimado.

Alforeiros: trabalhadores que tomam emprestada terras para plantio de lavoura. Na região não se ver a cobrança de algum valor pelo uso dela, apenas o compromisso de abrir o roçado em meio da caatinga, cuidar em consórcio de cultura alternativa dentro do mesmo roçado como no caso da palma e deixar para o dono da terra a palha do milho para o gado.

Amontoado: pilha ou montante de pedra ou de lenha.

Armazém: espaço próximo a boca do forno com cobertura ou não, para as pedras a serem introduzidas na enforção e a lenha que será utilizada na queima, espaço de pesagem e carregamento da cal.

Avelós: é uma planta trazida da África, que no Brasil se adaptou e se desenvolveu aclimatada na região Nordeste, tornando-se muito útil para os pequenos proprietários de terras e sua lenha era muito aceita na queima da cal.

Bacia do forno: base circular interna do forno podendo ficar abaixo da sapata, quando existente, local específico que recebe e queima da lenha.

Banguê: instrumento feito de cipó, madeira ou metal com bases para segurar em suas extremidades, servindo para carregar pedras, lenha e transporte da cal que era pesada no armazém do forno para caminhões.

Boca do forno: abertura para que seja jogada a lenha para queima na bacia.

Borrão: carvão e cinzas, resíduos da queima da lenha.

Batedores de carga: trabalhadores responsáveis por carregar os caminhões de lenha.

Cambiteiros: trabalhadores que carregavam lenha em burros e jumentos, o nome é derivado dos cambitos de madeiras que era usados para acomodar a lenha no animal.

Caçua: cesto feito cipó, que serve para transportar produtos em animais.

Calça: argamassa feita com cal, areia e água. Utilizada para levantar e revestir paredes.

Capote: parte sobressalente da borda superior do forno para aproveitamento do fogo mais alto que ultrapassa a estrutura do forno.

Carrancudo: pessoa fechada, pouco amistosa que não se disponha de gentileza com outros.

Caroços de pedras: pedras menores que um paralelepípedo, utilizadas principalmente para preenchimento dos espaços entre as enfornações e pedras maiores.

Coice: ir na perseguição, em seguida, na busca.

Coivara: amontado de lenha, galhos, árvores cortadas para queima ao céu aberto.

Chibanca: ferramenta com duas pontas (parecida com uma picareta), uma ponta mais larga como uma pá, na outra com a forma de uma machadinha.

Cunha: ferramenta de ferro para furar e quebrar a rocha em pedreiras.

Empeleitada: acordo de realização e pagamento de tarefa entre trabalhador e contratante.

Empeleiteiro: trabalhador que frequentemente realiza trabalhos por empeleitada e que ainda comumente contrata terceiro para execução.

Enfornação: pedras maiores utilizadas para compor a fornalha e bacia do forno, seu resultado é uma estrutura com formato de cúpula com aparência interna de um iglu.

Enfornador: trabalhador habilidoso e responsável por enfornar, montando a estrutura que receberá a lenha apenas com pedras (enfornações, pedras menores e caroços).

Escorava: apoia-se em alguém ou diminuir o ritmo de trabalho.

Fornagem: ciclo de queima de um forno, que se inicia com a aquisição de matéria-prima até a distribuição da cal.

Lenha branca: tipo de lenha que contém as espécies nativas da caatinga.

Marrão: ferramenta de ferro e maior que uma marreta para quebrar pedras, comum ter marrões de cinco, oito e dez quilos.

Matuto: vendedor de cal em muares e jumentos.

Palear terra: jogar terra, arreia ou outro elemento com o uso de uma pá utilizando de técnica de manejo do corpo e arremesso da terra para ir mais longe sem espalhar.

Palmo: medida popular utilizada referente a mão, inicia na ponta do dedo polegar até a ponta do dedo mínimo.

Pedra braba: pedras comuns encontradas soltas na terra, sendo mais duras e resistentes ao calor.

Pedra de cal: calcário

Pedra lagartixa: pedra de coloração cinza marrom, com superfície rugosa.

Pedra rocha: pedra derivada de uma rocha maior sendo esfacelada era utilizada para construção de fornos.

Queimador: trabalhador responsável pela queima da lenha no forno.

Queimagem: período de queima de um forno, podendo alternar em dias dependendo do tamanho.

Rastreio: estopim em espécie de cordão que queima em velocidade uniforme, para detonar explosivos em rochas nas pedreiras.

Relho: instrumento de couro e madeira para condução de animais de carga.

Ripar: cortar ou aparrar plantas em formato desejado.

Roçada: consumir toda lenha.

Terraço da pedreira: base cortada nas paredes de terra da pedreira, em forma de andaimes para melhor retirar as pedras.

Tina: espécie de balde de borracha, resistente para que pudesse ser preenchido de pedras menores (caroços) e não quebrava com os solavancos que sofria no trabalho.

Tombo: tarefa que existia durante a queimagem do forno que consistia em um trabalhador ou mais de carregar a lenha do pátio do forno para próximo da boca para ser jogada na bacia; arremessar ou carregar algum material de um lugar para outro (do chão para um caminhão) com algum instrumento, ferramenta ou sem a presença deles.

Tombador: trabalhador responsável por aproximar a lenha do pátio do forno da boca, local onde seria jogada na bacia para queima.

APÊNDICE 1

Roteiro de entrevista semiestruturada

- ✓ Nome Completo.
- ✓ Idade, Local de nascimento.
- ✓ Filiação.
- ✓ Endereço atual.
- ✓ Quando você começou a trabalhar na cal?
- ✓ Por quanto tempo trabalhou na cal?
- ✓ Quem o levou para o trabalho?
- ✓ Onde ou em quais locais você trabalhou?
- ✓ Sempre trabalhou na cal ou trabalhou em outras atividades?
- ✓ Mais alguém de sua família trabalhou com você? Era comum trabalhar com familiares? Por quê?
- ✓ Quem eram as pessoas que trabalhavam?
- ✓ Que tarefas você fez no trabalho da cal?
- ✓ Presenciou a construção de algum forno? Onde eram construídos? Por que eram construídos nesse lugar?
- ✓ Quais os fornos que você lembra que tinha na região?
- ✓ Como era feito a cal?
- ✓ Havia acidentes de trabalho? Quais tipos de acidentes? E por que você acha que aconteciam?
- ✓ O que se ganhava trabalhando na cal dava para sobreviver?
- ✓ Entre os trabalhadores e tarefas havia algum que ganhava mais que outro?
- ✓ O que se fazia quando não estava trabalhando na cal (sociabilidades)?
- ✓ Você trabalhou em outros lugares que produziam cal (caso a resposta seja sim)? Esse trabalho era igual ao da região do Juá? cal que era feita era da mesma forma e com a mesma qualidade da cal do Juá?
- ✓ Como era a relação com o patrão? Ele respeitava os trabalhadores?
- ✓ Você acha que ter trabalhado na cal causou algum problema de saúde?
- ✓ Por que o trabalho com a cal entrou em crise? Acabou?
- ✓ O que você achava do trabalho na cal?

- ✓ O que faz hoje você lembrar da época quando trabalhava nos fornos ou no contexto da produção da cal na região do Juá?

APÊNDICE 2

Tabela dos pontos da figura 6

ID	UTM E	UTM N	UTM Z	Grau de Integridade	Descrição	Data / Hora	Zona
1	172894	9107073	0	Ruínas	forno de Joãozinho	30/08/2022 19:53	25 L
2	172371	9106529	0	Preservado	Forno de Inácio	30/08/2022 22:22	25 L
3	172405	9105198	0	Derrubado	Local de forno de Ticaca 1	30/08/2022 22:25	25 L
4	172405	9105178	0	Preservado	Forno de Adilson 2	30/08/2022 22:26	25 L
5	171991	9104927	0	Remanescentes	Forno de Antônio Ferreira 2	30/08/2022 22:26	25 L
6	172294	9108398	0	Preservado	Forno de Zé Pequeno	30/08/2022 22:27	25 L
7	174524	9111461	0	Preservado	Forno de Xixi	30/08/2022 22:28	25 L
8	174787	9112042	0	Ruínas	Forno de Davi 2	30/08/2022 22:28	25 L
9	174857	9112084	0	Ruínas	Forno de Davi 1 (ruína)	30/08/2022 22:29	25 L
10	174038	9111505	0	Preservado	forno Baraúnas 1	30/08/2022 22:30	25 L
11	173667	9110636	0	Preservado	forno de Diassis	30/08/2022 22:32	25 L
12	172325	9105383	0	Preservado	Forno de Dão	01/09/2022 07:13	25 L
13	171407	9101105	0	Ruínas	Forno da Igreja	01/09/2022 07:14	25 L
14	173574	9105077	0	Preservado	Forno dos Pagãos	01/09/2022 07:17	25 L
15	175163	9104250	0	Preservado	Forno da Empresa 2	01/09/2022 07:18	25 L
16	825611	9107057	0	Ruínas	Forno de Pedro Gal 1	01/09/2022 08:13	24 L
17	825617	9107094	0	Ruínas	Forno de Pedro Gal 2	01/09/2022 08:13	24 L
18	173136	9105830	0	Ruínas	Forno de Dedé 2	01/09/2022 08:28	25 L
19	172559	9109380	0	Preservado	Forno preservado João Tejo 1	01/09/2022 08:29	25 L
20	172699	9109632	0	Ruínas	Forno em ruínas João Tejo 2	01/09/2022 08:30	25 L
21	172670	9107231	0	Remanescentes	Local do forno de Zé Preto	01/09/2022 08:31	25 L

22	172802	9107092	0	Remanescentes	Local do forno de Manoel Cosmo	01/09/2022 14:47	25 L
23	174289	9111696	0	Parcialmente preservado	Forno de Loló	02/09/2022 17:24	25 L
24	172785	9104361	0	Preservado	Forno preservado Zé Grosso	02/09/2022 19:02	25 L
25	172956	9104119	0	Parcialmente preservado	Forno Terreno de Ramo	03/09/2022 13:02	25 L
26	173569	9104273	0	Ruínas	Forno sem denominação	03/09/2022 13:11	25 L
27	172922	9106537	0	Ruínas	Forno em ruínas Dedé1	03/09/2022 13:25	25 L
28	172031	9105309	0	Preservado	Forno Adilson 1	04/09/2022 10:58	25 L
29	172270	9105695	0	Parcialmente preservado	Forno de Luiz Nogueira 1	04/09/2022 10:58	25 L
30	172271	9105726	0	Parcialmente preservado	Forno Luiz Nogueira 2	04/09/2022 10:59	25 L
31	171618	9104925	0	Preservado	Forno de Zezinho de Abdias	04/09/2022 10:59	25 L
32	172974	9106938	0	Ruínas	Forno de Leu	06/09/2022 20:00	25 L
33	173934	9111057	0	Parcialmente preservado	Forno de Bil Severino	06/09/2022 20:13	25 L
34	172779	9106276	0	Ruínas	Forno em Ruínas de Zé Pequeno 2	07/09/2022 14:36	25 L
35	175000	9104314	0	Parcialmente preservado	Forno da Empresa 1	07/09/2022 14:55	25 L
36	175260	9104495	0	Parcialmente preservado	Forno da Empresa 3	07/09/2022 15:04	25 L
37	174606	9104328	0	Ruínas	Forno da Empresa 4	07/09/2022 15:19	25 L
38	172476	9103917	0	Ruínas	Forno de António Ferreira	07/09/2022 15:34	25 L
39	172042	9105388	0	Parcialmente preservado	Forno de Ticaca 2	07/09/2022 16:55	25 L
40	174644	9111926	0	Ruínas	Forno de Loló	07/09/2022 17:54	25 L
41	173778	9111345	0	Ruínas	Forno de Antônio de Vina	07/09/2022 17:55	25 L
42	172167	9108864	0	Remanescentes	Local de forno vestígios Estrada do Papagaio	10/09/2022 16:34	25 L
43	830227	9101817	0	Ruínas	Forno da Mata 3	11/09/2022 12:42	24 L
44	830068	9101753	0	Preservado	Forno preservado Mata 2	11/09/2022 12:46	24 L

45	830016	9101765	0	Preservado	Forno preservado Mata 1	11/09/2022 12:46	24 L
46	830485	9101411	0	Ruínas	Forno da Mata 4 em ruínas	12/9/2022 06:55	24 L